

**MARCIO VEIGA DA SILVA**

**PROGRAMAÇÃO TELEVISIVA REGIONAL, IDENTIDADE E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL: O REGIONAL SOB O PONTO  
DE VISTA DOS PROFISSIONAIS DA CULTURA E SUA  
APLICAÇÃO NO PROGRAMA *ATUALIDADES***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Local, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Augusta de Castilho.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2008**

**MARCIO VEIGA DA SILVA**

**PROGRAMAÇÃO TELEVISIVA REGIONAL, IDENTIDADE E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL: O REGIONAL SOB O PONTO  
DE VISTA DOS PROFISSIONAIS DA CULTURA E SUA  
APLICAÇÃO NO PROGRAMA *ATUALIDADES***

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2008**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Título:** Programação televisiva regional, identidade e Desenvolvimento Local: o regional sob o ponto de vista dos profissionais da cultura e sua aplicação no programa *Atualidades*

**Área de Concentração:** Desenvolvimento Local e Dinâmicas Sócio Ambientais.

**Linha de Pesquisa:** Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora – Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Augusta de Castilho**  
**Universidade Católica Dom Bosco**

---

**Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel**  
**Universidade Católica Dom Bosco**

---

**Prof. Dr. Marcelo Marinho**  
**Universidade Católica Dom Bosco**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gladis S. T. Linhares**  
**Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da**  
**Região do Pantanal**

*“E não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”.*  
(autor desconhecido)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe que é a primeira razão da minha luta, pessoa de grande caráter e humildade. Uma mulher forte que sabe traduzir o sentido da vida na singeleza de um sorriso. Agradeço à Gabi e à Julia, minhas companheiras daqui pra frente, duas pessoas que me deram um novo motivo para viver.

Devo agradecer às professoras Maria Augusta de Castilho pela paciência e por acreditar que era possível e Cleonice Alexandre Le Bourlegat pela sabedoria e pela simplicidade, duas pessoas que estimulam qualquer ser humano o desejo de ser humano, de ser professor.

Agradeço à professora Regina Stela Andreoli pelo primeiro incentivo para entrar no Mestrado em Desenvolvimento Local e agradeço igualmente aos professores Josemar, Vicente Fidélis D'Ávila, Marcelo Marinho, Reginaldo Brito, Luis Carlos Ítavo Vinhas, Aparecido Francisco dos Reis e tantos outros mestres que em sala de aula ou nos corredores, sempre contribuíram para uma reflexão ou um ensinamento. E agradeço também aos meus colegas do mestrado, turma de 2006 pelo convívio fraterno e alegre.

Não poderia deixar de agradecer duas pessoas, que, perto ou longe, sempre acreditaram em mim, o professor José Paulo Gutierrez e a Professora Nosimar Rosa, pessoas de grande estima e carinho, referenciais de força e persistência num local onde tive muitas barreiras, mas também muitos apoios, a UCDB, instituição que também agradeço por todas as dificuldades. Talvez se fosse mais fácil não teria tanto valor.

Para não ser injusto, agradeço por fim à uma pessoa muito cara e que por muitas vezes me estendeu a mão quando precisei, Padre Jair Marques de Araújo, ex Pró-Reitor Acadêmico da UCDB.

Muito grato a todos.

## RESUMO

Este estudo investiga a contribuição da programação televisiva regional na formação da identidade cultural de Mato Grosso do Sul. Objetiva-se conhecer a opinião de 10 profissionais da cultura a respeito do conceito de regionalidade, a partir da noção da territorialidade e no contexto do Desenvolvimento Local, avaliando, todavia, a sua aplicação no programa *Atualidades*, único programa de cunho cultural exibido na principal emissora de televisão do Estado, a TV Morena. O regionalismo abordado nesta investigação tem como parâmetro a noção de regional como projeto, ou seja, a delimitação de uma identidade e a produção de sentido dessa identidade como regionalidade. O estudo traz duas noções de construção dessa regionalidade, uma como imposição de uma idéia regional, ou seja, um recorte; e outra como construção territorial, ou seja, a delimitação de uma regionalidade por conta da capacidade de se destacar como identidade regional. O texto traz contribuições de desenvolvimento a partir da ação interna no território e questiona até que ponto uma regionalidade como imposição pode implicar na formação da identidade cultural de um lugar. O espaço como construção coletiva, e que ganha corporeidade na ação física do território, ganha destaque como caminho viável para se pensar o Desenvolvimento Local, respeitando as comunidades em sua essência. Por fim são investigadas as potencialidades da televisão como importante instrumento para divulgação e o desenvolvimento de identidades territoriais, e busca-se, de acordo com as teorias e opiniões apresentadas, a aplicação desse conceito de regionalismo no programa televisivo em destaque.

Palavras-chave: Televisão, Desenvolvimento Local, Territorialidade, Identidade e Regionalismo.

## **ABSTRACT**

This study investigates the role of local television in the formation of the cultural identity of South Mato Grosso. The aim is to detect the opinion of 10 professionals related to culture as to the concept of “regional”, taking as a starting point the notion of territoriality in the context of Local Development, and evaluate this application to the program Atualidades, the only program related to culture shown on the main broadcasting station of the State, the TV Morena. The regionalism addressed in this research is based on the idea of project, the delimitation of a sense of identity and the production of identity as a Regionality. The study brings two concepts of building of this Regionality, one of them as an imposition of a regional idea, or a clipping, and other as a territorial construction, or the delimitation of an identity for the ability to deploy as a regional identity. The text brings also notions of development from internal action of the territory and questions to what extent a Regionality as imposition may involve the formation of the cultural of a place. The concept of space as the collective construction, and who earns his physical body in action, earn featured as a viable way to think about Local Development respecting the communities in its essence. They are investigated as capabilities of the television as an important instrument of dissemination and development of the regional identities an, what is search, according to the theories and opinions submitted, the application of the concept of regionalism in the TV programme highlights.

Key words – Television, Local Development, Territoriality, Identity and Regionalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>1 DESENVOLVIMENTO LOCAL, CAPITAL SOCIAL E PARTICIPAÇÃO</b> .....	06
1.1 COMUNIDADE .....	10
1.2 CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL .....	15
<b>2 TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E REGIONALISMO EM MATO GROSSO DO SUL</b> .....	19
2.1 ESPAÇO .....	22
2.2 IDENTIDADE CULTURAL E REGIONALISMO EM MATO GROSSO DO SUL .....	24
2.3 A REGIÃO COMO PROJETO: REGIONALISMO .....	29
<b>3 TELEVISÃO E IMAGINÁRIO NO BRASIL</b> .....	37
3.1 BREVE HISTÓRIA DA TEEVISÃO BRASILEIRA .....	38
<b>4 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL A PARTIR DA PROGRAMAÇÃO REGIONAL DA TELEVISÃO LOCAL</b> .....	42
4.1 TV MORENA E PROGRAMAÇÃO REGIONAL EM MATO GROSSO DO SUL .....	42
4.2 IDENTIDADE CULTURAL E REGIONALIDADE NA TELEVISÃO SOB O PONTO DE VISTA DOS PROFISSIONAIS DA CULTURA .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>ANEXOS</b> .....	68



## INTRODUÇÃO

Próximo de completar 60 anos, a televisão é alvo de duras críticas e responsável por boa parte da formação cultural brasileira. Como característica principal ela tem uma abrangência que chega a 94% dos lares brasileiros (PNAD/IBGE, 2005). Outro fator a ser observado é o processo tecnológico, que agrega novos aliados na construção de um super meio de comunicação, que dia-a-dia veio se tornando um poderoso instrumento de formação de imaginários e potencializador de estereótipos (MARCONDES FILHO, 1988 e FERRÉS, 1996).

No Brasil a televisão surgiu em 1950, através do sonho do paribano Assis Chateaubriand. Desses 58 anos para cá o meio veio se fortalecendo, ganhando popularidade e até mesmo veneração por parte da população. Ela substituiu consideravelmente boa parte dos meios de formação cultural como o cinema, teatro, dança, música, etc. Emissoras como Globo, Record, Bandeirantes e SBT, entre outras, cobrem praticamente 100% do país com uma programação produzida quase que totalmente nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo proporcionando um tipo de informação produzida nesses dois Estados e distribuída para todo o país, muitas vezes desconsiderando culturas locais.

Muitas lacunas ainda não foram preenchidas sobre o papel cultural desse meio em relação às comunidades locais e seu papel na formação da identidade cultural e sua potencialidade para o Desenvolvimento Local.

Apesar das críticas nessas quase seis décadas, desde a sua criação, é necessário observar também o papel social da televisão como meio de comunicação mais popular do país e sua influência na cultura local. Os canais de televisão e rádio são concessões públicas cedidas pelo governo federal, para serem exploradas de acordo com a Lei; é um bem público que deve ser explorado com participação e respeito às comunidades.

A televisão desde a sua chegada no Brasil tem características políticas e comerciais (PRIOLLI, 2000) e essa tendência perdura até hoje, fazendo com que o meio selecione os conteúdos que serão veiculados, por ordem de audiência que gera maior

faturamento. Dessa forma muitos valores culturais regionais são deixados de lado em nome do lucro gerado pela captura do público assistente.

Em 1991, Jandira Feghali, Deputada Federal pelo PC do B do Rio de Janeiro, apresentou um Projeto de Lei que regulamentaria o disposto no artigo 221 da Constituição. Se o projeto de Jandira tornasse Lei, as emissoras abertas seriam obrigadas a dedicar um percentual de 25% de sua grade, compreendida entre às 5 horas da manhã até a meia noite, para a produção local. O Projeto foi aprovado na Câmara somente em 2003 e até hoje aguarda aprovação no Senado Federal (PL 256/91 – CONGRESSO NACIONAL).

Fica ainda mais um questionamento: que tipo de identidade cultural as emissoras locais estão ajudando a formar com as suas programações regionais? Qual o significado de uma oferta de programação local em torno de 25%, já que, atualmente, as emissoras de Mato Grosso do Sul dedicam um percentual de 8% em média para programação local? E até que ponto uma lei que obrigasse as emissoras a produzirem e exibirem conteúdos culturais locais tem impacto na cultura local? Por fim, será que a televisão local está preparada para assumir essa produção?

Enquanto a Lei aguarda aprovação é necessário promover uma avaliação da oferta que as comunidades têm de programação regional nas emissoras locais. O presente estudo propõe investigar a inserção da cultura regional em um dos programas da TV Morena de Campo Grande, o programa *Atualidades*, único da emissora de cunho cultural que retrata os motivos culturais locais.

A proposta do projeto é investigar a opinião de 10 profissionais atuantes no meio cultural campo-grandense a respeito da questão regional e comparar com o que é praticado no programa em questão.

Durante as entrevistas a programação da TV Educativa foi citada por quatro das dez pessoas entrevistadas. Mesmo com a emissora não exibindo programação local no momento, programas como *Olhares* e *Alma Guarani* ganharam destaque na análise feita pelo público pesquisado.

Ainda sobre a programação da TVE, um dos entrevistados fez uma leitura bastante importante sobre a visão do regional como aspecto rural. Ao citar o programa *Ruralidades*, que é de produção do próprio entrevistado, ele comenta que existe um estereótipo ao caracterizar o regional como o rural, todavia, ele defende a liberdade de se utilizar elementos sonoros e visuais diversos, nem sempre se comprometendo com a música sertaneja e o jeito caipira de falar.

O programa *Atualidades* foi citado espontaneamente por três entrevistados como exemplo de programa regional. A pesquisa teve o cuidado de não direcionar a investigação para o programa em questão, mas sim avaliar até que ponto esse programa é considerado como regional por esse público, através dessa espontaneidade e através de comparação das informações fornecidas por esses entrevistados e que foram comparadas com o que é veiculado no programa.

A escolha do programa *Atualidades* nessa investigação se deu por conta da sua audiência. É um programa exibido num horário acessível, aos sábados, mais precisamente à uma e meia da tarde, ou seja, num momento em que boa parte da população já está em casa. É um programa que possui uma boa estrutura técnica e de produção.

A TV Morena, emissora que exhibe o programa *Atualidades* é a emissora local mais antiga do Mato Grosso do Sul. Surgida em 1965 a emissora acumula um histórico de programação regional desde o primeiro dia de seu funcionamento, é claro que, a tendência nessa época, em que as emissoras eram praticamente regionais, os programas também eram produzidos localmente. Na atualidade a TV Morena apresenta dois programas jornalísticos durante a semana, sendo um dos noticiosos com duas edições diárias, ou seja, o *MSTV 1ª e 2ª edições* e o *Bom Dia MS* com apresentação na parte da manhã. A programação local da emissora conta ainda com um programa que retrata a cultura do campo e agronegócios, e que tem repetição no domingo, o *MS Rural* e por fim, a emissora exhibe o *Atualidades* também aos sábados das 13h30 minutos às 14h15 minutos.

O percentual de programação local dedicado pela emissora em dias de semana e aos finais de semana é de 8% em média.

O conceito de regional discutido nesse estudo reúne importantes autores da sociologia e da geografia a fim de compreender e diagnosticar de que forma os movimentos regionalistas tem importância para o desenvolvimento local. Para tanto é necessário também consultar a opinião de diversos setores da sociedade como forma de compreender como a sociedade constrói a sua confiança no que tange a sua identidade cultural a partir do uso do território.

A questão regional é muito pouco discutida na sociedade sul-mato-grossense e por conta disso gera-se alguns sentidos comuns que emperram a elaboração de políticas realmente efetivas para o desenvolvimento local, levando-se em consideração em primeiro lugar um dos objetos dessa pesquisa, a inserção do regional em emissoras de televisão. Fica então mais um questionamento: qual a perspectiva da construção de uma identidade regional a partir da regionalização da programação televisiva como um projeto de imposição como é proposto por Jandira Feghali? Nesse estudo observamos com cautela a questão, a fim de apresentar algumas proposições sobre o assunto, a partir de uma programação *não-obrigatória*, como vem fazendo a TV Morena através do programa *Atualidades*.

Com a finalidade de cumprir com os objetivos propostos no projeto, foi realizada uma pesquisa de campo de cunho qualitativo com 10 profissionais atuantes na área cultural campo-grandense. A metodologia apontou o caminho da entrevista semi-estruturada a fim de colher informações sobre a opinião do público alvo a respeito do assunto regionalização e a sua aplicação em um programa da televisão local. O trabalho buscou ainda na análise do programa *Atualidades*, dados para serem confrontados com a opinião do público entrevistado.

O primeiro capítulo traz noções de desenvolvimento a partir da ação interna do território, dos valores locais e do capital social presente na comunidade, além da capacidade de articulação e participação da população em busca de sua qualidade de vida. O segundo capítulo traz a idéia de formação de uma identidade cultural e a noção de territorialidade, e de que forma é possível pensar um projeto de regionalismo em Mato Grosso do Sul sem implicar verticalmente na cultura local. Busca-se nesse capítulo subsídios para responder à uma das principais lacunas desse trabalho que é o questionamento se existe a possibilidade de criação de um projeto de regionalismo a partir de ações previamente pensadas.

No terceiro capítulo observa-se o papel da televisão regional como instrumento de participação e potencial papel de desenvolvimento comunitário. Por fim, a pesquisa aponta algumas considerações sobre a possibilidade de se pensar a criação de uma identidade cultural local a partir da programação regional da televisão local.

O trabalho buscou diagnosticar essa relação entre o público entrevistado, referencial teórico e análise do programa *Atualidades* a fim de apresentar considerações a respeito do assunto também com o objetivo de propor novos estudos a respeito do tema regionalização, um assunto pouco discutido num Estado criado recentemente, mas que tem potenciais para Desenvolvimento Local, bastando, no entanto, uma discussão mais séria da aplicabilidade da idéia regional nos meios culturais, em especial no meio televisivo.

## 1 DESENVOLVIMENTO LOCAL, CAPITAL SOCIAL E PARTICIPAÇÃO

Como consta no Novo Dicionário Aurélio, desenvolvimento significa adiantamento, crescimento, aumento, progresso. Esse conceito de desenvolvimento remete a um senso comum de desenvolvimento, apenas como ações físicas e visíveis, como pavimentações, construções etc. Sobre o assunto, Ávila (2001) procurou desmembrar o termo “desenvolver”, destacando o seu significado como “tirar o que envolve”, ou seja, possibilitar que o que estorva qualquer coisa possa ser *des-envolvido*.

Muitas ações, em especial as governamentais, as assistenciais e os projetos culturais que “levam” para diversos públicos o “desenvolvimento”, terminam promovendo mais um *envolvimento* quando o ator principal não é chamado para participar. Para Boisier (2001), o desenvolvimento só é alcançado quando promove a satisfação do ser humano e a integração dele com a natureza e com as tecnologias.

Ainda sobre o assunto, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) liga o conceito de desenvolvimento, em primeiro lugar, ao ser humano. Para o órgão, Desenvolvimento Humano é a noção de avanço de uma população, não somente sob os aspectos econômicos, mas também culturais e políticos que influenciam a qualidade da vida (PNUD, 2008). Boisier (2001) destaca, por outro lado, o desenvolvimento como o resultado da satisfação das necessidades humanas. Ele considera esse conceito como um processo onde a coletividade se reconhece num cenário de subjetividade, que deve fortalecer os níveis de confiança, reconhecimentos e sentidos coletivos.

A necessidade de relacionar o desenvolvimento ao bem estar do homem, está ligada ao fato de ser inviável pensar ações que não atendam em primeiro lugar a qualidade de vida e os avanços da pessoa (MARTINS, 2002), se o desenvolvimento atende apenas a alguns indivíduos ou contempla ações contra a coletividade, então não há desenvolvimento e sim acumulação individual.

As tendências comerciais e políticas do meio televisivo põem em risco essa dialética de valorização do ser humano como principal beneficiário das programações. A busca pelo patrocinador a todo custo e a utilização de motivos puramente comerciais

estereotipam as culturas locais e começam a gerar uma desconfiança no telespectador que passou a tomar a atitude de mudar de canal. Por conta disso, os programas locais de televisão começam a voltar sua programação para motivos regionais, a fim de causar essa identificação com o telespectador. A TV Morena, principal emissora de TV aberta de Mato Grosso do Sul, atualmente insere em sua programação jornalística uma espécie de jornalismo comunitário. São matérias ao vivo em praças e bairros das cidades a fim de aproximar-se mais da população. Esse tipo de programa mostra realidades locais e propõe ações para resolver problemas presentes nos bairros. Normalmente utiliza meios participativos como esquetes e entrevistas com o morador a fim de diagnosticar as maiores urgências acionando em seguida o poder público para que resolva a questão.

Esse tipo de participação gera uma confiança na emissora como uma justiceira que agiliza os demorados processos de melhoria, principalmente em bairros periféricos.

Para se pensar o desenvolvimento é necessário compreender a forma como os indivíduos agem sobre um território e de que maneira eles aspiram, desejam e criam seus projetos e planejamentos de vida. É indispensável, no entanto, conhecer o seu local de solidariedade e construção social. José Carpio Martin, teórico espanhol define essa construção territorial como “[...] uma base territorial da convivência cotidiana, na qual a cooperação e a solidariedade se fazem pela convivência e a contigüidade. As relações familiares, a emoção e sentimento compartilhados, garantindo mais comunicação e solidariedade orgânica” (MARTIN et alii 2001, p. 27).

O papel das emissoras ao adentrarem os bairros e apresentar soluções possíveis tem duas faces. A primeira diz respeito à expectativa que a população tem de se valer de um meio tão poderoso e tão eficaz em ações de cobrança, e a segunda diz respeito à ação das emissoras sem considerar a participação social. Não existe, no entanto, uma relação de construção territorial empreendida pelo agente exógeno (a televisão) para o centro da comunidade. Segundo Martin (2001) é preciso saber respeitar também o direito que as comunidades tem de lidar com essas inserções.

Para Buarque (1999) o Desenvolvimento Local resulta de interesses coletivos, é a geração da qualidade de vida de forma autêntica e sustentável pela ação da coletividade. O autor considera que esse processo requer uma ação endógena para promover o dinamismo

econômico e a melhoria da qualidade de vida mediante a mobilização das capacidades e potencialidades específicas, o que é na verdade uma forma de mobilização e iniciativas locais em torno de um projeto. A busca pela parceria da emissora termina se constituindo como uma mobilização que a comunidade faz para aproximar esse parceiro tão importante, sabendo de antemão dos resultados. Da mesma forma a televisão sob o ponto de vista cultural oferece para as comunidades uma amostra da cultura local. Apesar de oferecer pouco tempo para retratação das culturas locais, ela consegue criar uma unificação e divulgar muito do que se produz no Estado.

A emissora passa a se constituir também como um espaço de solidariedade, que para Ávila (2000), é também onde as pessoas compartilham valores, costumes e representações simbólicas. O autor salienta ainda que, as relações sociais dinamizam-se nesse ambiente, ganham vida e criam novas buscas, visando atender, ao nível de bem estar social, ou seja, a qualidade de vida.

É importante ressaltar que a noção de qualidade de vida é fundamental para se compreender a idéia de desenvolvimento para determinada comunidade, pois, a partir do momento em que é possível compreender essa noção, também será possível compreender o que a comunidade é capaz de fazer para alcançar esses objetivos. Quais são as forças internas e a capacidade de geração de alternativas, um protagonismo que nasce da necessidade de se alcançar um bem estar.

Martin et alii (2001) lembra que o Desenvolvimento Local nasce tanto desse protagonismo real quanto da valorização da diversidade cultural local, ou seja, das ações culturalmente localizadas no momento em que a comunidade se torna capaz de assumir esse papel conscientemente. Rozas *apud* Martins (2002) vê o Desenvolvimento Local como uma organização comunitária em torno de um projeto e que serve como orientação e condução para superação da pobreza. Ávila (2000, p. 71 e 72) entende o Desenvolvimento Local como um instrumento que se constitui como:

[...] única proposta de progresso integral em nível local [...] capaz de despertar e impulsionar a própria comunidade localizada a se desenvolver social, cultural, econômico e ecossistemicamente, na condição de sujeito e não como mero objeto de seu próprio progresso.



É necessário no projeto de Desenvolvimento Local que os indivíduos sejam agentes locais, que eles se importem e criem propostas a partir de idéias do próprio grupo engajado/territorializado nos desejos e projetos em busca de se desenvolver. Martins et al. (2001) considera Desenvolvimento Local como um processo que visa estimular o bem estar da comunidade, principalmente com a participação ativa dos moradores. Não só dos moradores e recursos internos, mas também saber lidar com os recursos externos que devem ser utilizados de forma autônoma e inteligente. É imprescindível que a comunidade local assuma de fato essa responsabilidade, porque a sustentabilidade do empreendimento depende exclusivamente dela.

Outro fator importante a ser destacado é a função dos indivíduos dentro da sociedade. Para o Desenvolvimento Local, a satisfação do ser humano é fundamental. Pedro Demo (1988, p. 71) afirma que “[...] não há democracia sem o ator principal, que é o cidadão”. A valorização do ser humano como razão principal para o Desenvolvimento Local é a maneira de garantir que ele se sinta parte, e obrigado a zelar pela realidade proporcionada. É um processo que se configura como democrático e democratizante (DEMO, 1988), tornando o ser humano o principal agente de seu desenvolvimento.

Para saber canalizar todos os recursos, é necessário que a comunidade tenha autonomia, tendo como base a identidade e a cultura local. Os recursos internos, todavia, devem ser canalizados quando existirem níveis de confiança e capital social satisfatório dentro da comunidade. A valorização dos recursos internos, bem como a canalização dos recursos externos são pressupostos fundamentais para a idéia de Desenvolvimento Local. O processo de desenvolvimento parte da dinâmica territorial da comunidade na construção da sua prosperidade, bem como da otimização do capital social e dos níveis de relacionamentos presentes no seio da comunidade.

A busca desse desenvolvimento se dá de diversas formas, e uma delas é o papel dinâmico da cultura que ganha nos meios de comunicação a sua materialização. Os veículos de comunicação tornam-se articuladores e comunicadores da coesão comunitária. Essa divulgação gera uma proximidade entre os moradores da comunidade, e quando essa cultura ganha um plano decodificado, ou seja, ganha espaço em outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão, a cultura local passa a ser exposta para outros grupos culturais, gerando

uma sensação de auto-afirmação da identidade em relação ao outro e a confiança em relação ao grupo social.

### 1.1 COMUNIDADE

A base das relações humanas que propiciam o desenvolvimento é a comunidade. Essa organização social é constituída pelas relações presentes em um determinado espaço, físico ou não. Para Guareschi (2002), o que determina a sua classificação como tal são as relações entre as pessoas em seus deveres e direitos, garantindo a todos a vez e a voz, e que cada indivíduo deve ser respeitado em sua singularidade e onde a diferença seja ponto positivo de reafirmação da identidade, e assim, tornar-se um fator de desenvolvimento.

Baptista (1978) considera a comunidade um sistema vivo, mutável e variável, uma dinâmica de relacionamentos que determina os rumos de um grupo de pessoas. Guareschi (2002) assinala que a diferença e a singularidade de cada indivíduo constituem-se o caráter identitário, é a alteridade que a comunidade precisa ter para garantir o seu desenvolvimento sem tropeços. Guareschi (2002) afirma ainda que para acontecer a democracia pressupõe uma “atmosfera” capaz de estabelecer um caráter comunitário, o que, por sua vez, demanda participação.

O sentido da comunidade dentro dos meios de comunicação ganhou maior destaque na Internet. As chamadas comunidades virtuais não perdem em quase nada para a idéia de comunidade expressa pelos dois autores citados há pouco. A alteridade encontrada nas comunidades fisicamente localizadas. É possível perceber na retratação e ou divulgação das culturas locais. O sentimento de pertença se faz através da divulgação de alguma identidade, unindo o desunido através de recursos que as emissoras possuem. Por outro lado, a retratação das comunidades de maneira estereotipada pode gerar sérios abalos. Segundo Martin-Barbero (2004), a exotização das culturas locais gera um não reconhecimento e assim a desconfiança, fazendo com que os grupos mais vulneráveis como as crianças e jovens passem a negar a própria cultura com receio do ridículo.

A comunidade, segundo Martins (2002), requer em primeiro lugar a participação para que o processo tenha legitimidade e não se configure como ações jogadas de cima para baixo. Nesse caso, em se tratando de emissoras de televisão, existem dois formatos de

participação. A participação direta, quando o munícipe, ou o morador do bairro presta uma entrevista para a emissora, nesse caso é uma parcela muito particular do universo; e a participação indireta, quando uma opinião coletiva é respeitada ou quando a cultura local, ou seja, os elementos que identificam a cultura local são compreendidos pelos produtores de televisão e são transmitidos de forma digna e justa sem comprometer o seu conteúdo.

Martins (2002) assegura ainda que acima dos benefícios a participação deve ter mais valor no processo de desenvolvimento, pois é ela que garantirá a continuidade das ações. Dessa forma, o indivíduo verá como seu, também, o que foi criado em sua comunidade. Para que ocorra esse processo é necessário que as pessoas estejam engajadas e motivadas, através de debates, reuniões, grupos de trabalho, etc (ROCHA et al, 2005).

No caso dessa participação indireta, quando o cidadão não tem o direito de escolher diretamente o que vai ser exibido na emissora, quando diz respeito à sua comunidade, ele tem outra importante arma que a tecnologia ofereceu nesses últimos 58 anos desde o surgimento da televisão no Brasil, o controle remoto. Hoje em dia se muda de canal com muito mais facilidade, obrigando os produtores a compreender melhor e oferecer uma melhor programação, sob o risco de perder a audiência.

Bordenave assegura que a participação é inerente à natureza social do homem “[...] a frustração dessa necessidade de participar constitui uma mutilação do homem social” (BORDENAVE, 1994, P. 17). Uma sociedade sem confiança, onde as pessoas não podem participar, é como se ocasionasse de fato uma exclusão do sentido de ser cidadão, pois daí decorre que ele não conhece os seus direitos e, portanto, não consegue cooperar com outras pessoas. Demo (1988) denomina esse fato como “morte do tecido social” e da cidadania (DEMO, 1988) [grifo meu].

Não é justo delegar a televisão, tão somente, o papel de meio que aliena as pessoas e as transforma em sujeitos incapazes de ter um raciocínio próprio a respeito de qualquer coisa. É necessário analisar as diversas instituições que promovem esse tipo de situação ao cidadão brasileiro. A sociedade em seu todo precisa criar canais de participação visando à gestão local e a utilização do capital social presente na comunidade. O estímulo à participação e à consciência crítica são maneiras de fazer com que os indivíduos assumam

seus papéis. Dessa forma as pessoas criticam menos e passam a assumir responsabilidades pelo seu destino.

A participação é um processo consciente e conscientizador onde os indivíduos exploram suas capacidades de desenvolver a si e a sociedade (ROCHA et al., 2005). Quando esses indivíduos se conscientizam da sua importância para a dinâmica social, eles se inserem no processo político, pois passam a colaborar ativamente para o desenvolvimento local (TEIXEIRA, 2002).

Por outro lado, muitas pessoas não participam por não acreditarem em suas próprias capacidades; outros não confiam na estrutura social, principalmente nos políticos. Essa animosidade faz com que todo o capital social da comunidade vá se perdendo por conta da falta de participação dos indivíduos. Teixeira (2002) destaca o papel simbólico da participação como “ações identificantes” [grifos meus], no sentido de produzir símbolos que servem para os membros da comunidade identificar sua realidade e mudar de atitude quando tiver cabimento. Para que isso ocorra, deve haver uma consonância com a comunidade, principalmente através dos meios de comunicação, principais criadores de imaginários. Teixeira (2002, p.44) argumenta que essas “ações” devem tornar-se “visíveis para serem tematizadas em espaços públicos e incorporadas na agenda dos que decidem”. Nesse caso a televisão devido a sua abrangência torna-se um importante canal de divulgação e participação, divulgando os valores e referenciais locais.

De qualquer forma é necessário analisar o papel das emissoras de televisão na sociedade brasileiras. TVs como Globo, SBT, Bandeirantes e Record, entre outras passaram a fazer parte da cultura local. A dinâmica social brasileira já incorporou esse meio de comunicação e não consegue pensar ou agir sem ele. É necessário saber respeitar esse direito da sociedade, é um meio técnico que se tornou cultural e os próprios usos que se fazem dele tem que ser respeitado em sua autonomia.

Como diz o geógrafo Marcelo Souza (1995), o território se constitui por relações de poder e somente através de ações constituídas na sociedade, através de leis, de movimentos sociais, culturais e comunitários é que a sociedade começa a dar novos rumos, constituindo como elementos culturais praticados no território, através de relações de poder como informou Souza (1995). Para que qualquer ação ou projetos criados por organismos externos

às comunidades, configurem-se como potenciais para o Desenvolvimento Local, deve-se respeitar em primeiro lugar o espaço de cada comunidade, a sua organização social e as suas formas de ação, solidariedade, cooperação, participação, confiança e capital social, essa é uma construção territorial que será respeitada desde que exista um laço realmente forte.

Deve observar também como essas comunidades criam essa solidariedade ativa através da sua dinâmica territorial, como elas constroem as suas aspirações através do sentido do espaço e tempo, e de que maneira é possível colaborar sem influenciar verticalmente, zelando para que não ocorram prejuízos na formação cultural, social, geográfica e histórica das comunidades.

Para Ávila (2001), é possível entender uma comunidade pelo nível do capital social que ela possui, ou seja, a qualidade dos relacionamentos em uso pelos seus membros. Para o autor, estes relacionamentos garantem a união, coesão e cooperação em torno de uma identidade comum. Haesbaert (1999) entende que, para que ocorra o fenômeno territorial, os habitantes devem fazer uso da noção espacial, ou seja, dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, instalados na mente e que servem de guia para as práticas sociais.

Dolfuss (1991, p. 55) salienta que “[...] para bem compreender uma sociedade, será necessário conhecer os espaços freqüentados por seus diferentes membros e descobrir os motivos dessa freqüentação e a noção que tem esses membros de sua organização”. É importante conhecer e respeitar a sua noção de espaço, pois é por meio dela que se dá a construção do território. Tuan (1980) argumenta que a comunidade se faz da emoção do espaço, e a idéia de lugar e comunidade cria um elo afetivo entre as pessoas e o seu ambiente físico. O autor acredita que “[...] ocorre um sentimento do indivíduo em relação ao espaço físico que habita, a chamada topofilia. Essa experiência fornece o estímulo sensorial que, ao agir como uma imagem percebida dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129).

Tuan (1980) considera ainda esse conceito como gerador de sentimento que impregna a percepção do indivíduo. É a formação de um espaço como imagem percebida. Para Dollfus (1991, p. 82) “[...] cada agrupamento humano possui uma percepção própria do espaço por ele ocupado e que, desta ou daquela maneira lhe pertence”.

A formação do espaço pelo uso do território é o que Damatta (2000, p. 15) chama de “[...] domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inesperadas”. O uso e o sentimento em relação ao território criam essas imagens espaciais que garantem uma construção simbólica que prepara a comunidade para sua dinâmica, animada por essas categorias sócio-culturais. Correa (1995, p. 31) entende esses fatores como práticas cotidianas que abastecem o conteúdo cultural das pessoas participantes de um mesmo grupo. Além dessa relação comunal com o ambiente físico existem os relacionamentos humanos que criam uma identidade coletiva e uma identidade pessoal (LE BOURLEGAT, 2006). A comunidade vem carregada de simbolismos construídos ao longo do tempo pela relação espacial entre os indivíduos e o uso do território.

Baptista (1978, p. 45) comenta que a: “[...] comunidade excede à mera comunidade local, abarcando todas as formas de relação caracterizada por um alto grau de intimidade pessoal, profundidade emocional, compromisso moral, coesão social e continuidade no tempo”. O autor salienta que as práticas humanas dentro de uma comunidade extrapolam a idéia de simples coletividade e torna-se um instrumento de análise reflexiva do homem, é pensar a comunidade além das relações primárias ou secundárias, é a reafirmação do papel político da coesão social.

Martins (2002, p. 54) entende o território como toda a sua capacidade, como meio inovador, “[...] à medida que é considerada **fator** [grifo meu] e não apenas *lócus* da inovação, isto é, do pensamento criativo que, na forma de empreendedorismo e planejamento de ações, se voltam para a solução de problemas sociais, econômicos e ambientais”.

A coesão social se dá através da prática no território, pois as aspirações e projetos enraizam-se no seio da comunidade a partir das necessidades extraídas de dentro dela mesmo por meio das relações dialéticas com outras culturas. Essas aspirações e projetos requerem que os indivíduos enxerguem o próximo como possível auxiliar na busca de seu desenvolvimento, saindo do plano individual para o coletivo; e assim as relações se estabelecem num sentido de uso das potencialidades locais e valorização do capital social.

## 1.2 CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

O processo de Desenvolvimento Local requer que a comunidade encontre um nível de confiança para que consiga realizar tarefas do dia-a-dia. A confiança é uma riqueza presente na comunidade que faz parte do chamado capital social. Segundo Fukuyama (1996), a confiança é um conjunto de hábitos, costumes e atitudes morais presentes na comunidade. O autor destaca que “[...] a confiança é a expectativa que emerge de uma comunidade em que seus membros se caracterizam por certo comportamento estável e honesto, e por regras comumente partilhadas” (FUKUYAMA, 1996, p. 36). É um processo de relacionamento social que gera uma auto-organização “capaz de superar qualquer disfunção” (ISNARD, 1982, p. 23). Esta auto-organização é a capacidade que a comunidade tem de fazer circular esse capital social, que é a confiança, pois através dela pode-se chegar à coesão, cooperação estimulando a participação em movimentos e empreendimentos. O conjunto de ações humanas que forma o capital social se insere na estrutura social e no cotidiano dos indivíduos; é um conjunto de arranjos inteligentes, colaborações, inovações, cooperações e alternativas presentes nas comunidades que passam a utilizá-lo na construção da prosperidade coletiva (PUTNAM, 1996).

Esse capital social é capaz de promover na comunidade atitudes positivas por parte dos indivíduos e quando ele é ausente ou pouco percebido torna a comunidade desconfiada e com as relações enfraquecidas.

Segundo Vanier (1982, p. 10), existe uma relação de descoberta quando se vive em comunidade. É o momento em que o indivíduo passa do plano individual para o plano coletivo. “A comunidade torna-se então o lugar em que nós podemos ser nós mesmos sem medo e sem constrangimentos. A vida comunitária aprofunda-se na confiança mútua entre todos os membros”. A confiança configura-se como um dos principais atributos necessários ao Desenvolvimento Local, e rede que alicerça as relações sociais. Através da confiança, a comunidade se fortalece com a capacidade de cooperar em busca de projetos comuns, afastando a idéia de individualismo.

Assman et al. (2002, p. 223) salienta que os “[...] incentivos para a aprendizagem social são importantes para criar um clima de confiança e colaboração que fomenta a aprendizagem social”. O autor nesta mesma obra destaca a aprendizagem social como uma

força inteligente que consegue superar quaisquer problemas que ocorram na comunidade, como catástrofes, danos, mudanças inesperadas, etc.

Uma comunidade com os atributos que formam o capital social consegue encontrar a sua prosperidade com muito mais facilidade. Souza (1990) atenta para o fato de a capacidade criadora não ser apenas individual, mas que seja colocada a serviço do desenvolvimento social. A inteligência social deve criar respostas para a realidade atual.

A reflexão sobre o desenvolvimento implica a necessidade de recuperar a sabedoria coletiva e a inteligência social, porque a própria reflexão está relacionada ao futuro incerto de nossa sociedade-mundo. Ações sociais positivas que são praticadas na comunidade servem de referenciais para outras pessoas que fazem parte do grupo e não conhecem essas ações. Esses referenciais constroem um “[...] *ethos* coletivo que oferecem um lugar de reconhecimento e legitimidade” (CARVALHO, 1995, p. 47). A perda desses sentidos ocasiona um enfraquecimento na idéia de comunidade, ou seja, uma desconfiança, facilitando o individualismo e o desrespeito à alteridade e identidade locais.

O capital social constitui a riqueza própria da comunidade. Esse atributo é composto de diversas partes responsáveis pela coesão social e assim o seu desenvolvimento. Para Souza (1995), existe um conjunto de ligações que permite ao indivíduo identificação com seu grupo, é uma “argamassa” (grifo do autor) social que fortalece a coesão e facilita a cooperação.

A cooperação, no entanto, é mais um atributo que, presente na comunidade constitui o seu capital social. A força do Desenvolvimento Local está ligada à capacidade que as pessoas têm de se envolver e gerar a sua própria satisfação. Para que ocorra o Desenvolvimento Local na comunidade é necessário que o ser humano não seja somente o alvo das ações, mas também o protagonista. Para que ocorra esse processo, o ser humano necessita facilitar e partilhar com os outros atores ações em prol do seu bem estar, é a chamada cooperação: “[...] uma prática democrática mais direta e participativa que estimula as propostas e soluções criativas, que, surgindo de baixo para cima devem resultar coincidentes com as aspirações, ilusões e desejos de cada um” (MARTINS et al., 2001, p. 121).



A interação leva os atores a uma mudança de comportamentos; as relações sociais, oriundas da cooperação, obrigam as pessoas a respeitarem a individualidade de cada um, como ponto positivo para a alteridade, e com isso colaborar de forma individual para a coletividade e seu desenvolvimento. Rocha (2005) acredita que à medida que os atores cooperam e se relacionam, é necessária a criação de instâncias de diálogo e mecanismos participativos que consolidem essa confiança, sendo indispensável estimular a participação através de questões comuns que devem ser discutidas e resolvidas conjuntamente.

Para que ocorra o Desenvolvimento Local através da cooperação dos atores, deve-se considerar também uma ética individual, que é a solidariedade, a capacidade que o indivíduo tem de assumir papéis perante uma coletividade e atuar contra as injustiças sociais e pela cidadania (ASSMAN et al., 2002).

“A *solidariedade* representa um estado de ânimo, impressões, crenças e convicções que geram volitivos, afetivos e efetivos, laços de mobilização e cooperação, [...] visando soluções ou equacionamento de problemas, necessidades ou aspirações coletivas e/ou individuais de qualquer tipo ou natureza” (ÁVILA, 2001, p. 42).

A solidariedade nasce de um sentimento altruísta dos indivíduos pela sua comunidade, tomando para si as questões comuns e responsabilizando-se pessoal e coletivamente por ela (ASSMAN et al., 2002). É um tipo de capital que se enfraquece com a falta de confiança e participação; por isso é necessário utilizar ações solidárias como referenciais dentro da comunidade. É preciso demonstrar o sentido da interdependência entre os indivíduos e o ambiente, valorizando a cooperação entre os atores.

Para Beltran (1992, p. 25) a solidariedade é um sentimento de companheirismo fraternal, uma compreensão das atitudes e razões do *outro*, e o reconhecimento da relação de interdependência e ajuda mútua entre o *eu* e o *outro*.

Kashimoto et alii (2002, p. 40) acreditam que “[...] somente a solidariedade pode estancar os efeitos dinâmicos e excludentes que decorrem das forças de mercado e do processo de crescimento alheio a qualquer controle e regulação”.

Mais uma vez é necessário destacar o papel simbólico das ações, principalmente, das solidárias. A solidariedade como referencial, praticada e referenciada na comunidade, possibilita a criação de valores. Sobre esse assunto, Reboredo (1995) comenta que os movimentos populares possibilitam às pessoas uma experiência de participação e confiança exigindo a responsabilidade de todos na criação de estratégias de desenvolvimento para o bem comum.

A solidariedade é uma ética necessária para a coesão do grupo, é um sentimento que demanda de cada um por uma vontade própria, ou sensibilizado por alguma situação de comoção, ou respeito ao sofrimento alheio, ou pela busca de um bem comum.

Valores humanos como a solidariedade têm mais facilidade para se infiltrar na comunidade quando divulgados através dos canais de comunicação. A relação desses canais com a cultura local promove um bem estar social capaz de aglutinar as diversas identidades presentes no território.

## **2 TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E REGIONALISMO EM MATO GROSSO DO SUL**

Segundo Correa (1995), a reprodução social se dá numa base física, numa cidade, numa vila, ou acontece numa base não física, ou seja, através da idéia de comunidade, uma proximidade ideológica que transforma um grupo de pessoas mesmo distantes com idéias comuns numa comunidade. Essa dinâmica social é permeada por um substrato mental, uma idéia de espaço, uma construção em um determinado tempo, aquilo que um grupo social realiza num determinado local, num determinado tempo e que se inscreve na história. O autor salienta ainda que o espaço organizado condiciona o homem e o faz compartilhar de um complexo processo de existência e reprodução. A dinâmica territorial é a vivência desse espaço e conseqüentemente, criadora de espaço ou “mapas” que são aplicados no cotidiano, territorializando um local a partir da experiência individual.

Claval (1979) destaca um aspecto muito importante da territorialidade, para ele as manifestações em um território são mais legítimas e com menos chances de serem controladas externamente, porque ganham vida por conta da ação de cada indivíduo que, de posse de uma noção espacial, realiza as suas aspirações, ambições, planos e projetos coletivamente. O território é uma solidariedade concreta, é o palco das relações humanas, mediada pela experiência espaço-temporal. Moraes et al. (1999, p. 20) ressalta a importância do território na criação da solidariedade e participação. Para este autor “[...] a formação de um território dá as pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização”. O território neste caso configura-se como uma materialidade das ações, capaz de gerar referências comuns entre os participantes do mesmo grupo social. É uma base sólida, construída de acordo com as relações sociais, que ampara a identidade e a cultura local. Para Souza (1995, p. 108), o território é a materialidade onde é possível a aplicação das relações e onde a vida acontece e é animada pela idéia espacial. O autor considera o espaço como “[...] suporte material da existência e, mais ou menos fortuitamente, catalisador cultural-simbólico e, nessa qualidade indispensável fator de autonomia”.

Nessa perspectiva, as pessoas que habitam um determinado espaço físico devem possuir ou criar condições de vivência, relações, práticas sociais, desejos e aspirações. Essas

condições dinamizam-se naturalmente sem qualquer tipo de imposição e são formas de territorializar naquele *espaço* [grifo meu] construindo todas as ações humanas, capazes de manter ou reforçar a idéia comum. Elas são, no entanto, um suporte para as relações humanas, dependendo dos níveis de confiança dentro do território; os grupos passam a ter condições de criar um ambiente legítimo dotado de confiança e assim promover o seu desenvolvimento. O território nesse caso é um campo articulador da coesão comunitária.

Essa confiança presente no território é que garante que meios totalitários e verticais não promovam imposições sem que a própria comunidade permita. Ao afirmar que os meios de comunicação alienam o indivíduo, os diversos autores críticos, embasados num academicismo comum, esquecem do papel do território (MACHADO, 2001), da dialética que cria o espaço e garante essa autonomia para a comunidade decidirem o que é e o que não é positivo para ela. Os meios de comunicação, todavia, fazem parte dessa dialética territorial, tanto eles quanto todos os movimentos presentes na comunidade colaboram para essa formação territorial e espacial.

Bonnemaison (2002) comenta sobre uma certa “profundidade espacial”, ou seja, o nível das relações dentro do território. Para ele, o território passa por uma “qualidade”, uma espacialidade coerente, uma formação de imaginários e de caracteres que possibilitam uma territorialidade fincada em fortes referências, construídas a partir do território. Nesse caso, o território dá segurança, cria a identidade e as relações dinâmicas; e o espaço se abre para a liberdade, mas às vezes também para a alienação.

O território configura-se também como uma forma de “sentir-se” em segurança, e o espaço é a referência que guiará a construção desse território. Souza (1995) destaca que ao mesmo tempo em que o território cria o símbolo, a cultura, a identidade, a liberdade e a alienação, ele possibilita um recorte espacial, ou seja, destaca esse movimento, cria também uma espacialidade. Todos esses atributos são gerados no território e reproduzidos ao longo do tempo no mesmo território ou em outros lugares. Esses referenciais podem trazer uma experiência positiva de desenvolvimento, podem também fazer esse mesmo desenvolvimento por conta das relações praticadas ou permitidas no território. Ações totalitárias e verticais, com ou sem intenção de sê-las, oferecem novas experiências nessa construção mental.

Os meios de comunicação, as ações de governo e as tecnologias são definidas por Claval (1979) como relações de poder. Para ele qualquer ação utilizada para modificar um meio, explorá-lo ou tirar proveito dele, é considerado como poder. São relações em menor ou maior grau, mas que a própria dinâmica social vai dizer o que é e o que não é aceitável quando adquire autonomia para isso. Souza (1995, p. 86) afirma que “[...] o território é um *campo de força*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna define ao mesmo tempo um *limite*, uma *alteridade*, a diferença entre o nós e os outros”. Essa relação de poder também será considerada externamente na relação com o outro. É, no entanto, uma construção coletiva que tem por objetivo amparar as relações e impedir imposições arbitrárias.

Para Raffestin *apud* Bonnemaision (2002, p. 126), a territorialidade é uma relação com a lateralidade, “[...] o território é, primariamente, uma determinada maneira de viver com os outros, em inúmeros casos seus limites são os das relações cotidianas”. Ou seja, o território tem vida própria e reconhecível pelas suas características homogêneas e regionalidade, bem como pelas suas relações sociais e espacialidade. Essa diferenciação territorial, geradora da alteridade, é o que dá margem para as relações externas com os outros territórios ou com os vários lugares que compõe um mesmo território. Assim, o grupo social que constrói continuamente um território, territorializa e desterritorializa diversos elementos simbólicos e culturais a todo tempo (HAESBAERT, 1999/b). Para Souza (1995), um grupo só é compreendido pelo seu território; pela forma como ele dá uso para um solo a partir da experiência. Esse território poderá ser percebido através dos canais de exposição dos elementos culturais. O geógrafo sintetiza seu raciocínio argumentando que a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes, e as identidades sócio-culturais são ligadas a atributos desse mesmo espaço concreto.

Souza (1995) utiliza na mesma obra o termo “espaço em uso”. Essa definição do autor demonstra a subjetividade do termo. O espaço é algo bastante abstrato que só vai se fixar numa construção territorial e ganha conotação de reprodução contínua ou descontínua, gerando uma dinâmica na formação do território. Enfim, o território é um espaço em constante vivência, dinâmico e cotidiano; e essa prática cotidiana abastece o conteúdo cultural das pessoas e do grupo (CORREA, 1995). O território facilita a vida, torna-se lugar das relações humanas e sociais, é criador de identidades e gerador de cultura, mas é também mutável dependendo das relações em seu interior.

## 2.1 ESPAÇO

A sociedade cria o seu espaço para garantir as suas realizações e reproduzir aquilo que é criado no cotidiano. A noção de espaço está ligada principalmente a algo abstrato, mas que se concretiza, formando um território. As relações sociais dentro de uma comunidade formam um traçado construído ao longo do tempo que serve de substrato para novas realizações. É a garantia das relações que se perpetuam com as características daquele povo para que nesse espaço possa se repetir e perpetuar a sua cultura (CORREA, 1987).

A compreensão da espacialidade dos grupos sociais facilita as ações internas do território (SANTOS, 1996b). Muitas ações são realizadas por meios arbitrários e verticais, sem levar em consideração aspectos tão caros da dialética social. Santos (1999) na obra *A natureza do espaço* observa o respeito que se deve ter à sociedade; as suas ações e suas razões para agir de forma própria e original. Ainda sobre o assunto, o autor destaca que o espaço é um reflexo da sociedade. Em *La totalidad del lugar*, o geógrafo argumenta que “[...] la organización del espacio es también una forma, un resultado objetivo de una multiplicidad de variables actuando a través de la historia, de inercia pasa a ser dinámica” (SANTOS, 1996, p. 25). O espaço é, no entanto, uma construção social, humana e só se torna concreta através dessa noção; ele só se territorializa quando consegue reproduzir em um determinado lugar gerando uma ação.

Segundo Correa (1995, p. 26):

[...] uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade”. Milton Santos (1999) reforça a idéia de Correa salientando que a sociedade anima as formas espaciais "atribuindo-lhe um conteúdo, uma vida.

O sociólogo Roberto Damatta (2000) colabora com o assunto ao afirmar que o espaço é uma criação humana a partir das suas práticas e discursos. Damatta (2000, p. 30) comenta ainda que a noção de espaço vem embebida de valores, e que “[...] o espaço se confunde com a própria ordem social”.

A idéia de espaço está baseada exclusivamente no ser humano, pois só haverá espaço a partir da criação e de uma estruturação mental de um território vivido, ou seja, um mapa criado a partir de uma experiência. Callai (1999, p. 23) argumenta que:

O espaço é o palco onde acontecem os fatos, mas também ao mesmo tempo resultado da vida dos homens, das lutas sociais, dos interesses econômicos e políticos. E assim ele se torna um dado a mais na definição de como as coisas podem acontecer, interferindo nas dinâmicas sociais, colocando limites, ou favorecendo situações.

As sociedades articulam-se, descobrem seus desejos, esperanças e expectativas e aspiram seu desenvolvimento a partir da noção de espaço, desse mapa mental formado ao longo da vivência. Le Boulenger (2006) comenta que a produção desse mapa mental ganha função semiótica, ou seja, é a "[...] interiorização do mundo por meio de imagens externas". Michel Certeau (2001) argumenta que as experiências individuais formam no intelecto do sujeito um mapa que certamente o guiará em suas ações. Segundo Correa (1995), o ser humano dá sentido às coisas a partir do uso delas. Nessa perspectiva não é necessariamente o território, mas práticas cotidianas que abastecem de conteúdo cultural as pessoas participantes de um mesmo grupo. É possível compreender, no entanto, que o espaço é a construção de valores para diversas situações. O simples fato de existir a materialidade não basta, deve-se considerar primeiramente se aquela materialidade tem ou não significado, se há algum substrato mental que considera aquela matéria e se esse substrato tem a capacidade de reconhecer e animar aquele objeto. "Somente quando lhe são atribuídos valores, quando são transformadas em *espaço*, se torna espaço, porque forma-conteúdo" (SANTOS, 1999, p. 88).

A noção de espaço é imprescindível para entender a dinâmica da sociedade, até mesmo para que as ações exógenas sejam calcadas num respeito a essa construção social, endógena. Cabe às coletividades compreender o seu papel e assim conseguir se resolver a partir dos atributos culturais espacialmente instalados na comunidade (CALLAI, 1999). As lutas, os movimentos sociais e as diversas ações consideradas importantes nos campos da política, educação, cultura e intelectualidades auxiliam as sociedades, cada uma de uma forma peculiar, a gerar a sua noção de espaço.

O espaço é a reprodução mental daquilo que a sociedade produz, produziu anteriormente e que serve de base para a prática territorial (CORREA, 1995). Bonnemaïson (2002, p. 128) salienta que o espaço é uma representação da dinâmica social, que ele não é criador de identidades, mas um "vazio alienante, que só se humaniza pela mudança cultural". Sob essa perspectiva, o espaço não forma identidade, pois esta se concretiza no território; ele é uma inscrição daquilo que a sociedade pode fazer em prol da identidade cultural, mas só ganha vida no território e é animada pela subtração mental. Nesse sentido, o espaço é uma oportunidade de se entender de que forma a sociedade se organiza. Ele se torna uma

referência dinâmica do grupo social, permeando a sua trajetória e não um aspecto identitário ou cultural.

Santos reforça que o espaço é matéria praticada, e em constante transformação, presente no cotidiano dos indivíduos impregnando as suas maneiras de pensar. “[...] são elementos passivos que condicionam a atividade do homem e comandam suas práticas sociais” (SANTOS, 1996, p. 137).

A cultura, a identidade, as práticas e relações sociais, os meios de comunicação, as tecnologias e outros elementos que fazem parte de um território, quando não são criados ou praticados pelos indivíduos, super-impõem uma dinâmica adversa àquela que o grupo social está acostumado, “especializado”, criando uma contrariedade por não se configurar como algo com condições de ser aceito pelo grupo, pois são ações externas que não possuem a base espacial gerada pela e sim na/para a comunidade. Daí vêm as queixas das ações que gastam muitos recursos e não são aceitas pelo grupo em questão. A razão é simples, porque muitas vezes elas não fazem parte do cotidiano, pois não são uma construção resultante da participação dos indivíduos, ou seja, não tem legitimidade.

Marilena Chauí apresentou um exemplo no livro *Conformismo e resistência* de ações governamentais que foram refutadas pela comunidade local, pois elas não condiziam com a realidade do grupo, com suas práticas e costumes (CHAUI, 1996). Essas ações podem até ser interessantes por uns momentos, enquanto é novidade, mas com o passar do tempo não geram a sustentabilidade, pois não fazem parte do cotidiano daquele grupo. Demo (1988) lembra que, mesmo que uma ação não seja gerada na comunidade, ela pode ser aceita e gerar resultados, desde que se invista de caracteres do grupo, ou que seja aceito e gerenciado pelos participantes dele e que tenha base local.

## 2.2 IDENTIDADE CULTURAL E REGIONALISMO EM MATO GROSSO DO SUL

Mato Grosso do Sul, em 2007, completou 30 anos de criação. Através de uma Lei Complementar de 11 de outubro de 1977, surgiu, desmembrado do antigo e extenso Mato Grosso. O movimento divisionista é um dos maiores referenciais que o Estado possui. Fruto de grandes lutas políticas, a questão da divisão serviu de moeda de troca das oligarquias do sul que, quando contrariadas pelas do norte, resolvia reascender a idéia separatista (Weingärtner, 1995). Além desse movimento, que, tempos depois, quase deu a Vespasiano



Barbosa Martins, em 1932, o título de primeiro governador desse pedaço de chão (VALLE, s/d), o estado possui ainda uma forte miscigenação de povos de diversas partes do mundo, em especial libaneses, japoneses, sírios etc, além de influências paulista, goiana, sulista, entre outras (SÁ ROSA, 1992). A escritora salienta que para compreender a cultura sul-mato-grossense é necessário compreender o caráter plural dessas interações (SÁ ROSA, 1992).

O Estado foi constituído oficialmente há muito pouco tempo, e ainda há uma confusão quanto a sua formação identitária. No primeiro parágrafo da introdução do livro *A moderna música popular urbana de Mato Grosso do Sul* José Octávio Guizzo comenta que “[...] somos um povo sem identidade cultural definida”. O livro foi escrito pouco mais de quatro anos após a divisão do Estado, em 1982. Mas, o que vem a ser essa identidade cultural e de que forma é possível percebê-la, defini-la? Haesbaert (1999) salienta que a identidade é um conjunto de elementos constituídos em um território e dinamizada por meio das relações de poder. É uma base de reconhecimento e de afirmação, mas é também diferenciação do outro. Para o autor, a percepção da diferença é fundamental para a afirmação do grupo cultural (HAESBAERT, 1999), ou seja, a diferença em relação ao “outro” e a igualdade em relação ao “nós”. Quais são os canais e caminhos que o povo sul-mato-grossense mira para ver refletir sua identidade cultural? Ou será que mesmo depois desses 30 anos ainda não é possível percebê-la?

Depois da criação do Estado, os canais de interação e absorção de conhecimentos são outros. A televisão hoje, com 58 anos de idade, tornou-se o meio de comunicação mais poderoso do país, capaz de formar ou deformar culturas (MARCONDES FILHO, 1988). Os movimentos de interação e formação cultural, como as artes em geral, capazes de oferecer, a partir de experiências locais, esses referenciais na formação da identidade cultural, perderam seus espaços durante essas três décadas, desde a criação do Estado. Sá Rosa (1992) lembra que “[...] as artes são o espelho onde se reflete a cultura do Estado”. Não é preciso empreender nenhuma pesquisa científica para perceber a falta de investimentos públicos nesse setor e a incipiente produção artística. Durante esses trinta anos ficou ainda mais acentuado o papel da televisão na formação da identidade cultural de Mato Grosso do Sul. Com exceção da TV Morena, todas as outras emissoras em funcionamento no Estado surgiram após a divisão.

A cultura local se territorializa através dos meios de expressão, em especial os

artísticos e a falta ou ineficiência deles contraria o papel social que a cultura possui. Hoje 97,34% da população de Mato Grosso do Sul recebe grande parte das informações através da programação da TV Morena, principal emissora do estado e retransmissora da TV Globo, e nessa perspectiva, a identidade cultural do Estado passa a ser mediada por esse meio de comunicação (ATLAS DE COBERTURA/ TV GLOBO, 2007).

Para Barbalho (2004), a identidade é o elemento que garante a busca de uma característica original que faz frente a outras identidades. Essa característica original é uma fonte de reconhecimento e que serve como um fator de alteridade, um imunizante, uma autoafirmação das características próprias, aquilo que é aceito como afirmação do grupo (BARBALHO, 2004, CASTELLS, 1999). Segundo Taylor *apud* Haesbaert (1999, p. 175), “[...] é no encontro ou no embate com o outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue e que, por isso, ao mesmo tempo pode promover *tanto o diálogo quanto o conflito* com o outro”. Esse imunizante que se constrói com o tempo, é um conjunto de informações afirmativas que gera uma referência comum; uma tradição, uma exposição da cultura local em um nível mais amplo, etc. Tudo isso se constitui como uma identidade comum, mas que se diferencia das outras identidades. Na relação entre o Eu e o Outro, o primeiro tem mais poder, afirma Souza (1995), o Eu no caso, me reconheço como tal e julgo o Outro pela diferença que nos constitui; determino um estímulo e o Outro deverá possuir códigos que reafirmem a sua identidade, possibilitando que ela perceba a sua diferença para poder dialogar sem perder a sua autonomia.

Daí a necessidade de se construir esse cabedal de referências a fim de preservar a originalidade da cultura local. A maior influência cultural na sociedade moderna está dentro das próprias casas, a televisão. O fato de a televisão ser um meio técnico, com todas as suas limitações, suas tendências e influências comerciais, além do seu formato vertical de transmitir mensagens, pode se configurar como um instrumento perigoso na retratação da cultura local, quando não ocorre, todavia, esse imunizante, essa autonomia, a fim de evitar que, de uma forma vertical, uma pessoa ou um grupo de pessoas que dirigem os meios de comunicação interfiram em questões que envolvem toda uma coletividade.

O teórico espanhol, radicado na Colômbia, Jesus Martin-Barbero lembra que todas as mudanças que a globalização produz sempre vem enredadas pela questão mercantilista e pelo “fatalismo tecnológico” que legitimam o desarraigamento das nossas culturas (MARTIN-BARBERO, 2004). Haesbaert (1999, p. 175 e 176) afirma que existem

certas dificuldades no reconhecimento do outro em sua plenitude “[...] tendendo-se sempre, por meio de um processo classificatório, a padronizar, criar um parâmetro único de comparação, hierarquizando ou ‘desigualizando’ aquilo que deveria ser visto apenas como diferente”.

Mato Grosso do Sul, é um Estado recém formado juridicamente, herdou o nome de seu “genitor”, Mato Grosso, como um filho que recebe o nome do pai e, em compensação, recebe o adendo Júnior, passando então a ser chamado pelo nome complementar e não pelo nome original, porque seu nome não é original. Muita confusão tem sido gerada a partir da denominação do novo Estado, o do Sul às vezes recebe o nome do irmão do norte. É difícil encontrar a raiz desse problema, mas, uma das primeiras razões é o costume de se denominar os dois Estados como Mato Grosso, especialmente as pessoas mais velhas que de uma forma ou de outra se recusaram a assimilar essa mudança.

Taylor (1993) salienta que a identidade se molda num reconhecimento ou na falta dele. Para ele, essa falta de reconhecimento pode ser também um falso reconhecimento; nessa perspectiva, o indivíduo ou grupo de pessoas pode sofrer sérios danos, gerando uma visão equivocada e nociva à formação cultural. O autor complementa a idéia afirmando que esse falso reconhecimento “[...] puede ser una opresión que aprisione a alguien en un modo de ser falso, deformado y reducido” (TAYLOR, 1993, p. 44).

Isnard (1982), enfatiza que a identidade é uma construção territorial capaz de criar uma estrutura de fixação dos elementos comuns. O indivíduo cria estratégias e as aplica, bem como recebe os resultados dessas estratégias, numa relação de troca numa base territorial (LEME, 2006). A identidade possibilita um nível de abstração que passa pela razão e emoção no espaço. Através de pontos de identificação comuns, os indivíduos reorganizam seus projetos e criam a sua prosperidade por conta dessa identidade. É um Recorte (HAESBAERT, 1999/b), um Projeto (CASTELLS, 1999), nada mais do que uma regionalidade, um sentimento e uma vontade de se valorizar, abstrair o sentido dessa regionalidade e oferecê-lo a coletividade numa construção territorial. Quando essa identidade está enfraquecida pela desconfiança e pelas más relações, ou seja, um território com problemas, torna-se, portanto, uma comunidade sem laços e confiança interna. Sendo assim, ações totalitárias e imposições culturais contrariam a dinâmica territorial, deformando o espaço social e a identidade local.

Castells (1999, p. 24) descreve diversos tipos de identidades, entre eles a

*identidade de projeto*, destacando que “[...] quando os atores sociais utilizam-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade”. Por esse viés, é possível lembrar dos símbolos criados ou existentes nas sociedades que suscitam algum tipo de sentimento em determinado grupo social. Para Damatta *apud* Haesbaert, (1999, p. 174), a sociedade cria símbolos que figuram como referências importantes no envolvimento de todos. Além do sentido do símbolo, Haesbaert lembra que “[...] a identidade possui um aspecto territorial, uma base material que serve de referência para construção de muitas identidades” (HAESBAERT, 1999, p. 174).

A busca de uma política afirmativa na construção de um imaginário, recorrendo a referenciais locais, é destacado por Woodward (2005, p. 17) que lembra que: “[...] é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar”. A autora demonstra que os sentidos gerados pelas identidades se constituem como alternativas de construção subjetiva de algo que se almeja, reforçando as aspirações individuais e coletivas e não sendo somente a circulação de informações presentes no território (WOODWARD, 2005).

Alguns autores acreditam que a identidade também pode ser formada a partir de um projeto. KOPP (2001, p. 110) salienta que “[...] identidade é construída sobre imagens, sobre representações que desejamos glorificar ou encontrar”. A autora destaca ações de resgate que promovem uma identificação. Busca-se num passado glorioso ou em explicações da natureza elementos que se ligam ao grupo social em questão, e esse fator pode se tornar um importante elemento de identificação e, com isso, despertar para o desenvolvimento cultural local. Haesbaert (1999, p. 180) detalha melhor essa idéia comentando que: “[...] a construção imaginária da identidade envolve, portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade”.

Essa ancoragem no passado histórico pode ser mais do que uma reafirmação de identidade, mas pode também ser a construção de novas identidades no presente (WOODWARD, 2005). A identidade cultural pode ser construída, no entanto, a partir desses recortes, da valorização de alguns aspectos reconhecidamente aceitos pela maioria, ou também no resgate de um elemento que se configura como ponto de identificação cultural, ou seja, um fato histórico, uma paisagem, uma luta de classe ou uma construção simbólica, ainda que contemporânea quando eles conseguem se afirmar como elemento de identificação criam

uma regionalidade.

Dessa maneira, fica ainda a questão sobre a definição de uma identidade cultural de Mato Grosso do Sul. Quais são os meios de difusão dos elementos culturais capazes de gerar essa identidade, além da televisão? Sendo ela o principal meio de comunicação do estado, será que ela cumpre com o papel de difusão e fortalecimento da identidade cultural?

Apesar das grandes emissoras de TV como a Globo, o SBT, a Bandeirantes e a Record as chamadas <sup>1</sup>“cabeças de rede”, possuem <sup>2</sup>“afiliadas” em quase todas as cidades do país, elas ainda produzem em média 90% do conteúdo que é transmitido para as mais de 5 mil cidades brasileiras. Fica destinado, então, para emissoras regionais como a TV Morena, um espaço de menos de 10% da grade, considerando o horário entre as 5 horas da manhã e meia noite, para geração de conteúdo produzido localmente, e, em geral, orientado pela emissora “cabeça de rede”.

No entendimento do Ministério das Comunicações as emissoras afiliadas das grandes redes são consideradas emissoras regionais. Segundo o decreto 97.057 de 10 de novembro de 1988, uma Estação Radiodifusora Regional “[...] se destina a servir diversas localidades situadas em áreas que, a critério do Ministério das Comunicações, possam considerar-se como integrantes de uma mesma região” (BRASIL, 1988). Essa definição de regional restringe-se apenas a uma delimitação física, não considerando qualquer questão cultural. É preciso compreender mais apuradamente o conceito regional e sua importância na formação da identidade cultural. É preciso, no entanto, entender essa regionalidade aplicada aos meios de comunicação, investigando seu papel e sua potencialidade na colaboração de uma identidade cultural a partir de aspectos culturais do lugar.

### 2.3 A REGIÃO COMO PROJETO: REGIONALISMO

Para se compreender a idéia de regionalismo é necessário antes empreender um estudo sobre região. Segundo Gomes (1995), o termo região vem do latim *regio*, que deriva de *regere*, reger, governar, reinar. Cerro (2003) apresenta um argumento que concorda com a originalidade do termo, para ele região tem relação com imposição de uma autoridade, uma delimitação de área regida por uma idéia impositiva. Correa (1998) informa que o termo foi

---

<sup>1</sup> Emissoras, em geral de programação nacional, que geram programas e distribuem para as emissoras sediadas em Estados e municípios.

<sup>2</sup> Emissoras locais que retransmitem programação de determinada emissora “cabeça de rede”.

criado na antiga Roma para denominar a divisão territorial, a fim de promover a organização político-administrativa do Império, e daí vem o sentido que ainda hoje é utilizado principalmente no que tange a áreas administrativas.

Cervo argumenta ainda que as regiões podem ser definidas de diversas formas, mas tendo como característica principal a idéia de delimitação a partir de algum grau de homogeneidade. As regiões geográficas, segundo Cervo, são determinadas pelas características físicas, acidentes geográficos, fatores climáticos ou biomas biológicos e ambientais, o autor fala ainda das regiões econômicas que tem como características principais os fatores econômicos e atividades produtivas; as regiões políticas que têm como base a organização administrativa das regiões históricas que se baseiam em acontecimentos do passado influenciando as idéias e ações dos homens e, por fim, das regiões culturais que são formadas por diversos fatores que condicionam a organização do território. Esses fatores de identificação e experiências históricas e contemporâneas oferecem referenciais a uma determinada população e a diferencia de outras por conta dessas características (CERVO, 2003).

Lencioni (2003, p. 100) considera a região o principal objeto de estudo da geografia. Para a autora a região, é “[...] um espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, fruto de uma história que teceu relações que enraizaram os homens ao território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos espaços contíguos”, é uma particularização em relação ao todo. Essas características homogêneas são consideradas pelo grupo social como iguais dentro do território e diferentes em outros territórios. É uma construção espacial consciente ou não, que se territorializa formando a região, uma delimitação por conta da diferença que se constitui e pelo sentido da diferença.

Sandra Lencioni lembra que um dos principais movimentos regionalistas aconteceu na França no século XVIII. O país passava por um processo de auto-afirmação nacional frente à indústria, ao urbanismo e à modernidade que ameaçavam o local “[...] dissolvia lugares, esgarçava os laços entre as pessoas e enfraquecia a idéia de comunidade local”. Foi necessário na época um discurso regionalista de valorização da memória e identidade local como forma de auto-afirmação. Vidal de La Blache denominou esse movimento de *região-personagem*, por conta do discurso performativo com que eram retratadas as paisagens, a arte e a cultura francesa (LENCIONI, 2003, p. 101).

Lacoste (2001) criticou La Blache a respeito de sua idéia de *região-personagem* como recorte regional e gerador de sentidos. Para Lacoste (2001, p. 64), La Blache ocultava as demais configurações do espaço; para ele esse tipo de movimento regionalista é “[...] uma espécie de reação inconsciente que vai ao encontro da superimposição das representações espaciais provocadas pelo desenvolvimento da espacialidade diferencial”. O autor acredita ainda que esta forma de descrever a região é uma tentativa de impor uma expressão de permanência e de autenticidade. Segundo Lacoste (2001, p. 64), essa idéia de regionalidade era “[...] para a maioria das pessoas, um meio de ‘aí se encontrar’ dentro da confusão de outras organizações espaciais, de maior ou menor envergadura”. Essa idéia de regionalidade, no entanto, tem o poder de imposição de uma identidade cultural, em detrimento de outras formas de organização espacial.

A região ganha uma conotação espacial a partir das ações e relações praticadas no território. A formação e a prática cultural subsidiam valores e aspirações que são destacados como importantes pontos de identificação. Esse processo se dá de forma horizontal como uma construção própria da comunidade e de forma duradoura. Lencioni sintetiza essa dinâmica de construção espacial ao destacar que os sentimentos e valores modelados pela cultura no dia-a-dia da comunidade possibilitam a noção de como é possível compreender o sentimento que o homem tem de pertencer a uma região. Gomes (1995) vê a região como um produto real construído num quadro de relações territoriais. Ele acredita que a região é uma das multifaces do território construída interna e não externamente. Ele finaliza seu pensamento salientando que a comunidade cria a região pela sua vivência. São relações internas do território que destacam importantes pontos de identificação comuns.

A construção de uma regionalidade como forma de ressaltar valores culturais pode ter um viés negativo pautado na imposição de uma idéia. A idéia de Desenvolvimento Local preza a participação e o processo endógeno na criação da prosperidade. Um processo de regionalização a partir de um objetivo, normalmente criado por indivíduos e não pelo coletivo, requer uma precaução para não se tornar sem efeito. No entanto, Pedro Demo (1988) acredita que a comunidade poderá reconhecer esse projeto como seu, mesmo que vindo de fora, desde que se revista de traços culturais do grupo.

Certeau (2001, p. 212) concorda com a idéia de região construída a partir de relações sociais internas. Ele defende que “[...] a ‘região’ vem a ser, portanto, o espaço criado

por uma interação”. Esse arranjo territorial surge da prática social, das relações que subsidiam os indivíduos e oferece para eles uma consciência dessa prática, em geral comparada a outros territórios, como forma de diferença. Haesbaert destaca a importância da regionalidade como uma valorização da diferença e com o poder de divulgá-la a partir dos meios culturais. O pesquisador gaúcho exemplifica a divulgação do diferente, até mesmo do exótico, que a partir de produtos diferenciados cria-se uma opção de divulgação do local (HAESBAERT, 1999).

Haesbaert (1999) continua sua observação destacando que a regionalização é uma revalorização do singular e da diferença como um contraponto à globalização. A regionalização tem o papel de revigorar essa diferença e destacá-la com um fim. Esse sentimento a cerca de um aspecto cultural cria um recorte regional, atribuindo valores e tornando-o valorizado quando aceito pela maioria. No aporte de Amorim (2007) a regionalização pode ser compreendida não como um ato de dividir espaços segundo alguns critérios, mas como um processo de reestruturação do espaço social. Para os dois autores, Haesbaert (1999) e Amorim (2007), a regionalização tem o objetivo de promover a dinâmica territorial na estruturação do espaço. Ela é um alimento que busca no uso do território formas de transformação espacial.

O aspecto regional tem a capacidade de produzir as particularidades, ou seja, particularizar algum aspecto e atribuir-lhe valor e valorizar as singularidades, que são atributos naturais, culturais e sociais que se destacam por si só, mas que sofrem uma superimposição de valores e se destaca como importante para um fim (HAESBAERT, 1999).

Amorim destaca ainda que as regionalizações são espaços de implantação de projetos baseados em políticas públicas ou ações de criação de uma identidade cultural (AMORIM, 2007, P. 17). Esses movimentos regionalistas surgem de lutas de pequenos grupos que buscam destacar no lugar aspectos positivos e interessantes com o intuito de criar uma identidade (AMORIM, 2007, p. 17).

A idéia de regionalidade passa por dois viés, uma regionalidade, como projeto pensado capaz de se territorializar e gerar identidades, e uma regionalidade que surge da ação interna do território, ou seja, aspectos culturais que, por razões diversas, são valorizados, destacados do seu lugar comum, como um atleta ou um artista que se destaca internamente e passa a ser uma referência, uma cultura agrícola ou uma erva medicinal que possui forte valor simbólico e ainda uma ação individual ou coletiva que é aclamada pela coletividade. Esses



aspectos ganham uma certa notoriedade e servem de referencial capaz de organizar as relações no território.

Para Bourdieu (2004), a regionalidade tem um objetivo anterior à identidade, ela prepara o discurso para depois tornar-se identificável. O autor defende ainda o regional como capaz de se tornar discurso e gerar identidades. De qualquer maneira, as duas formas de regionalidade destacadas nesse estudo possuem um mesmo objetivo, a capacidade de gerar, deliberadamente, ou não um discurso e gerar pontos de identificação.

Oliven (2001) assinala que a diferença entre a identidade e a regionalidade é que a identidade é um conjunto de referências que se aglutina em torno de um objeto ou fenômeno e o fato de destacar essas referências, tornar essa identidade interessante, ou então o simples fato de essa diferenciação existir, cria-se uma regionalidade. Nessa perspectiva, Gomes (1995) destaca que os movimentos regionais ou regionalistas são vistos como movimentos de defesa das diferenças e por isso ganham a simpatia de um grande número de pessoas, tornando-se um importante instrumento de divulgação da cultura local.

A regionalidade, para Bonnemaïson (2002), vem da dialética do espaço e do território. Para ele a região é o sistema de regulação onde se integram espaço e território, ou seja, a idéia de construção espacial que forma o território a partir de aspectos culturais enraizados ou que podem se enraizar nele. É necessário compreender que a dinâmica espacial ao constituir a regionalidade torna-se concreta, formando-a a partir de atributos culturais considerados como autênticos ou expressivos por parte da comunidade. Gomes (1995) considera a região como uma convenção aceita pela maioria, um código que se territorializa, tornando uma referência e geradora de sentidos.

A região como construção espacial é considerada sob o ponto de vista de diferenciação da individuação e da submissão à coletividade. Esse conceito está muito próximo do conceito de identidade, mas essa subjetivação ganha uma conotação menos antropológica e passa a ser uma construção mais política, quando se ressaltam os aspectos da identidade de forma positiva com um fim definido e promover uma diferenciação perceptível (BOURDIEU, 2004). A regionalização é defendida também como alternativa para a criação ou o fortalecimento de uma identidade cultural, Gomes (1995) acredita que a região, dentro da perspectiva política, deixa de ser um meio e passa a ser um produto. Ou seja, a idéia regional passa a ser uma referência, não só de diferenciação, mas uma alternativa de identificação

cultural, como algo destacado, recortado de seu contexto, que passa a ganhar valor diferenciado como discurso.

Bourdieu (2004, p. 116) define o discurso regionalista com o objetivo de “[...] impor como legítima uma nova definição de fronteira e **dar a conhecer e fazer reconhecer a região** assim delimitada” [grifo meu]. O autor afirma ainda que a região tem base na idéia de divisão, o ato de se dividir algo e criar uma nova categoria, diferenciando-a das demais, mas de uma maneira que torne esse fato perceptível intencionalmente. Para o teórico francês, “[...] o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios da divisão que se impõe ao conjunto do grupo, realizam o **sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo**” [grifos meus]. (2004, p. 113)

Kayser (1980) acrescenta à discussão a afirmação de que uma região se constitui através dos laços existentes entre os habitantes, e que estes se constituem através de importantes coesões espaciais. O autor informa ainda que esses laços imprimem ao espaço uma certa homogeneidade, lembrando que não é somente isso que constitui uma região, mas também uma certa organização econômica e social.

O teórico lembra que a região só existe a partir de um núcleo, de um centro, ele oferece uma análise sobre o poder de divisão regional, afirmando que a região é espaço limitado, ou seja, ela participa como **parte** de um espaço mais amplo. A região é “deslocada” e foge do raio de imposição, por ser uma construção social não impositiva, e por isso pode destacar-se num papel importante. Segundo Kayser (1980, p. 281 e 282), a região caracteriza-se como “[...] o poder financeiro e político, isto é, a capacidade superior de decisão escapa sempre à região [...] por isso a região é sempre o instrumento ou o âmbito da dominação” [grifos meus].

É possível perceber que as observações de Kayser versam sobre a prática de uma divisão territorial autêntica sobre o sentido da regionalidade e sobre a delimitação territorial a partir de uma coesão espacial e não por uma imposição. Essa delimitação é uma estruturação a partir de atributos caros à formação comunitária, através dos relacionamentos primários e secundários convergentes entre si. A região passa a ser alvo de grupos que visam manter ou impor uma idéia e, por isso, são capazes de interferir na dinâmica social criando diferentes formas de regionalidade.

As regiões surgem a partir das relações sociais praticadas no lugar. Tanto o processo de individualização e a partir daí a coletivização (LENCIONI, 2003), e como o processo organizacional e a partir daí a individuação (SANTOS, 1999). A regionalidade ganha uma função política, de auto-afirmação, a de elementos que ganham destaque pela relação cultural autêntica dentro da comunidade.

O outro lado dessa mesma moeda são os processos de regionalização a partir de ações verticais praticadas por meios totalitários, como o Estado, a política, os meios de comunicação, etc. Como a própria origem do termo região que remete a regra, muitas ações ditas 'regionais' terminam transgredindo a dinâmica espacial, pois se regionaliza algo sem levar em consideração os aspectos espaciais daquele lugar.

Oliven *apud* Kopp (2001) destaca alguns recortes, como tradição e nação, como forma de demarcar fronteira e estabelecer esse limite, criar uma diferenciação a partir de um fato ou uma característica, *recortar* e tornar esse recorte perceptível. Para o autor essa categorização funciona como “[...] pontos de referências básicos em torno dos quais aglutinam identidades” (OLIVEN *apud* KOPP, 2001, p. 112). O autor oferece ainda uma boa definição de identidade, mas com o sentido da regionalidade, pois para ele as “[...] identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção”. Essa categorização que pode se tornar efetiva ou não, dependendo também do nível de confiança que o público tem em relação a quem está propondo esse ato, uma nova forma de ver as diferenças e as homogeneidades. A região está além da delimitação física, considerando-a como uma essência cultural. Para Barbalho (2004, p. 156)

Uma região é antes de tudo uma construção de resultado de interesses, alguns convergentes outros divergentes – e agentes diversos (sociólogos, geógrafos, etnólogos, economistas, políticos, artistas) que disputam e/ou tecem alianças entre si para conquistar o poder de “di-visão” de um espaço atribuindo-lhe identidades.

Para Bourdieu (2004), região é uma construção de informações por interesses, levando à capacidade de tornar-se identificável, impor uma categoria e torná-la assimilável por conta de um projeto. É, ainda, uma categorização que consegue fazer-se reconhecer por um projeto ou por uma representação simbólica ancorada numa autoridade ou numa figura representativa.

A região tem uma realidade impositiva como a própria etimologia da palavra revela. Pozenato (2003) acredita que a categorização que sugere a criação de uma região não é totalmente arbitrária apesar de ser estabelecida por um ato de vontade. O autor comenta que “[...] tal divisão só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar um território, há certamente critérios, entre os quais o mais importante é o de alcance e da eficácia do poder de que se reveste o auctor (sic!) da região (POZENATO, 2003, p. 1). O autor ameniza a idéia de imposição ao afirmar que somente se configura como região aquilo que é aceito pela maioria, ou seja, o *autor* da idéia regional só o faz por uma razão pura e com o intuito de revestir determinado território de uma ação que, no mínimo, é esperada ou aceita pelas pessoas. Pozenato (2003) finaliza suas considerações ao definir que tanto o conceito quanto as definições de região são construções, representações simbólicas que, construídas na linguagem, tornam-se discurso aceito pela maioria.

A construção de uma identidade cultural está atrelada aos usos do território e às formas de aspirações que a comunidade possuem. A dialética e a dinâmica da comunidade constroem algumas prioridades culturais que passam a ser aceitas pelo coletivo. São representações sociais que têm o poder de construir uma imagem, uma idéia, e torná-la aceitável.

Para Lencioni (2003, p. 194), é possível compreender a regionalidade como:

Sentimento que emana do interior e do íntimo das pessoas. A região, portanto começou a ser vista como não constituindo uma realidade objetiva, pelo contrário, ela foi concebida como construção mental, individual, mas também submetida a subjetividade coletiva de um grupo social por assim dizer, inscrita na consciência coletiva.

Milton Santos (1999, p. 92) vê a região a partir de uma construção organizacional e coletiva. Para o geógrafo brasileiro, “[...] as regiões existem porque sobre elas se impõe **arranjos organizacionais**, criadores de coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam o fundamento da existência e da definição desses subespaços”.

A região e o seu sentido são alicerçados em atributos culturais, impositivos ou não, mas que oferecem novas formas de ver o objeto geográfico, uma maneira de destacar algum aspecto cultural e torná-lo identificável a partir de uma idéia de projeto.

### 3 TELEVISÃO E IMAGINÁRIO NO BRASIL

O Brasil é um dos maiores países do mundo, mas apesar das suas dimensões continentais e do privilégio de ter uma população grande, tem apenas uma única língua. Cada região possui seus costumes, tradições, culturas e identidades próprias, e é essa diferença que se caracteriza como uma de suas maiores riquezas. Segundo Priolli (2000), essa diferença é capaz de suscitar o sentimento de ser único, de ser brasileiro. O mesmo autor critica o mau uso do meio argumentando por conta das emissoras estarem sediadas nos grandes centros, terminam criando no Brasil uma idéia de cultura nacional baseada no sudeste do país, deixando, todavia, de divulgar muitas culturas locais, oferecendo para o país uma imagem cultural criada em São Paulo e Rio de Janeiro.

A televisão ocupa hoje um papel fundamental na formação do imaginário brasileiro. Para o teórico francês Dominique Wolton o meio se constitui como um espelho, uma representação da sociedade. O autor salienta que “[...] ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente” (WOLTON, 1996, p. 124). Dessa forma, a televisão cria um laço invisível, sendo, talvez, a única fonte de informação de milhões de brasileiros; num país onde o poder aquisitivo impede o acesso aos bens culturais e o sistema educacional ainda é bastante frágil. O autor salienta ainda que a televisão torna-se o único canal do indivíduo com o mundo. As noções de cidadania, direitos, deveres e até mesmo juízo de valores quase sempre vêm intermediados pela fantástica telinha.

Jesus Martín-Barbero (2004, p. 63) destaca que a televisão tem a capacidade de construir a cultura das maiorias “[...] entrelaçando o imaginário mercantil com a memória coletiva”. Ela tem potencial para se tornar um importante meio capaz de organizar a sociedade em sua cultura, promover laços de identidade e ser um veículo de divulgação da cultura regional, facilitando a identificação do sujeito com os seus valores e identidades e oferecendo canais de participação e cooperação mútuas. A televisão quando gera informações locais, sem deturpar os conteúdos, tem capacidade de promover o desenvolvimento comunitário e oferecer pontos de identificação junto à população.

Joan Ferrés (1996, p. 7) compara a televisão como a nova religião; para ele:

[...] a televisão é vestígio do que é sagrado, de quem as tribos modernas esperam todo tipo de benefícios. É a nova religião. E isso ocorre porque, recuperando o sentido etimológico do termo, provoca um re-ligare, ou seja, uma nova forma de ligar o cidadão com o mundo, uma nova forma de relacioná-lo com a realidade.

A Televisão é responsável pela experiência do dia-a-dia das pessoas, ela determina horários de sair ou de chegar em casa, de se marcar compromissos, de estar e se ver no mundo. Nilda Jacks fez um estudo de diferentes críticas à televisão na década de 90 e interpretou que ela é responsável por “[...] mascarar e negar conflitos, numa tentativa de unificar os estilos de vida, conteúdos sociais, culturais e religiosos” (JACKS, 2006, p. 33). A televisão brasileira também é vista como agente integrador da cultura nacional e regional, desempenhando uma importante função referencial (JACKS, 2006), por isso ela tem a capacidade de criar uma nova sensibilidade ética e estética na sociedade (DUARTE, 2006).

Por esse viés, a televisão possui potenciais que nem sempre são considerados, principalmente por autores críticos que se baseiam em sentidos comuns acadêmicos. As características comerciais, políticas, sociais e tecnológicas, transformaram a televisão no meio todo poderoso que hoje ocupa lugar de destaque na sociedade brasileira. Ela tem a capacidade de formar imaginários, criar emoções e grandes comoções, formar ídolos, criar mitos e derrubá-los. A televisão também, direta ou indiretamente, influencia na vida política brasileira por conta, principalmente, da grande popularidade e capacidade de lidar com grandes públicos

De qualquer maneira é necessário buscar, através da organização social, alternativas que obriguem esse meio de comunicação a participar da vida social e cultural dos povos.

### 3. 1 BREVE HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA

A televisão no Brasil surgiu como empresa privada e de caráter comercial. A primeira emissora a entrar em operação no país foi a PRF-3 TV Tupi em 18 de setembro de 1950 (COSTELLA, 2001 e DUARTE, 2004). Criada por Assis Chateaubriand, a máquina de Narciso, como a intitulou Muniz Sodré (1994), foi inaugurada de forma precária e provisória, absorvendo profissionais do rádio e cinema da época. Foi um processo de improvisação e experimentalismo que se aperfeiçoou com o tempo. Não tinha uma linguagem própria e causava estranhamentos (MARCONDES FILHO, 1988). Ela ganhou popularidade

rapidamente, principalmente por conta do rádio que já possuía um público disponível naquela época. Costella lembra que: “só em 1956 calculava-se em um milhão e quinhentos mil o número de telespectadores. De 1958 em diante, a indústria começou a produzir aparelhos de recepção no Brasil [...] em 1969, já chegavam a 3.800.000 aparelhos disponíveis nos lares brasileiros” (COSTELLA, 2001, p. 202).

A televisão da época operou de forma improvisada e ao vivo, sem condições de repetir a programação, ou seja, o que era produzido era “descartado” por não poder ser arquivado, impedindo, dessa forma, que outras emissoras repetissem o mesmo programa. O máximo que acontecia, no caso das emissoras locais que operavam no interior do Brasil, era receber o script do programa para ser reproduzido localmente (COSTELLA, 2001).

Esta situação mudou a partir de 1960 quando chegou ao Brasil o <sup>3</sup>videoteipe. A tecnologia foi lançada nos Estados Unidos em 1956, mas tinha um custo muito alto. No entanto, quatro anos depois chega ao país para a cobertura das festas de inauguração de Brasília, em 1960. A partir daí as emissoras utilizaram o equipamento para duplicar os programas e assim exibi-los no Rio de Janeiro e em São Paulo ao mesmo tempo (PRIOLLI, 2000).

O videoteipe servia apenas para registrar e duplicar os programas, mas a partir de 1962 surgiu a edição eletrônica de imagens dando início às redes nacionais de televisão. A partir daí tornou-se possível produzir, editar e reproduzir os programas e enviá-los para as emissoras do interior do país, ou seja, uma mesma imagem era exibida em diversas emissoras, com um custo menor do que o programa produzido localmente. As emissoras do Rio e São Paulo ainda tinham a vantagem de possuir artistas bem preparados e maiores condições técnicas de produção, gerando programações com qualidade superior às produzidas nas emissoras locais (PRIOLLI, 2000).

Em 1969, com o plano de “Integração Nacional”, o governo militar criou a Rede Básica de Microondas interligando as diversas regiões do país através de um sistema de transmissão de dados. As microondas permitiam as transmissões ao vivo, descartando o uso de fitas. A partir de então as emissoras passaram a exigir das emissoras locais exclusividade

---

<sup>3</sup> Fita de material plástico, bastante fina, que tem uma cobertura de partículas [magnéticas](#), usada para o registro de imagens [televisivas](#) ao passar por aparelho em que as partículas são ordenadas. Seu uso permitiu a gravação prévia de programas destinados a transmissões posteriores. Designa, ainda, por extensão, o processo de registro das produções de televisão em fitas magnéticas. (WIKIPEDIA, s/d).

na compra de programas, devendo estas “afiliarem-se” para receberem programas produzidos pelas “cabeças de rede”, Globo, Tupi e Record (PRIOLLI, 2000). Nessa mesma época a TV Morena deixou de transmitir programações da TV Record e de outras emissoras para se dedicar à TV Globo (TONIAZZO, 2007).

A partir desse momento “[...] todo o país passou a compartilhar de uma determinada imagem do Brasil, e de suas características, inteiramente construídas no sudeste, e por um número bastante reduzido de pessoas”, padronizando sotaques, mentalidades e culturas locais (PRIOLLI, 2000, p. 19). A televisão a partir da década de 60 passou a ser um veículo condutor da cultura do eixo Rio-São-Paulo, pintada de Brasil (PRIOLLI, 2000). Priolli lembra ainda que “[...] culturas regionais fortes, como a gaúcha e a nordestina perderam qualquer chance de uma difusão autônoma, a salvo da interpretação em geral redutora e folclorizante que lhes dão as emissoras paulistas e cariocas” (PRIOLLI, 2000, p. 20).

Ciro Marcondes Filho também acusa os meios de comunicação de transformar as culturas em produtos de fácil consumo e assimilação. Para este sociólogo e jornalista, “[...] os meios de comunicação em massa ajudam a quebrar a identidade cultural na medida em que recolhem os produtos de seus lugares de origem e os multiplicam” (MARCODES FILHO, 1988, p. 31). A visão que os brasileiros têm de si é fortemente mediada pelo ponto de vista das duas maiores metrópoles brasileiras (PRIOLLI, 2000). Priolli sustenta, num tom de desabado que a televisão no Brasil é controlada por uma elite branca radicada no sudeste e voltada para a Europa e Estados Unidos (PRIOLLI, 2000, p. 15).

Todo esse poder acumulado desde a sua criação tornou a televisão alvo de duras críticas que tem sua explicação na análise de Marcondes Filho (1988) que destaca que já nos anos 60, pouco tempo depois de sua criação, a televisão já se consolidava como meio de comunicação para grandes massas. O autor lembra que a crítica à televisão tem a ver com toda uma época de movimentos políticos e ideológicos da passagem dos anos 60 para 70, época do regime militar, em que a própria sociedade vivia intensamente o debate ideológico. “[...] a grande massa dos despossuídos era por esse caminho politizada, mobilizada, conscientizada a armar-se contra o perigo que estava dentro dos sistemas de comunicação” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 30).



É necessário pensar a televisão de forma mais racional, buscar encontrar nela potenciais acima dos pontos negativos apresentados pela vasta produção crítica acadêmica (MACHADO, 2001). Existem diversos canais de discussão sobre o uso do meio, fóruns, programas de rádio e televisão, comissões setoriais no legislativo brasileiro e organismos internacionais como a Unesco que discutem a democratização dos meios de comunicação. É necessário avançar as discussões para além do debate acadêmico, ampliar as discussões nos meios democráticos e buscar essa discussão também nos setores culturais, educativos e sociais brasileiros.

## **4 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL A PARTIR DA PROGRAMAÇÃO REGIONAL DA TELEVISÃO LOCAL**

### **4.1 TV MORENA E PROGRAMAÇÃO REGIONAL EM MATO GROSSO DO SUL**

O mais importante canal regional de televisão é a TV Morena, empresa pertencente a um dos principais grupos empresariais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O Grupo Zahran iniciou suas atividades com televisão no dia 25 de dezembro de 1965, tornando Campo Grande a segunda cidade do Brasil, sem ser capital, a ter uma geradora de imagens, a primeira cidade foi Bauru-SP (TONIAZZO, 2007). A autora lembra que no início eram transmitidos os programas da Rede Record (musicais, humorísticos, etc.) e também novelas da TV Excelsior. A partir da década de 70, a emissora passou a transmitir a programação da TV Globo do Rio de Janeiro. Nessa mesma época, com a Rede Básica de Microondas, implantada pelo governo militar, iniciou-se a formação das redes de televisão, a TV Morena passou então a ser <sup>4</sup>“afiliada” da TV Globo, como tantas outras em todo o Brasil (TONIAZZO, 2007).

A Rede Matogrossense de Televisão opera com cinco emissoras em Mato Grosso do Sul, a TV Morena de Campo Grande, a TV Cidade Branca em Corumbá, a TV Sul América em Ponta Porã e Dourados e a TV Morena de Três Lagoas. A rede possui ainda as TV's Centro América de Cuiabá, Sinop, Tangará da Serra e Rondonópolis em Mato Grosso. Segundo Toniazzi (2007), as emissoras de Mato Grosso do Sul atendem 76 dos 78 municípios do Estado, um percentual de 97,43% e uma estimativa de público em torno de 2 milhões e 300 mil pessoas. As emissoras de Mato Grosso atendem 100 dos 139 municípios, os 39 restantes são cobertos por satélite, no total as emissoras de Mato Grosso atingem uma público de aproximadamente 2 milhões e meio de pessoas (ATLAS DE COBERTURA/TV GLOBO, 2007).

Somente em Campo Grande, existem cinco repetidoras das grandes redes, a TV Morena que repete a TV Globo, a TV Campo Grande que repete o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), a TV MS que repete a TV Record, a TV Guanandi que repete a TV

---

<sup>4</sup> Emissora regional que retransmite programação de uma emissora de abrangência nacional.

Bandeirantes e a TVE Regional que repete a TV Brasil. Dentre todas essas emissoras, a TVE Regional, que de 2003 a 2006, sob direção do Jornalista Bosco Martins, criou uma programação local que chegava a cobrir 45% da grade disponível. A TVE Regional desde o final do ano de 2006 está sob um processo de investigação e teve sua programação local suspensa, transmitindo somente programação da rede TV Brasil.

A TV Morena nessas quatro décadas de história gerou uma programação local considerável em comparação com os dias de hoje. Segundo Toniazzo (2007), a emissora produziu diversos programas, desde os telejornais, programas de auditório, entretenimento e musicais. O primeiro telejornal a entrar no ar na emissora foi *Notícias do Dia* apresentado por Joaquim Leite Neto. Com duração de aproximadamente 30 minutos, o telejornal tinha edição diária apresentando notícias através de narração e exibição de slides com imagens relativas aos fatos narrados. Dois dias após as transmissões, em 27 de dezembro de 1965, entrou no ar o programa *Crônica Social*, com informações variadas e enfoque nos acontecimentos do dia-a-dia. Esse programa era apresentado por Onésimo Filho. Esteve no ar ainda na década de 70 o programa *Calouros na Chimbica*, o primeiro programa de auditório da região. Toniazzo (2007) informa que o programa era apresentado semanalmente num auditório quente e lotado, e foi um dos responsáveis pela revelação do cantor e compositor Almir Sater. Outro programa local produzido pela emissora foi uma espécie de gincana, um programa de entretenimento, denominado *Colégio contra Colégio* que arrecadava alimentos para a população carente.

Apresentado por Marizeth Chita, o programa *Faça uma criança sorrir*, era patrocinado pela Casas Victor, cujo dono era político e exigia que a assinatura do programa fosse “Faça uma criança sorrir, um patrocínio das Casas Victor de Nelson Borges de Barros”. Estiveram ainda presentes na programação regional da TV Morena o programa *Rumo Novoeste* com duração de 5 minutos, patrocinado pela imobiliária Novoeste Crédito Imobiliário, e, em 1980 Pio Lopes apresentou o programa jornalístico *Abertura* (ZAHARAN, 1990).

Toniazzo (2007) comenta que a partir nas décadas de 1980 e 1990, houve um aumento considerável de programação local. Em 1979 foi criado o musical FEISUL (Festival de Música de Mato Grosso do Sul) que teve mais duas edições, uma em 1980 e outra em 1983. Ainda em 1979, foi lançado o programa FESTÃO (Festival de Música Sertaneja de Mato Grosso do Sul). O FESTÃO teve seis edições entre 1979 e 1985. Marilu Guimarães

estreou em 1979 o *Recado*, um programa de variedades exibido de segunda a sábado. Este programa ficou no ar até 1988.

Já em 1984, foi criado o programa *MS Rural* que permanece no ar até hoje, sendo exibido aos sábados com repetição no domingo. De 1979 a 1992, Carmem Cestari apresentou o programa de variedades, intitulado *Painel*.

Toniazzo (2007) dá destaque ao gênero jornalístico que sempre teve muito espaço na emissora. Ela lembra do início do *Jornal Nacional Local*, em 1982, que logo ganhou o nome de *Jornal das Sete*. Este programa ficou no ar por menos de um ano, originando o MSTV, que a partir de 1984 já possuía duas edições, como é ainda hoje.

Os jornalísticos *MSTV* sofreram mais alterações, pois nos anos 1990 foram substituídos pelo RMTV 1ª e 2ª edições, alternando notícias de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. No ano de 2000, os programas voltaram aos seus formatos originais permanecendo até hoje (TONIAZZO, 2007).

Atualmente a oferta de programação local na emissora é de pouco mais de 8% da grade da TV Globo, nos horários compreendidos entre 5h e 24h do dia. Em relação aos anos anteriores não foi possível mensurar o percentual de programação local por falta de fontes sobre o assunto. Os programas que estão no ar atualmente na emissora são três jornalísticos: *Bom Dia MS*, com 30 minutos de duração; *MS TV 1ª edição*, com 45 minutos, *MS TV 2ª edição*, com 15 minutos e *Globo Esporte Local* com 5 minutos de duração. No final de semana a emissora exhibe os programas *MS Rural* com duração de 30 minutos no sábado pela manhã, com repetição no domingo, e o programa *Atualidades*, no sábado, à tarde, com 45 minutos de duração.

Os três programas diários são todos do gênero jornalístico e divulgam em geral notícias factuais, ou seja, algo acontecido recentemente, transmitindo esporadicamente matérias especiais sobre alguns fatos históricos, e notícias locais com ênfase num jornalismo “comunitário”, em geral assistencialista que busca levantar algumas questões políticas locais de cada bairro.

O *Bom Dia MS* entra no ar das 7h às 7h30m da manhã de segunda a sexta feira,

divulgando quase sempre notícias relacionadas à agropecuária, aos negócios rurais e ao homem do campo. Suas matérias dão informações sobre as safras e tendências do mercado rural, além das situações agropecuárias de diversas cidades que têm como fator principal de sua economia a lavoura e a criação de gado. Esse programa traz ainda matérias de cunho político, fatos acontecidos no dia-a-dia e entrevistas ao vivo com personalidades em geral.

O *MS TV 1ª edição*, com 45 minutos de duração, que é apresentado de segunda a sábado das 12h45 às 13h30m, é um programa jornalístico que traz informações sobre atualidades e notícias factuais, na maioria das vezes exhibe matérias sobre os problemas urbanos dos bairros e da cidade em geral, sendo uma espécie de jornalismo comunitário. Às segundas feiras, o programa realiza numa praça pública de Campo Grande o quadro *Balcão de Empregos*, onde divulga oportunidades de empregos para pessoas que se expõem ao vivo na emissora em busca de uma ocupação no mercado de trabalho.

Às 19h, a emissora exhibe o último programa local, o *MSTV 2ª edição*. Com menos tempo, 15 minutos, o programa faz uma passagem por algumas notícias do dia e apresenta matérias sobre as questões políticas e administrativas do município.

Na programação de final de semana da TV Morena, o programa *MS Rural*, é apresentado das 7h às 7h30m, é uma espécie de boletim rural com informações sobre a vida no campo, lavouras e cotações do mercado agropecuário. Às 12h45m do sábado, a emissora transmite o programa *Atualidades*, um programa de variedades que traz informações sobre cultura, diversão, entretenimento, etc.

Em comparação com outras épocas da programação da TV Morena, atualmente o espaço destinado à programação local é bastante restrito, pois é três vezes menor do que o idealizado pela ex-deputada Jandira Feghali (PL 256/91- CONGRESSO NACIONAL). A oferta de espaços para a produção regional que deve ser considerada com muita cautela. A televisão possui uma dinâmica própria na criação de seus conteúdos. De uma forma vertical, as grandes redes se especializaram na criação de produtos de fácil assimilação, como telenovelas, programas de humor, de entretenimento e de auditório, que acostumaram uma audiência durante décadas (MARCONDES FILHO, 1988).

A inserção de conteúdos regionais na grade de programação da TV Aberta pode

gerar uma contrariedade por parte da população, acostumada ao tipo de programação oferecida comumente. Por outro lado, mesmo que por uma obrigatoriedade, a oferta de programação regional nas emissoras pode gerar, a curto, a médio ou mesmo a longo prazo, uma identificação com a sociedade.

#### 4.2 IDENTIDADE CULTURAL E REGIONALIDADE NA TELEVISÃO SOB O PONTO DE VISTA DOS PROFISSIONAIS DA CULTURA

A formação cultural de Mato Grosso do Sul depende não somente dos elementos históricos e identitários registrados pelos livros e documentos que retratam o Estado, pois muito do que hoje é Mato Grosso do Sul se deve também ao movimento cultural iniciado na década de 80 quando o Estado ainda dava os primeiros passos. A forma como artistas, produtores e comunicadores locais retrataram essa nova conquista ofereceu à população sul-mato-grossense uma oportunidade de reconhecimento de uma identidade ainda em criação. A televisão, presente desde 1965 nesse território, configurou-se como um importante meio de divulgação dos valores culturais, mediada, entretanto, por algumas regras estabelecidas pelas emissoras “mãe”.

A partir da década de 70 com o avanço das telecomunicações para o interior do Brasil, formaram-se as grandes redes de televisão, exigindo fidelidade das emissoras regionais que eram obrigadas a partir de então a exibir programação apenas de uma emissora, como Globo, Record, etc. A TV Morena a partir dessa época optou por retransmitir o sinal da Rede Globo assumindo uma estética única juntamente com todas as emissoras que faziam parte dessa rede.

O espaço destinado às produções culturais e divulgação artística na TV Morena atualmente é bastante restrito. Apesar de, em outras épocas, como no período de 1970 a 1990, ter sido dada maior ênfase às produções locais, a divulgação cultural e artística atualmente tem pouco espaço na emissora. A regulamentação do artigo 221 da Constituição prevê uma inserção razoável de elementos locais, culturais, jornalísticos e produções independentes, além de produções educativas na TV local. É importante, então, fazer o seguinte questionamento: que tipo de identidade cultural a TV local, e, em especial a TV Morena, está formando e quais as visões dos diversos setores da sociedade em relação a essa atuação?

Nesse momento em que ainda está se discutindo o assunto, mas sem algo de concreto, haja visto que um dos poucos projetos que ousa contrariar a estrutura montada, há 17 anos está emperrado no legislativo brasileiro. É necessário, entretanto, empreender uma investigação setorializada do assunto. Diante dessa expectativa, o presente trabalho propõe uma análise da opinião de 10 profissionais da área cultural a fim de diagnosticar a inserção da cultura local no programa *Atualidades*. Nesta perspectiva, o projeto pretende avaliar três aspectos importantes desse assunto; a percepção da questão regional por parte dessas pessoas, a inserção desse regional na televisão local e a opinião desse público em relação ao papel da televisão na retratação da cultura regional.

A pesquisa empreendida nesse projeto a fim de cumprir os objetivos propostos optou pelo método qualitativo que visa analisar e interpretar determinados aspectos da sociedade. Segundo Lakatos (2004, p. 269), esse método fornece uma “[...] análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc”. Nesse tipo de método, Lakatos (2004, p. 269) informa que o pesquisador se vale de “[...] amostras reduzidas, os dados são analisados em seu conteúdo psicossocial e os instrumentos de coleta não são estruturados”.

O público pesquisado é composto de 10 profissionais de diversos setores da cultura. Utilizou-se na investigação a amostra não probabilística, ou seja, um tipo de amostragem intencionalmente pequena, mas representativa da população estudada. Este procedimento não depende exclusivamente da probabilidade, mas depende pelo menos, em parte, do julgamento do pesquisador, é a chamada Amostragem Intencional, em que se utilizam critérios objetivos na seleção dos indivíduos.

Os dez profissionais foram submetidos a entrevistas despadronizadas ou semi-estruturadas. Esse tipo de entrevista possibilita ao entrevistador maior liberdade na exploração das questões (LAKATOS, 2004). A modalidade da pesquisa é *focalizada*, ou seja, segue-se um roteiro de tópicos previamente formulados, mas sem perder a liberdade de explorar as informações necessárias para o sucesso da pesquisa (grifo meu).

A fim de objetivar ainda mais a pesquisa, foi considerado como objeto de pesquisa o programa *Atualidades*, que é um programa da televisão local que se configura como programa cultural. Foram evitados programas jornalísticos e aqueles muito

segmentados, como os rurais, sendo escolhido apenas o programa que retrata os aspectos culturais da sociedade campo-grandense. Para fins de investigação, o projeto colheu as opiniões dos entrevistados sem citar qualquer nome de programa de televisão, e fez uma comparação com três edições do programa *Atualidades* a fim de se analisar a opinião da classe artística em relação à programação regional e, se esse programa se configura como de fato regional, portanto, com todas as características apuradas pela pesquisa bibliográfica e de campo.

Os dez entrevistados, que fazem parte de diferentes áreas de atuação cultural de Mato Grosso do Sul, são: o poeta e repentista Ruberval Cunha, ele trabalha com improvisos utilizando diversos elementos da cultura local. Em suas apresentações ele realiza longos improvisos a partir de palavras oferecidas pelo público, intitulado “Improviso guaicuru”. Foi entrevistado também, o artista plástico e professor universitário Galvão Pretto, coordenador do Núcleo de Artes Visuais da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, idealizador de exposições como “Território ocupado”, espaço destinado às novas manifestações da arte plástica contemporânea. O projeto teve ainda a participação da bailarina, professora de dança, coreógrafa e diretora de teatro, Sônia Rolon, atuante e conhecedora da cultura local. Em 2006 a entrevistada foi homenageada no carnaval de Corumbá/MS, considerado como um dos mais tradicionais do Estado. Outro participante da pesquisa foi Cândido Alberto da Fonseca, cineasta e produtor de cinema, e um dos precursores do teatro sul-mato-grossense. É jornalista formado pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro e Mestre em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa em Portugal. O entrevistado foi ainda Secretário Executivo do Fórum Estadual de Cultura e tem atuado na política cultural de Mato Grosso do Sul.

O projeto teve como entrevistado ainda o diretor de teatro Fernando Cruz, que, além de diretor é também ator e preparador de atores. Além do teatro, Cruz tem participado de produções cinematográficas locais. O projeto também contou com o escritor Samuel Medeiros, que atualmente é presidente da UBE/MS, União Brasileira de Escritores. Foi Conselheiro Estadual de Cultura e é um dos organizadores da Noite Nacional da Poesia.

Outro entrevistado foi o produtor cultural, músico e jornalista Rodrigo Teixeira, que, atualmente é editor do caderno de cultura do Jornal O Estado de Mato Grosso do Sul. Foi entrevistada também a cantora e compositora Lenilde Ramos, articuladora cultural desde antes da criação do Estado de Mato Grosso do Sul.



Fez parte das entrevistas, o fotógrafo Bolívar Porto, importante profissional que registra, através de suas lentes, importantes produções culturais, além das riquezas naturais do Estado. Por fim, o projeto contou com a entrevista da artesã Indiana Marques, artista de Mato Grosso do Sul que retrata motivos regionais em suas obras, utilizando, principalmente, como matéria prima, a cerâmica.

Antes de entrar na questão regionalidade, esse público foi questionado a respeito do papel da televisão na sociedade brasileira.<sup>5</sup> O primeiro questionamento foi a respeito de como a televisão de Mato Grosso do Sul retrata a cultura local. O resultado desse questionamento demonstrou quase que unanimemente que os entrevistados, com exceção de uma pessoa, julgaram que a televisão retrata a cultura local de maneira insuficiente e muitas vezes caricata, recorrendo a motivos fáceis e simples. Observaram que essa é uma característica presente principalmente em meios de comunicação para grandes massas. A maior parte dos entrevistados julga que os profissionais têm capacidade para fazer um bom trabalho, mas ainda falta comprometimento, pesquisa e um trabalho efetivo na criação de conteúdos para a TV local.

Quanto ao questionamento sobre a preparação da televisão na retratação da cultura local, a maioria dos entrevistados considera a TV Morena como exemplo de qualidade técnica. Salientaram, no entanto, que essa emissora está preparada para produzir conteúdos culturais, mas está atrelada a padrões estabelecidos pelo mercado publicitário e pela própria emissora “cabeça de rede” que exige uma normatização de conteúdos e critérios de transmissões. Essas questões invariavelmente interferem de forma importante na cultura local, até mesmo porque as emissoras, devido aos custos de produção preferem privilegiar temas de fácil assimilação com o intuito de manter a audiência e assim os patrocinadores.

A respeito do programa de televisão em questão, foi feita uma observação simples, baseada em questões técnicas e de conteúdo, descomprometida, todavia, com grandes teorias. Foi diagnosticado, no entanto, que o programa *Atualidades* possui uma excelente qualidade técnica. É possível observar também que essa qualidade técnica é um dos principais suportes para garantir a divulgação e qualidade de conteúdo. Por outro lado os custos de

---

<sup>5</sup> Todos os entrevistados autorizaram a divulgação das informações nesta dissertação. Os textos completos das entrevistas estão em anexo.

produção terminam limitando essa geração de conteúdos, por isso a televisão, seguindo a tendência da alta tecnologia, mantém uma característica muito peculiar a efemeridade, mais visual e menos conteúdo.

A cultura regional tem sua formação amparada pelos meios de comunicação. Apesar de todas as limitações, ela também passa por uma dinâmica territorial através do conhecimento tácito difundido dentro da comunidade, através dos meios próprios de expressão e dos meios externos como o rádio e televisão que auxiliam na formação de uma identidade e da cultura local.

A percepção do que torna o território singular, único, é assimilável por todos de forma quase imperceptível, são sensações que formam as identidades. Haesbaert (1999) afirma que esse processo acontece de forma natural e dialética sem interferência ou imposição. O fato de ressaltar algumas referências importantes, sendo, todavia, movimentos culturais próprios do lugar, ganham notoriedade pela sua capacidade natural de gerar essa notoriedade e ser difundida pelos canais de comunicação próprios da comunidade.

Albagli (2007) considera que o povo possui um conhecimento tácito e enraizado na comunidade, são informações que ganham relevância e são passíveis de serem divulgadas através da comunicação própria da comunidade e dos canais sediados no lugar. Para Albagli (2007), esse conhecimento tácito circula dentro da comunidade e passa a ser decodificado e divulgado através de outros canais, como a televisão, a internet, etc; e esse processo de decodificação às vezes sofre interferências por conta de influências comerciais, políticas e culturais. O regional configura-se nos meios de comunicação na forma da decodificação desse conhecimento socializado através dos diversos meios de expressão.

Bourdieu (2004) acredita no regional como grande poder de divisão, ou seja, delimitação de um conceito com poder de gerar identidades. Para ele o sentido dessa divisão é que se torna regional, é, no entanto, a criação de uma idéia regional a partir de um projeto pensado, a valorização de aspectos locais com o sentido da regionalidade. A diferença da teoria de Haesbaert (1999) e de Bourdieu (2004) é que o primeiro acredita que o regional surge da dinâmica territorial, e a valorização surge pelo valor de fato absorvido pelo objeto cultural ou natural. Para Bourdieu (2004), entretanto, o regional pode ser um projeto pensado, no qual se resgatam os objetos culturais e naturais presentes no território e investe-os de valores para tornarem-se referências.

A expectativa de um projeto de regionalização no mais popular meio de comunicação brasileiro tem dois viés, o primeiro é da própria comunidade não aceitar como seu o conteúdo cultural exibido na televisão, ou mesmo com o risco de ser estereotipado e simplificado como facilitador de linguagem para ser inserido no meio. Por outro lado, a cultura regional surgida da cotidianidade do território muitas vezes é considerada antiquada, folclórica, etc, sendo refutada pela televisão, que cria uma forma própria de retratar essa cultura local.

A pouca divulgação da cultura regional nos meios de comunicação, escolas e no dia-a-dia distancia as pessoas dessa compreensão. É muito comum, todavia, quando não compreendida e/ou quando não conhecida em sua plenitude por parte de quem não participa do território em que ela está enraizada, ser estereotipada e simplificada num processo classificatório por conta da dificuldade que se tem de aceitar o diferente (BARBERO, 2004).

Dessa forma os produtores de televisão tanto locais quanto os de emissoras nacionais, quando não possuem conhecimento suficiente e/ou quando não se dão a pesquisa do tema, terminam gerando equívocos que podem comprometer seriamente a forma de recepção por parte do público expectador.

O processo de investigação buscou entender a regionalidade sob o ponto de vista desses dez profissionais. A respeito do assunto foi perguntado sobre o tipo de programa de televisão regional que eles acreditavam ser o ideal e qual era o programa da televisão local que eles consideravam como de fato regional.

Os primeiros questionamentos permitiram perceber que o regional é entendido pela maioria dos entrevistados como elementos estritamente culturais, como as raízes culturais, a história, a memória, as tradições, as matrizes culturais como miscigenação e as influências artísticas externas, além dos movimentos culturais criados por artistas e ou por organismos.

O programa *Atualidades* em todas as três edições analisadas retrata os costumes, história, memória e as tradições do povo sul-mato-grossense, é perceptível que as matérias seguem uma tendência das emissoras comerciais, onde existe um ditado muito comum de que “tempo é dinheiro”, as matérias em geral são rápidas e superficiais, mas, todavia, apresenta

uma amostra de elementos culturais locais, de qualquer maneira, um incentivo para se conhecer mais.

O regional é considerado por esse público também como um conjunto de manifestações dos artistas locais, aqueles que produzem e fazem a sua arte no Estado, refletindo os costumes e a identidade das pessoas que nasceram e viveram em Mato Grosso do Sul; é entendido ainda como o jeito de viver e estar em Mato Grosso do Sul.

A divulgação das artes no programa é muito comum. Existe apresentação de agendas culturais com trechos de apresentações de dança, música, teatro, exposições artísticas etc. Essa noção de que o regional é também as manifestações artísticas é muito assimilável no programa. No entanto outras manifestações não profissionais também têm inserção no programa *Atualidades*, como por exemplo, pessoas que desempenham outras atividades produtivas e que dedicam parte do tempo para atividades artísticas.

Uma das preocupações apresentadas pelo público pesquisado é a estereotipação do regional apenas como folclórico e tradicional no sentido de ser uma estrutura fechada e sem condições de modificação.

Todos os elementos, principalmente os culturais, citados pelos entrevistados, em sua maioria se confundem com a própria cultura local, tornando-se elemento cultural. É muito difícil determinar dentre esses elementos o que é regional, simplesmente por conta da dinâmica do território que os elegeu cotidianamente como elementos regionais, ou os que são regionais por conta da superexposição aos meios de comunicação, tornando-se identificáveis e, conseqüentemente, tornando-se, na atualidade elementos regionais.

Ainda sobre o assunto “regional”, os entrevistados foram inquiridos sobre qual seria o elemento regional que mais representa o Estado. Um dos elementos aclamados pelos entrevistados como o mais representativo de Mato Grosso do Sul foi a música, como o sucesso de alguns artistas que ganharam notoriedade nacional e que se tornaram referenciais para a população do Estado. Outra perspectiva da música, citada nesta pesquisa, foi a universalidade que essa arte possui e a sua capacidade de falar a todas as pessoas tanto em conteúdo, ou seja, o texto, quanto em sonoridade, influenciados pelas culturas de base sul-mato-grossenses, como a pecuária, o pantanal, e as influências indígena e paraguaia.

Por fim, a música de Mato Grosso do Sul é considerada com característica própria que a identifica em meio às outras, com uma sonoridade original e influenciada por todos os elementos culturais citados a pouco; é, todavia, a capacidade de um bem artístico de ser único e diferente.

A música nesse caso tem grande poder de representação, pois, ela surge da criatividade dos artistas locais que retratam o cotidiano do campo e das cidades, as belezas naturais e os movimentos culturais e sociais do território. Essa identificação citada pelos entrevistados ressalta o poder da música local como elemento regional. Nessa perspectiva, boa parte do movimento musical sul-mato-grossense que congrega importantes nomes da música local, representou o Estado nessa construção identitária. Todavia, a música se configura como elemento regional autêntico do lugar, pois é um produto artístico que ganha o cotidiano das pessoas através do rádio e da televisão e de outros meios de expressão.

No Programa *Atualidades*, esse elemento cultural é muito bem explorado, e utilizado na composição das matérias exibidas no programa como as músicas instrumentais e os sons originais com características tipicamente sul-mato-grossenses.

Outro elemento citado pelos entrevistados foi o tereré, bebida típica de Mato Grosso do Sul. Teve sua origem na Guerra do Chaco (entre Paraguai e Bolívia, 1932 – 1935) quando as tropas começaram a beber mate frio para não acender fogueiras que pudesse denunciar a sua presença em solo inimigo; dessa forma o tereré tornou-se a bebida mais popular do Paraguai, sendo introduzido por eles no Brasil inicialmente pela cidade de Ponta Porã e em seguida para todo o Estado (WIKIPÉDIA, s/d). Hoje, tomar tereré é um dos costumes mais marcantes de Mato Grosso do Sul. É muito comum ver a simbologia de cuias de tereré em diversos lugares do Estado. Outra peculiaridade é que a cuia, bojo onde se deposita a erva para receber a água e ser sugada por uma bomba de metal, normalmente é feita do chifre do boi, caracterizando outro símbolo de Mato Grosso do Sul, a pecuária.

Outro aspecto regional apontado pelo público pesquisado é o Pantanal. Segundo informações da organização Conservation Internacional (2008):

“[...] o Pantanal é a uma das maiores planícies inundáveis do mundo e abriga uma grande concentração de vida silvestre. Situado no coração da América do Sul, tem cerca de 160.000 Km<sup>2</sup>, dos quais quase 90% pertencem ao Brasil, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O restante encontra-se na parte leste da Bolívia e nordeste do Paraguai”.

O pantanal tornou-se símbolo de identificação dos povos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul por conta das riquezas naturais e pela sua grandiosidade, exuberância e diversidade.

O pantanal e as riquezas naturais do Estado também tem grande inserção no programa *Atualidades*. Recorre-se à culinária pantaneira e aos costumes do povo de lá. Os programas de televisão vêm nessa cultura uma grande variedade e diversidade cultural que é explorada, dentro dos limites do meio de comunicação, mas que oferece para a população um conhecimento sobre essa cultura. Uma das queixas dos entrevistados é quanto a falta de investigação e divulgação de outras culturas que o Estado possui, e não somente os elementos mais comuns noticiados pela mídia recorrentemente.

Foram citados pelos entrevistados ainda como elementos que caracterizam a regionalidade sul-mato-grossense, a influência indígena, o modo de falar e a grande mistura de culturas que formam um mosaico dos diferentes povos, desde os indígenas, primeiros moradores deste lugar, até os povos árabes, japoneses, paraguaios, turcos e tantos outros oriundos de diversos estados brasileiros.

O programa mais uma vez cumpre com esse objetivo recorrendo aos motivos regionais, valorizando tanto a cultura local quanto os costumes dos diversos povos presentes. Falta, todavia, um trabalho de pesquisa e um aprofundamento dos temas que são abordados no programa e, principalmente, ampliar a diversidade de temas que são ali discutidos.

O programa *Atualidades* recorre a quatro temas principais que são: culinária, artesanato, música e agenda cultural. A grande queixa dos entrevistados é exatamente a respeito dessa parcialidade. A maior parte dos entrevistados quando fizeram referência aos programas locais de televisão citaram a falta de variedade nos assuntos. Um dos motivos dessa situação é a ausência de condições técnicas e de infra-estrutura para se buscar uma maior diversidade de temas e em locais diferentes, e quando o programa possui condições técnicas favoráveis, ele tem que baixar custos, de acordo com as orientações das direções das emissoras. Termina se tornando mais fácil montar uma matéria mais simples com grande qualidade técnica, do que uma matéria com farto conteúdo, mas sem qualidade técnica.

Solicitou-se, ainda, ao público entrevistado, uma opinião quanto ao que deveria ser um programa regional de televisão. Essa pergunta localizaria um perfil ideal de programação televisiva regional para ser comparado às características do programa *Atualidades*. A maioria dos entrevistados respondeu que esse tipo de programa deve valorizar a cultura local e torna-la referência para outras culturas. É considerado como um programa regional aquele que contempla a diversidade cultural do Estado, e por fim, um programa capaz de fomentar e divulgar as diversas identidades existentes no território.

Aos entrevistados perguntou-se ainda qual programa da TV local eles consideram como regional e por que razão. Três vezes foi citado o programa *Atualidades* com a alegação de que ele auxilia na divulgação da arte e da cultura local. Para um dos entrevistados o programa ainda necessita-se aprofundar nas pesquisas. Por outro lado, a programação da TVE foi citada quatro vezes. Duas vezes o programa *Olhares* com a alegação de que ele oferece espaços para os artistas e produtores de audiovisual. Nesse programa, o artista tem liberdade para falar sobre o seu trabalho, é o que diz um dos entrevistados. Para outro entrevistado, o programa abre um espaço para se discutir uma estética nova sobre a produção audiovisual, valorizando os elementos regionais, sem, no entanto, se prender à forma tradicional.

Outro programa da TVE citado foi *Alma guarani* por valorizar o que é produzido localmente. Ainda como programação da TVE foi citado o *Ruralidades*, que, segundo um dos entrevistados, que também era o produtor do programa, era um regional sem ser regionalista. Ele comenta sobre o estereótipo de se utilizar sempre coisas relacionadas ao campo para caracterizar o que é regional, todavia, ele defende a liberdade de se utilizar trilhas e elementos sonoros e visuais, nem sempre se comprometendo com a música sertaneja e o jeito caipira de falar.

Por fim foi citado um programa da TV Campo Grande, *O povo na TV*, que possui um estilo mais policialesco e uma linguagem popular. O programa que se importa com questões cotidianas dos bairros e problemas da segurança pública, durante muitos anos foi apresentado por um deputado estadual de Mato Grosso do Sul, uma prática comum na televisão local, políticos assumirem horários na televisão. Normalmente esse tipo de programa divulga questões diretamente ligadas ao cotidiano das pessoas, em geral, das mais

necessitadas e com poucas instruções. Esses programas quase sempre são filões para angariar votos para os apresentadores, em geral ocupantes ou candidatos a cargos públicos.

Foi citado também um programete de um minuto que a TV Campo Grande apresenta, intitulado *Conhecendo Mato Grosso do Sul*. Esse produto apresenta informações sobre recursos naturais e culturais das cidades do Estado.

Em sua maioria, os entrevistados desconsideraram quase que totalmente as emissoras TV Guanandi e TV MS, repetidoras da Bandeirantes e da Record, respectivamente, como canais de difusão da cultura regional. Por outro lado, este público quase que unanimemente elegeu a TVE Regional como alternativa de programação regional, mas lamentam que a emissora esteja com a sua programação local suspensa há um ano e meio. Mesmo recebendo críticas sobre sua qualidade técnica e de conteúdo, principalmente quanto à questão de pessoal não qualificado, a TVE ainda é considerada por boa parte desse público como alternativa de programação regional.

Sobre a programação da TV Morena e o seu papel como emissora regional, os entrevistados quase que na sua maioria consideram-na como boa, pela razão de ser bem equipada, uma parte dos entrevistados consideram-na boa pelo seu conteúdo, no entanto, não houve qualquer entusiasmo a seu respeito como foi registrado em relação a TVE Regional.

Durante as entrevistas aconteceram algumas críticas exaltadas sobre o papel da TV Morena. Para dois dos entrevistados, a emissora tem uma programação insuficiente e às vezes tendenciosa, até mesmo sob o ponto de vista cultural, apresentando, inclusive, valores rurais, reforçando uma cultura bovina e agropecuária.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Desenvolvimento Local configura-se como importante proposta de desenvolvimento efetiva para as sociedades, pois esse conceito considera em primeiro lugar o bem estar e a qualidade de vida do ser humano.

É importante observar na análise do assunto a questão da territorialidade, ou seja, a ação interna e a organização espacial dos grupos constituídos em comunidade. Através do respeito à dinâmica territorial e à organização espacial das pessoas em suas comunidades, é possível pensar ações mais justas e menos verticais por parte do poder público, meios de comunicação e organismos de apoio social. Estas organizações comumente praticam ações em prol das comunidades sem levar em consideração o aspecto territorial e a forma como as comunidades se relacionam, aspiram e planejam a sua vida. Todavia, as ações de desenvolvimento, mesmo que vindas de fora da comunidade, mas, feitas com respeito e participação da população, tornam-se efetivas e sustentáveis.

O meio televisivo, no entanto, possui maneira própria de gerar conteúdos. Influenciadas por questões políticas e comerciais, as emissoras “cabeças de rede” determinam o padrão e uma parcela do que será exibido nas emissoras regionais.

A cultura e identidade locais, bem como as informações que circulam dentro da comunidade, constituem-se como informações tácitas, próprias das comunidades e que se territorializam de maneira dialética com a dinâmica territorial constituindo uma regionalidade através dos meios próprios de comunicação criados na comunidade (as festas, as tradições, os costumes, os relacionamentos primários e secundários). O sentido dessa regionalidade assegura uma informação nova, destacada, da cultura local, evidenciada como autêntica e original daquele lugar. Para Haesbaert (1999) é um recorte territorial originado da própria comunidade e que se constitui como informação positiva que identifica o território frente a outras culturas.

Por outro lado essa cultura e identidade locais podem sofrer uma interferência por conta das instituições que buscam destacar por um julgamento próprio, aspectos da cultura local e divulga-los através dos meios de comunicação. É um processo que não passa pela dinâmica territorial, podendo causar transtornos à cultura local. Bourdieu (2004) destaca em

sua obra, que o sentido da divisão é que gera o regional, desconsiderando os meios próprios da comunidade. Essa regionalidade pode até ser assimilável pela comunidade, mas desde que se invista de valores aceitos pelo grupo.

As informações geradas e circuladas no território ganham destaque nos grandes meios de comunicação. É um tipo de conhecimento que passa do plano tácito-codificado para o decodificado, sendo distribuído para um universo maior, destacando, todavia, a cultura local.

A programação regional avaliada nessa pesquisa destacou três importantes elementos da cultura de Mato Grosso do Sul, a música, o tereré e o pantanal. São elementos que possuem valores próprios com todas as suas características tácitas eleitas no território, como por exemplo, o ritual da roda do tereré, a característica marcante da música local e a apropriação do sentido do que representa o pantanal.

Os meios de comunicação divulgam essa cultura local de forma razoável sem aprofundar no conteúdo, no entanto, muitas vezes essa cultura regional é vista como “pouco vendável”, então as emissoras muitas vezes resolvem simplificá-la, exotizá-la, torná-la de fácil entendimento e comercializável, podendo gerar equívocos, mesmo quando são elementos de grande destaque na própria comunidade.

É possível pensar o Desenvolvimento Local na televisão, a partir da divulgação dos valores culturais locais, mas, desde que seja com respeito e valorização da participação local. Essa participação local nada mais é do que não excluir o que foi construído pela comunidade, não deturpando os valores locais.

É prudente observar que a televisão possui suas características próprias e quando se trata de emissoras locais, que devem seguir padrões das emissoras nacionais, deve-se prever a divulgação da cultura local com certa limitação.

Como resultado da pesquisa empreendida com os profissionais da cultura, é possível observar que a maioria dos entrevistados considera a televisão com potencialidade para a retratação da cultura local, necessitando, todavia, de mais comprometimento por parte dos responsáveis pelas emissoras. Esse público considera ainda que as emissoras possuem

condições técnicas e parte dos profissionais capacitados para lidar com a questão, necessitando, no entanto, mais pesquisa e mais cuidado na retratação da cultura local.

Contanto, a televisão em Mato Grosso do Sul tem potencialidades para o Desenvolvimento Local, mas, não tem cumprido com esse objetivo a contento. O programa analisado nesta pesquisa demonstrou, a partir da análise empreendida, que tem desempenhado um papel um pouco tímido em relação a cultura local, tem recorrido a elementos simples e corriqueiros, ou seja, elementos que já possuem uma audiência determinada, como o pantanal, o tereré, o artesanato e a música. O programa necessita, no entanto, ir mais a fundo na questão cultural enraizada nos diversos lugares de Mato Grosso do Sul e retratá-la de forma cuidadosa e verdadeira.

O sentido da regionalidade tanto em Bourdieu (2004) quanto em Haesbaert (1999) pressupõe o fato de demonstrar, ressaltar a cultura local de forma que se torne referencial, identificável, mas, mesmo que tenha uma obrigatoriedade de lei, o sentido da construção social, da conquista do espaço regional se perde, porque não nasce da vontade do povo. Além do mais, a televisão aberta possui uma característica própria que só mudaria mesmo através da obrigatoriedade, mas mesmo assim, ainda não é possível prever o resultado que um projeto de obrigatoriedade para programação regional.

Mesmo com o pouco espaço destinado a programação regional o programa *Atualidades* oferece à população uma referência da cultura local, convidando a população a conhece-la melhor através de outros meios.

O Projeto de Lei 256/91 de Jandira Feghali ou qualquer outro projeto com proposta de obrigatoriedade, principalmente num meio de comunicação tão popular como a televisão, deve ser pensado com muita cautela para não ser somente abertura de espaços. É necessário que a comunidade participe da criação dos conteúdos que dizem respeito à ela.

Também é necessário lembrar que, a imposição de uma lei, faz perder, num primeiro momento o caráter participativo da comunidade, mas, o assunto não deve ser discutido somente nas instâncias dos poderes, mas, também nos diversos setores da sociedade como foi feito inicialmente neste trabalho de pesquisa. É preciso estimular a organização de classes em busca do seu direito de participar de um bem tão importante, que é o direito de poder retratar a própria cultura.

Essas considerações trazem poucas conclusões, mas, no entanto, abrem um debate para a questão da televisão local num Estado tão jovem onde se necessita discutir com mais seriedade a questão regional e a sua potencialidade para o Desenvolvimento Local.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Informação, conhecimento e inovação local**. In: 64º COLÓQUIO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL. Campo Grande, MS, 23 de abril de 2007.

AMORIM, Cassiano Caon. *Discutindo o conceito de região*. **Estação Científica Online**. Juiz de Fora, n. 4, abr/mai/2007. Disponível em [http://www.jf.estacio.br/revista/revista\\_artigos.asp](http://www.jf.estacio.br/revista/revista_artigos.asp). Acessado em 20 de novembro de 2007, 14h.

ASSMAN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ÁVILA, Vicente Fidélis de. (coord.). *Pressupostos para formação em desenvolvimento local*. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, v. 1, n. 1, set, 2000.

\_\_\_\_\_. **Formação educacional em Desenvolvimento Local: Relato de estudo em grupo e análise de conceitos**. Campo Grande: UCDB, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Desenvolvimento Local**. Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local. UCDB – Campus de Campo Grande. Aula ministrada em 17 de abril de 2006.

BAPTISTA, Myrian Veras. **Desenvolvimento da comunidade: estudo da integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global**. 2.ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

BARBALHO, A. *Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no nordeste contemporâneo*. **Alceu: Revista de comunicação, cultura e política**. Rio de Janeiro, v. 4, nº 8, Jan/jun, 2004.

BARQUERO, António Vazquez. *Desarrollo endógeno y globalización*. (Centro de Estudios Desarrollo y Territorio. UNSAM Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2001) Obtido via internet [www.cedet.edu.ar/sitio/administracion/agenda\\_barquer.pdf](http://www.cedet.edu.ar/sitio/administracion/agenda_barquer.pdf) acessado em 03 de maio de 2008.

BELTRAN, Luis Ramiro. **O que é solidariedade?**. In: FERNANDES, Francisco A. M; BARROS, Laan Mendes de. (orgs.). **Comunicação e solidariedade**. São Paulo: Loyola, 1992.

BOISIER, S. **DESARROLLO (LOCAL): ¿ DE QUÉ ESTAMOS HABLANDO ?**. (Centro de Estudios Desarrollo y Territorio. UNSAM Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2001) Obtido via internet [www.cedet.edu.ar/sitio/administracion/agenda\\_barquer.pdf](http://www.cedet.edu.ar/sitio/administracion/agenda_barquer.pdf) Acessado em 20 de fevereiro de 2008.

BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. In: CORREA, Roberto Lobato (org.). **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BORDENAVE, Juan Diaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel-Bertrand, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília:Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 97.057, de 10 de novembro 1988**. Altera os Títulos I, II e III do Regulamento Geral para execução da Lei 4.117 de 27 de agosto de 1962. Brasília, 1988.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. (Projeto de Cooperação Técnica INCRA/IICA PCT – INCRA/IICA, - Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal, Brasília, 1999). Obtido via internet [www.iica.org.br/Docs/Publicacoes/PublicacoesIICASergioBuarque.pdf](http://www.iica.org.br/Docs/Publicacoes/PublicacoesIICASergioBuarque.pdf) acessado em 19 de abril de 2008.

CALLAI, Helena Capetti. **O espaço e a pesquisa em educação**. In: CALLAI, Helena Capetti e Zarth, Paulo Afonso (orgs.) **Os conceitos de espaço e tempo na pesquisa em educação**. Ijuí – RS: UNIJUI, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, Isabel. **O conceito de desenvolvimento social no summit**. In: D'ÁVILA NETO, Maria Inácia (org.). **Desenvolvimento Social: desafios e estratégias**. Volume II. Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável, Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra., 2000.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, , 1999.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 6.ed. Petrópolis: VOZES, 2001.

CERVO, Augusto J. **El regionalismo ad intra**. Obtido via Internet. <http://www.uca.edu.ar/esp/sec-pigpp/esp/docs-estudios/investigacion/politica/adintra.pdf> (Programa de Investigación Geográfico Político Patagónico, **Escuela de Ciencias Políticas, Buenos Aires, 2002**) . Acessado em 19 de novembro de 2007, 11h30min.

CHAUI, Marilena **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979.

CONGRESSO NACIONAL. **Regionalização da produção de TV**. Projeto de Lei nº 256-d/1991, que regulamenta o disposto no inciso III do artigo 221 da Constituição Federal, referente à regionalização da programação cultural, artística e jornalística e à produção independente nas emissoras de rádio e TV e dá outras providências. Brasília, DF, 1991.

CONSERVATION INTERNACIONAL DO BRASIL. **O pantanal**. Obtido via internet [www.conservationinternational.org.br/pantanal](http://www.conservationinternational.org.br/pantanal). acessado em 12 de fevereiro de 2008.

CORREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Região e organização espacial**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **Espaço**: um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação do grito ao satélite**: 4.ed. São Paulo: Mantiqueira, 2001.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 6.ed. São Paulo: Koogan, 2000.

DEMO, Pedro. **Desenvolvimento é conquista**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1991.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão**: ensaios metodológicos. Porto Alegre: Sulina, 2004.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos**. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Célia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FAUNDEZ, Antônio. **O poder da participação**. Tradução Lígia Chiappini e Eliana Martins. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FUKUYAMA, Francis. **Confiança**: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho. **A relações comunitárias**: Relações de dominação. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. 7 ed. Petrópolis: VOZES, 2002.

GUIZZO, José Octavio. **A moderna música popular urbana de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 1982.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Região, diversidade territorial e globalização.** (GEOgraphia – Ano. 1 – No 1 – 1999, UFF (Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 1999).

Obtido via Internet. [http://www.uff.br/geographia/rev\\_01/rogerio%20haesbaert.pdf](http://www.uff.br/geographia/rev_01/rogerio%20haesbaert.pdf) .  
Acessado em 28 de outubro de 2007, 11h.

ISNARD, Hildebert. **O espaço geográfico.** Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

JACKS, Nilda. **Recepção televisiva.** In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Célia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional.** (BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação Obtido via internet [www.bocc.ubi.pt/pag/jacks-midia-nativa.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/jacks-midia-nativa.pdf) acessado em 18 de janeiro de 2008.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARINHO, Marcelo; RUSSEF, Ivan. **Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento.** **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local.** Campo Grande, v. 3, n. 4, março de 2002.

KAYSER, Bernard. **A região como objeto de estudo da geografia.** In: GEORGE, Pierre; GUGLIELMO, Raymond; LACOSTE, Yves; KAYSER, Bernard. **Geografia ativa.** Tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Corte e Vincenzo Bochichio. 5.ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1980.

KOPP, Rudinei. **Genoma gaúcho. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia.** Porto Alegre, n. 14, abril 2001.

LACOSTE, Ives. **A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Tradução Maria Cecília França. 5.ed. Campinas: Papirus, 2001.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Territorialidade e dinâmicas sócio-ambientais.** Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local. UCDB – Campus de Campo Grande. Aula ministrada em 22 de maio de 2006.

LEME, Fernanda Berardo Maciel; TREVIZAN, Salvador D. P. **O resgate da identidade cultural: meio para sustentabilidade local.** **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local.** Campo Grande, vol. 7, nº 12, mar 2006.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia.** São Paulo: Edusp. 2003.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Senac, 2000.

MARCONDES-FILHO, Ciro. **Televisão, a vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988.



MARQUES, Heitor Romero. **Objetivos educacionais y desarrollo local em escala humana**. In: MARQUES, Heitor Romero; MARTIN, José Carpio. **Territorialidade e o desenvolvimento sustentável**. Campo Grande:UCDB, 2003.

MARTIN, José Carpio. **Por Mato Grosso do Sul: as escalas do Desenvolvimento Local**. In: MARQUES, Heitor Romero (orgs.). **Desenvolvimento Local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas**. Campo Grande: UCDB, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Denis de. (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARTINS, Gabriela Isla Villar; MARTINS, Cid Isidoro Demarco. **O desenvolvimento Local: da teoria à prática**. MARQUES, Heitor Romero et ali (orgs.) **Desenvolvimento Local em Mato Grosso do Sul: Reflexões e perspectivas**. Campo Grande:UCDB, 2001.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. *Desenvolvimento Local: questões conceituais e metodológicas*. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, v. 3, n. 5, set. 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MELGAÇO, Lucas; ALBUQUERQUE, Mariana Vercesi de. **Território recortado**. obtido via Internet <http://docentes.puccampinas.edu.br/ceatec/lucasm/textos/territoriorecortado.pdf>. Acessado em 20 de abril de 2007, 7h42m.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Revelando os Brasis: ano III**. Brasília, 2007. Obtido via internet. [www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br) . Acessado em 12 de dezembro de 2007, 16h15m.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Código Brasileiro de telecomunicações**. Obtido via Internet. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L4117.htm>. Acessado em 23 de junho de 2007, 9h50min.

MORAES, Antônio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **A valorização do espaço**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

PNAD-IBGE, 2005. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. IBGE, 2005. Obtido via Internet. [www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm) Acessado em 22 de abril de 2007.

PNUD. **Desenvolvimento Humano e IDH**. Obtido via internet. <http://www.pnud.org.br/idh/> . Acessado em 22 de fevereiro de 2008.

POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. Obtido via Internet. [http://www.uces.br/ucs/tpIPOSLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/professores/jose\\_pozenato/artigo.pdf](http://www.uces.br/ucs/tpIPOSLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/professores/jose_pozenato/artigo.pdf) . Acessado em 22 de dezembro de 2007, 21h30min.

PRIOLLI, Gabriel. **Antenas da brasilidade**. In: Hamburger, Esther; BUCCI, Eugênio. **A tv aos 50: criticando a televisão no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

REBOREDO, Cecília Augusta. **De eu e tu a nós**. 2.ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **ATLAS DE COBERTURA/TV GLOBO/2007**. Obtido via internet. [www.globo.com](http://www.globo.com) em 18 de fevereiro de 2008.

RIECHEL, Harduim. **Inovações: uma estratégia de Desenvolvimento Local para Mato Grosso do Sul**. In: MARQUES, Heitor Romero (orgs.) **Desenvolvimento Local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas**. Campo Grande: UCDB, 2001.

ROCHA, Juliana D.; BERSZTYN, Maria Augusta. *A importância da participação social na sustentabilidade do desenvolvimento local*. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande, v 7, n. 11, Set de 2005.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Memória da arte em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 1992.

SANTOS, Milton. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikos-tau, 1996

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996b.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3.ed. São Paulo:Hucitec, 1999.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995.

SOUZA, Maria Luiza. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1990.

TAYLOR, Charles. **La política del reconocimiento**. In: Gutmann. A. **El multiculturalismo y la política del reconocimiento**. Trad. Monica Utrilla de Neira. México: Colecion Popular, 1993.

TEIXEIRA, Elenaldo. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TONIAZZO, Gladis Salete Linhares. **Caminhos da informação na Rede Matogrossense de televisão**. Campo Grande: UNIDERP, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VALLE, Pedro. **A divisão de Mato Grosso**. Campo Grande: Royal Court, 1996.

VANIER, Jean. **A comunidade, lugar do perdão e da festa**. São Paulo: Paulinas, 1982.

WEINGARTNER, A. dos S. **Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul**. Porto Alegre, Edições Est, 1995.

\_\_\_\_\_. *Campo Grande: da emancipação política à atualidade. Série Campo Grande*. Campo Grande, Arquivo Histórico de Campo Grande. II Série, Ed. UFMS, 1999.

WIKIPÉDIA. **Tereré**. Obtido via internet [www.wikipedia.com/terere](http://www.wikipedia.com/terere) . acessado em 21 de abril de 2008.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZAHARAN, Jorge. *TV Morena* – sua história. **Revista Arca**: os meios de comunicação em Campo Grande. N. 1, Campo Grande, MS, 1990.

## **ANEXOS**

**Nome do entrevistado:** *Ruberval Cunha*

**Data:** *19 de fevereiro de 2008*

**Profissão:** *Poeta, repentista e contador de histórias*

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul**

*Conhece bem, através de contatos com amigos que trabalham no meio, leitura de livros e obras locais, além de eventos e jornais.*

**2) A televisão de Mato Grosso do Sul retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Aqui ainda tem algumas barreiras até comerciais [...] tem a parte da venda que eles têm que efetuar e acaba sobrando um espaço menor para divulgação cultural, até pela imposição de mercado”.*

*Ele comenta que as emissoras ligadas ao governo e entidades como universidades e outras organizações, não têm esse vínculo comercial, e oferecem maior espaço para divulgação cultural.*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado?**

*“Na maioria das vezes o que a gente vê vincular sobre Mato Grosso do Sul, infelizmente, não são as notícias de impacto cultural. Costuma ser as notícias de impacto policial. O que ganhou um pouquinho de espaço foi o turismo, ainda, com uma idéia sub-desenvolvida a respeito da cidade e do Estado, o que eles vêem aqui, é a terra da onça, é a terra do jacaré, então, ainda é cercado de um certo exotismo, de um certo misticismo sobre a cidade. As pessoas ainda não tem uma relação de que existe no estado de Mato Grosso do Sul uma produção cultural que é ligada a isso*

**3.1) Essas notícias que valorizam motivos exóticos, como você comentou, elas forçam a formação de um imaginário social, a forma como o sul-mato-grossense se vê retratado na TV?**

*“A imprensa colabora na formação de uma idéia. Nós não temos um fortalecimento para evitar essas influências, quanto maior o esclarecimento, menor o impacto que ela traz”.*

**3.2) Para evitar que aconteça esse impacto na formação desse imaginário, quais os mecanismos necessários?**

*“Mecanismos de apoio, tanto em nível governamental, quanto em nível de organização da própria categoria [...] uma das coisas é tentar estabelecer entre as categorias de governo, uma política de distribuição da cultura regional, da cultura produzida em MS [...] fazer isso circular país a fora, uma caravana levando diversas participações do estado, musica dança, teatro, literatura, contação de historia, etc. E como seria feito isso? Poderia ser feito essa caravana circulando pontos importantes, colocar grupos de intercâmbios entre Mato Grosso do Sul e os grandes centros do país. Nós temos “n” tipos de realizações de feiras, de eventos e de congressos fora daqui, com pessoas de renome, e pessoas que tem espaço e impacto dentro do meio televisivo, jornalístico, para que essas pessoas comecem a tomar noção, comecem a tomar ciência do que é produzido aqui.*

**4) A televisão de MS está preparada para retratar a cultura regional?**

*“Depende da área a ser tratada e das pessoas que estão trabalhando nessas emissoras”. O entrevistado questiona que muitos profissionais entram no mercado sem uma preparação e um conhecimento da cultura local. Ele acredita que parte dela está preparada e parte não e ressalta ainda que é necessário que os profissionais tenham conhecimentos suficientes para*

*lidar com a cultura local e chega a sugerir que muitos artistas, ou pessoas que tiveram uma vivência na arte local, é que estão preparadas para assumir esses papéis.*

**5) Os programas locais colaboram para formação da identidade cultural do Estado?**

*Segundo o entrevistado, falta uma preocupação por parte das emissoras de lançarem novas referências na área cultural. “A grande questão é o quanto eles colaboram e o até que ponto podemos aprimorar esse processo de colaboração”.*

**6) Para o efetivo papel da televisão na retratação da cultura local?**

*“Respeito à diversidade da cultura sul-mato-grossense é diversidade das áreas (culturais) abrindo espaços não só para as pessoas que estão estabelecidas, quanto aquelas que estão chegando no mercado”.*

**7) A TV tem capacidade de mostrar a cultura local sem comprometer o seu conteúdo?**

*O entrevistado se queixa do pouco tempo que a televisão destina às matérias, alegando que ela não aprofunda no conteúdo, trabalha-se com maior intensidade uma parte imagética, mesmo assim, ele acredita que é um espaço razoável para despertar nas pessoas a idéia. Ele alega que depende também da qualidade dos profissionais envolvidos tanto de quem está entrevistando, quanto de quem está sendo entrevistado. Ele comenta ainda da importância do bom trabalho de pesquisa e um conhecimento razoável da área a ser retratada.*

**7.1) Qual a implicância da relação comercial da TV, e de que maneira é possível driblar essa questão criando uma televisão com qualidade cultural?**

*O entrevistado concorda que os programas se apegam a motivos que estimulam a questão comercial, mas ele acredita que existe uma expectativa de inserção de motivos culturais “[...] como um pisca de um vaga-lume, que mesmo na imensidão do escuro, faz brilhar um pontinho. São coisas pequenas que auxiliam numa pequena visão, mas que tem validade num trabalho insurgente.*

**8) O que você entende por regional?**

*“Pra mim o regional, se a gente for pegar a idéia geral, são os traços da cultura local, ainda que em evolução, buscando as nossas raízes da divisão do Estado, as raízes fronteiriças, as raízes das culturas de passagem que acabam contribuindo para que a nossa cultura seja múltipla, que ela seja uma coisa heterogênea. [...] pra mim seriam esses traços da cultura local fazendo a distinção com relação à produção da cultura nacional e a produção da cultura mundial”.*

**9) Cite como deve ser programa regional de televisão.**

*Ele citou o programa Alma guarani da TVE Regional. Para Ruberval Cunha, esse programa é considerado como regional porque ele se mantém em contato com a nossa produção. Para Ruberval, um programa que valorize o que é produzido localmente; que trabalhe com nossos artistas e com pessoas que sejam formadoras de opinião na área cultural, um programa que propõe debates com a comunidade para ver como a comunidade também trabalha isso.*

**10) Qual o elemento regional mais representativo de Mato Grosso do Sul?**

*“É a música pelo poder de penetração que ela tem e pela universalidade que você cria através da música, que às vezes, se você se identificar com o ritmo, não necessita, precisa nem conhecer o idioma.*

**11) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“As televisões detêm cerca de 70% do poder de formação de opinião no país, se você pega em outros locais na Europa, esses índices caem pela metade ou pouco mais. Eu acho que quanto mais você puder diluir esse poder, mais interessante seria para a sociedade, porque as pessoas passariam a ter outro tipo de acesso.*

*Eu acho interessante uma possibilidade de aumento da programação regional que você começa a valorizar as culturas produzidas no país e também porque as pessoas começam a dizer que gostam ou não gostam com uma base maior, precisaria de um tempo de adaptação. Talvez gerasse um estranhamento inicial, porque as pessoas não estão acostumadas, não estão habituadas a isso. Sem contar que isso também vai mexer com interesses financeiros e aí se a gente parar para analisar tem televisões que tem espaços na sua programação com pequenos insighs, alguns comerciais, algumas coisa que falam do regional. Agora é diferente de você ter essas entradas e você ter um programa de meia hora, fazendo 20 minutos de discussão com alguém [...] o que a gente não pode é não permitir às pessoas não conhecerem [...] essa abertura dentro da televisão, tendo um tempo maior de exposição, poderia facultar um espaço maior para as pessoas poderem entrar em contato e decidirem se realmente é bom ou se é ruim. Se isso é o que elas querem ver ou não querem ver. Eu acho que democratizaria mais esse espaço de pensamento das pessoas.*

**Nome do entrevistado:** *Sônia Ruas Rolon*

**Data:** *20 de fevereiro de 2008*

**Profissão:** *Bailarina, professora de dança, diretora e dramaturga em teatro*

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul**

*“Trabalhei muito com a cultura sul-mato-grossense com dança e em pesquisas profundas, porque participamos de festivais fora do Brasil, várias vezes; e em todas as coreografias levávamos a cultura sul-mato-grossense, então fazíamos pesquisas, e com isso descobrimos a riqueza que a gente tem e que muita gente não conhece e nós não conhecíamos. Conheço não digo profundamente, mas conheço a cultura sim”.*

**2) A televisão de MS retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Eu acho que a televisão, o que eu assisto de programas que abordam o tema Mato Grosso do Sul, não é muito rico não, ele não chega a passar a cultura sul-mato-grossense. Ele aborda mais a figura e não a cultura, não vai a fundo na cultura que ele está mostrando, às vezes, se é uma arte, ainda falta muito para mostrar a cultura e não a pessoa propriamente dita”.*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado?**

*“Superficialmente! Muito superficial. Às vezes algumas matérias me frustram, porque, coisas que poderiam falar mais sobre a nossa cultura, sobre nossos costumes, e chama a atenção dos que estão lá fora, pra vir conhecer a nossa cultura. Eles perdem essa oportunidade, acho que é muito superficial, as pessoas terminam não entendendo ou não se interessando, não desperta mesmo a atenção das pessoas para conhecer, é muito superficial”.*

**3.1) Essas notícias auxiliam a formar o imaginário social, de que maneira as pessoas se imaginam sendo retratada em programas nacionais?**

*“[...] pessoas que trabalham com cultura e que apareceram em matérias e que tiveram essa oportunidade, e elas mostram uma certa frustração. Eles filmam coisas mais profundas e na hora, na edição, eles buscam o que é interessante como imagem, como matéria jornalística e não como coisa profunda de cultura. Sentem um pouco frustradas”.*

**3.2) Para o público em geral, que vê essa notícia nacional. Como você imagina que forma o imaginário para essas pessoas?**

*“O público em geral. Eles se sentem privilegiados. Porque a gente está no Mato Grosso do Sul, longe dos grandes centros, de repente a mídia nacional mostra alguma, que não seja droga. Mostra alguma coisa da cultura sul-mato-grossense, acho que eles se sentem privilegiados, e já se sentem também como um ponto de partida para novos conhecimentos. Mas o público vê também com aquele olhar de estar na mídia nacional, ‘pô’ legal, estamos lá, acho que se sentem privilegiados”.*

**3.3) mesmo sendo uma notícia como drogas, como você citou agora, sobre aspectos às vezes até negativos, isso forma uma idéia, um imaginário. O público se sente privilegiado de estar se vendo na mídia nacional.**

*“Não! Ao contrário! Eu acho que a gente conversa com o povo aí que fala: A gente tem tanta coisa boa, paisagens bonitas, temos coisas típicas nossas muito boas, e ficam falando de coisas ruins”.*



**4) Você disse que com a divisão do estado, 30 anos atrás, houve uma certa confusão, uma falta de identificação; há a necessidade talvez, de a televisão identificar esses motivos reais, os motivos regionais que a televisão poderia divulgar, mas ela se apenas a coisas ais fáceis?**

*Outras culturas entraram pra acrescentar ao nosso Estado, cada um trouxe sua cultura, então começaram a mostrar muito, porque é uma coisa bonita [...]. Como a TV é uma coisa mais superficial e mais de imagem do que de profundidade, então eles foram nas coisas bonitas, nas prendas... e, foram esquecendo, eles não se aprofundaram na cultura, ou não buscaram o que restou da nossa cultura, aqui pelo lado de MS, o que as pessoas fazem.*

**5) Os programas locais de televisão colaboram para formação da identidade cultural do Estado?**

*Eu sinto falta de pessoas mais interessadas. Eu acho que os programas locais estão mostrando pessoas, as coisas bonitas que aquela pessoa sabe fazer, mas não vai buscar a raiz. Eu acho que os programas locais são bons com certeza, estão colocando em contato com as coisas que são nossas.*

**6) Em sua opinião, para o efetivo papel da televisão na retratação da cultura regional, é necessário melhorar em quê, ou não é necessário?**

*“É necessário ir mais ao fundo e buscar pessoas antigas [...] eles não tem o incentivo de uma TV, ir lá e falar, “poxa”, isso é importante, isso é cultura, vamos lá, e mostrar na mídia [...].Então a criança não está tendo esse incentivo (de conhecer), isso falta o quê? Falta que a mídia incentive, eles estão lutando com eles mesmos pra tentar conservar uma coisa que dizem pra eles que é muito bom (convencem de que as culturas locais são boas), mas que a mídia nunca disse nada, nem nunca mostrou”.*

**7) A televisão tem capacidade de retratar a cultura local sem comprometer seu conteúdo?**

*“Muitas vezes acho que compromete o conteúdo pela falta de conhecimento de quem fez, de quem foi lá apresentar. Porque não tem conhecimento, então o conteúdo fica prejudicado”.*

**8) O que você entende por regionalismo?**

*“Uma forma que retrata mais ou menos o nosso jeito de viver e que não dá pra gente negar”.*

**9) O que é um programa regional ou como deve ser em sua opinião?**

*“Um programa regional, ele tinha que realmente mostrar as coisas regionais e também, mostrar as imagens bonitas que nós temos da nossa região; incentivar pessoas a virem ver coisas bonitas que tem em outros locais (do Estado). As pessoas que estão ali, como elas vivem e como é que elas fazem. Acho que um programa regional deveria abordar as pessoas, e os lugares onde elas vivem”.*

**10) Cite um programa em Mato Grosso do Sul que você considera regional.**

*(Ela cita o Atualidades) “Ele está buscando, está faltando um pouco de aprofundamento na pesquisa mesmo, de cultura, a culinária, alguns dos costumes nossos”.*

**11) Qual o elemento mais representativo em Mato Grosso do Sul?**

*“A forma de falar. Porque as pessoas daqui falam diferentes [...] a forma de falar identifica a gente quando está fora”.*

**12) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“Ao invés de se dedicarem, buscarem e conhecer a cultura, eles iam se dedicar mais ao jornalismo e a mostrar a criminalidade, copiando o Datena [...] eu tenho medo da coisa aumentar o tempo e gente conhecer muito mais as nossas coisas ruins do que eles irem buscar a cultura e passar pra gente coisas agradáveis.*

**Nome do entrevistado:** Bolivar Porto

**Data:** 21 de fevereiro de 2008

**Profissão:** Fotógrafo

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul, em que grau?**

*“Conheço e convivo até certo ponto com ela, meu trabalho se aproxima bastante, tenho muitos contatos com artistas de várias áreas da nossa cultura, predominante com dança, teatro já que acompanho, fotografo e documento essas manifestações.*

**2) A TV de Mato Grosso do Sul retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Fora a TVE Regional, que a princípio todas elas foram criadas para fazer essa divulgação com um pouco mais de intensidade, os outros canais, acredito, que, por causa dos vínculos às redes às quais elas estão afiliadas, dão um espaço menor do que o necessário, mas entendendo que o papel para o que elas foram criadas não era exatamente este. Com finalidade comercial não se pode esperar que ela dedique alguma dessa programação fora dessa finalidade. Com a criação da TV Pública no Brasil, com a difusão dessas TVs regionais, evidentemente, que a elas deve caber o papel um pouco maior sobre esse universo cultural regional”.*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado?**

*“Infelizmente, de um modo geral, quase sempre de maneira negativa. Nós somos notícia quase sempre por um fator que não é muito favorável, seja por uma ocorrência de dengue, a febre amarela ou tráfico de entorpecente, infelizmente a gente é rota, é porta de entrada, então boa parte do que a gente vê em rede nacional acaba sendo uma propaganda negativa, por outro lado, mas também, infelizmente, em menor número a gente vê algumas matérias que retratam a nossa natureza, mas em termos de cultura regional, eu praticamente não vejo nada. Nossa música é muito forte, temos trabalhos em várias áreas bastante fortes, que ainda, parece que tem uma abrangência somente regional mesmo”.*

**4) A televisão de Mato Grosso do Sul está preparada para retratar a cultura regional, em que grau, dê sua opinião a respeito?**

*“Eu acho que preparada. Inclusive, boa parcela de profissionais que também trabalham na área de comunicação, também desempenham algumas atividades culturais e vice e versa. [...] eu acho que dentro da grade de programação, a cultura não tem muito espaço por uma questão apenas comercial”.*

**5) Os programas locais de televisão colaboram para formação da identidade cultural do Estado?**

*“Poderiam colaborar mais. Essa questão não ocorre só aqui no Estado não, com a globalização cada vez mais disseminada, é muito difícil hoje encontrar, principalmente nos centros urbanos como Campo Grande, Corumbá, Dourados, e em qualquer parte do Brasil. É muito difícil caracterizar a aquilo como ser essencialmente local. Fora a maneira de falar, os hábitos e os costumes, cada vez mais comuns a todas as regiões, e, dificilmente, principalmente em centros urbanos mais desenvolvidos a gente já não vê essa característica colocada como ponto de partida para alguma manifestação verdadeiramente cultural”.*

**6) Em sua opinião, para o efetivo papel da televisão na retratação da cultura regional, é necessário melhorar em quê, ou não é necessário?**

*“Existe aquilo que seria para nós o ideal, se nós observarmos do nosso ponto de vista cultural e educativo, nós temos, digamos assim, alguma coisa que a gente visualiza como sendo ideal. Para o empresário, o ideal é outra coisa, evidentemente, os interesses são totalmente distintos [...] o espaço eu acredito que existe disponível. Com a chegada da TV Digital vai ampliar mais o espaço. Com a internet, hoje, podendo certas áreas competir com a televisão, porque hoje você pode colocar vídeo, você pode colocar conteúdo que pode disponibilizar na internet e estar acessível a todo mundo que tenha um computador. O trabalho de ligar uma televisão e assistir alguma coisa, ou baixar um clipe de um cantor na internet, o processo é praticamente o mesmo. Mas ainda estamos passando, evidentemente, por uma fase de aprendizado de como lidar com essa tecnologia, e a gente já tem notícia de que em algumas partes do mundo, centros mais desenvolvidos, a busca pelo espaço alternativo é ainda maior. Se nós tínhamos quatro ou cinco canais locais, que disputam entre si uma guerra muito grande de concorrência pelo público, em que o conteúdo tem que ser absolutamente popular, a gente vê por exemplo o fenômeno do reality show do Big Brother. A globo poderia estar exibindo um programa cultural naquele horário. Qual o ganho que a globo teria com isso. Ela ganharia, no meu modo de entender, um fuga de audiência para outro canal. O ideal na televisão aberta ainda está muito distante. Você não tem como vencer em determinado campo, você vai procurar o seu campo de batalha para lutar por essa guerra.*

**7) A televisão tem capacidade de retratar a cultura local sem comprometer seu conteúdo?**

*“Capacidade tem, espaço relativo, eu digo, que, se não é oferecido, não é negado. Não é a programação que nós queríamos, porém, eu acredito que já é suficiente”.*

**7.1) Mas no caso de algum exemplo que você tenha visto de retratação de alguma cultura local, de alguma arte, algum aspecto da cultura local pela televisão, que pode ter comprometido ou não seu conteúdo.**

*“Eu acho que qualquer matéria bem feita não vai comprometer seu conteúdo, não é a pauta que vai comprometer. Qualquer matéria muito bem exibida, muito bem produzida, dirigida, trabalhada, pode ser altamente atrativa e contribuir para a melhoria da programação. Ao mesmo tempo em que você pode eleger um tema cujo assunto é de interesse geral, mas que mal produzida, também vai causar prejuízo”.*

**8) O que você entende por regional/regionalismo?**

*“Esse regional pra mim é cada vez mais difícil de ser caracterizado, porque esses limites são cada vez mais amplos e vão se fundindo. Tanto o fenômeno da música sertaneja que era uma coisa regional e era localizada há trinta anos no interior de São Paulo, sul de Minas, norte do Paraná, com sul do antigo Mato Grosso, que era uma coisa regional, hoje já não é regional, é nacional. A música baiana que começou como uma coisa regional, hoje já não é regional. O funk que era uma coisa localizada lá dos morros, dos bairros do Rio de Janeiro, não considera-se regional. Então o regional puro. Eu acredito que hoje ele é mais local, e só é local enquanto não é aproveitado pela mídia. Se você pegar, por exemplo, o cururu lá do interior de Mato Grosso, e em Corumbá, o siriri, se a Globo, ou os empresários, acharem que aquilo lá pode ser consumido nacionalmente, pronto, vira uma febre e já deixou de ser local. Então cabe ao artista, à produção local, manter viva essa chama porque a separação é cada vez maior, onde o local é cada vez local e restrito a uma determinada região, ou ele é uma coisa nacional?”*

**9) O que seria um programa regional, em sua opinião?**

*“O que falasse uma língua local (ele acredita que as TVs Universitárias e a TV regional, educativas) são mais adequadas para lidar com isso. Essas emissoras podem segmentar por artes, exibir matérias culturais sem se importar com tempo. As emissoras comerciais dedicam pouco tempo não tratando a cultura de uma maneira adequada”.*

*(os programas locais) – o aproveitamento dos veículos locais, se eles se preocuparem realmente em fazer esse trabalho de divulgação, e não é só também de emissão, a gente sabe passa muito também por trabalhar a recepção ou seja, nós sabemos que um programa produzido dentro de uma universidade para um público universitário e muitas vezes os próprios universitários não estão interessados em assistir aquilo, encaram muitas vezes como uma exigência curricular, faz parte do seu trabalho, mas a noite não vão assistir à TV regional, vão assistir ao Big Brother, à novela, ele volta pra vida normal.*

**10) Cite um programa em Mato Grosso do Sul que você considera regional.**

*“Exclusivamente regional, o variedades (Atualidades) da TV Morena, que ele é moda, da maneira que passa, todo ele é dedicado ao que acontece aqui, divulga teatro, divulga artes plásticas, fotografia [...] pra mim, em termos, inclusive de produção é o produto mais bem acabado. Todos os sábados a gente vê uma dupla sertaneja, uma paraguaia, um artista local, culinária local retratada, dança, moda. Daquilo que eu acompanho é o que mais se dedica a essa questão e num horário bom.*

**11) Qual o elemento mais representativo em Mato Grosso do Sul?**

*“Lá fora é sem dúvida nenhuma a música”*

**13) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“Altamente danoso!”. Ele argumenta que já existem alguns canais que podem segmentar a produção cultural e educativa. Acredita ainda que a obrigatoriedade possibilitaria a inserção de qualquer tipo de conteúdo na televisão.*

**Nome do entrevistado:** Galvão Pretto

**Data:** 20 de fevereiro de 2008

**Profissão:** Artista Plástico e professor universitário

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul em que nível?**

*“Tive contatos com outros artistas daqui fora daqui, muito antes de vir pra cá”.*

**2) A televisão de Mato Grosso do Sul, retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Superficial, ela só olha numa vertente, ela coloca muito mais na questão comercial, num interesse de capturar um possível patrocinador e vai trabalhando constantemente na tradição, que é algo perigoso, porque a tradição não deixar avançar e deslançar questões que são extremamente ricas nesse caldeirão cultural”.*

**3) Quando são exibidas matérias sobre Mato Grosso do Sul em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado?**

*Olha! Eu já tive a oportunidade de estar fora daqui e perceber isso que você acaba de perguntar e junto com outras pessoas que aqui nunca vieram e no fundo as pessoas acabam até rindo porque a forma de tratamento ainda é muito primária, é como se houvesse aqui somente pessoas que não conseguissem estabelecer um raciocínio mais lógico. Uma outra linha de pensamento, afastada da questão única que vem norteando aqui o Estado há muito tempo, que é esta questão da agropecuária, que é obvio que tem uma importância muito grande para o Estado, mas não se vive só disso, no fundo você tem aí várias outras correntes que permitem que o Estado avance. Lança-se uma determinada atividade, mas as outras vão ficando deterioradas, a partir disso; e aí o que você vê na instância de uma notificação em nível nacional é sempre ligada a questão do bicho, essa repetição.*

**3.1) Essa forma de abordagem que a televisão em nível nacional dá ao Estado, forma o imaginário social, a maneira como o povo se vê representado num programa em nível nacional influenciam na formação do imaginário do povo de Mato Grosso do Sul?**

*Talvez tivéssemos que fazer uma pesquisa junto dessas pessoas pra gente poder perceber melhor como que isso permeia essa formação no imaginário das pessoas. Agora quando eles sinalizam quase sempre para questão do boi, do tutuiú, do veado campeiro, essas coisas todas que tem no pantanal, e abordam o pantanal como sendo único e específico aqui do Estado, coisa que geograficamente é sabido por estatísticas e por conclusões de estudos, que o pantanal adentra outras terras e outros lugares, e aí, no geral as pessoa se fazem dentro desse pertencimento e ficam bastante alegres. Agora, eu acredito que talvez num aprofundamento a gente tivesse algumas surpresas de perceber esse imaginário melhor dessas pessoas.*

**4) Em sua opinião, a TV de Mato Grosso do Sul está preparada para retratar a cultura regional?**

*Inclusive uma vez eu fiquei falando o seguinte, ah! A cultura regional, aí eu pergunto, de que região? Da região sul, sudeste, leste, oeste, brasileira, porque, todas são regionais, aí então, querer deter esse rótulo, essa legenda de que regional pertence aqui, já tem um pouco de engano aí. Agora, é lógico que dá pra entender bem a cultura regional do pantanal sul-mato-grossense ou a cultura regional de alguma outra área que não fosse especificamente do pantanal, porque ele não adentra todo o estado, e essa televisão, pelo que eu acompanhei durante um período e tudo mais inclusive conheci várias pessoas extremamente “feras” trabalhando dentro dessa televisão. Eles buscam manter algum tipo de conduta que a direção estabelece.*

*Eu que já conheci outras televisões e que passei a observar essa também, percebo que ela é uma televisão que fecha muito, não amplia essa relação do local e do universal, ela poderia fazer essa ampliação maior, existem vários outros programas regionais de outras localidades brasileiras que poderiam ser interligados aqui e acrescentariam bastante para as pessoas daqui.*

**5) Os programas locais colaboram para a formação da identidade cultural do Estado?**

*“Eu não acredito muito nisso não. Para que um programa local viesse a colaborar ele teria que estar trabalhando mesmo sem intervenção do que nasce dentro dos seus espaços. Veja um exemplo desses aqui: você tem a viola de cocho já com muitas interferências e no momento em que se discute, às vezes algumas questões ligadas a viola de cocho, as pessoas que tem essa identidade, porque elas que mantêm isso enquanto uma atividade, uma atividade inclusive que na cabeça delas jamais passou, que isso viesse num determinado momento ser catalogado, ser estudado, ser amplificado para uma esfera ali da regionalidade de um bairro, ou de algum tipo de município e que eles fazem aquilo como manutenção de sua área recreativa. A partir disso outras instâncias se apropriam desse movimento que nasce lá, espontâneo, junto com essas pessoas que vão encaixando isso em outras leituras, leituras essas que permitem várias discussões”.*

**6) Em sua opinião, para o efetivo papel da televisão na retratação da cultura regional, seria preciso melhorar em que?**

*‘Teria que fazer uma investigação sobre o assunto’.*

**7) A televisão tem condições de mostrar a cultura local sem comprometer seu conteúdo?**

*Não respondeu*

**7.1) A forma como a televisão aborda aspectos da cultura local, compromete ou não o conteúdo dessa cultura?**

*“Hoje a televisão está lidando com algumas linguagens, e trabalho com a linguagem da fragmentação, para criar o movimento, criar o espetáculo. [...] Acho que teria que tomar alguns cuidados pra que se possa colocar isso, não se pode negar a presença da televisão, a importância dela, mas há de se tomar um cuidado, porque se não, você manipula demais o que é realidade, o que é verdadeiro.*

**8) O que você entende por regionalismo?**

*“Regionalidade é o que trabalha a partir das matrizes (comenta sobre a presença negra em algumas regiões do Brasil – comenta também a presença portuguesa e a sua influência na vida e na religiosidade) Você tem uma regionalidade a partir das matrizes africanas e daí você tem também na chegada da corte portuguesa ao Brasil [...] esse tipo de presença, inclusive com a questão da religiosidade cristã católica com as procissões que elas vão ser diluídas dentro de outras culturas [...] e vão sendo absorvidas e vai virando uma mistura, um sincretismo enorme que vai levar, e que hoje nós temos aí, uma grande rede de cultura se cruzando, as fronteiras estão cada vez mais uma por dentro da outra, você não sabe muitas vezes onde começa uma, onde começa a outra, fundamentalmente se você não é oriundo de uma delas. Quando você é oriundo de uma delas e não perdeu isso no passar do tempo. Não perdeu que eu digo é o seguinte, não é manter isso como uma tradição e cultuar isso, tem que ser assim, assim. É você entender porque e de onde você parte e pra onde você quer chegar.*

**9) O que é um programa regional, ou como deve ser um programa regional de televisão?**

*“É você entender o que você quer comunicar e perceber o que você pode e o que você tem para usar nessa comunicação e tentar perceber bem claro quem é o outro, quem é o outro que vai estabelecer uma via de comunicação. Porque a comunicação é um diálogo, não pode ser imposta”.*

**10) Qual o programa de TV em Mato Grosso do Sul que você considera regional?**

*“Olhares (TVE Regional). Um programa que discute a imagem produzida pela região. E isso é extremamente importante porque ele trabalha com a estética local, com o pensamento que as pessoas produzem e sem estar estabelecendo questão de tradição”.*

**11) Qual o elemento regional mais representativo de Mato Grosso do Sul em sua opinião?**

*“O céu daqui”. A luminosidade do céu do Estado é bastante peculiar na opinião do entrevistado.*

**12) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“Se a questão for levantada com os cuidados que merecem, porque você acaba tendo as possibilidades de atingir ao público em geral com programações que passam na TV hoje que são de qualidade pra esses grupos pra quem esses programas são feitos, deveriam assegurar um espaço mais qualificado para que essas pessoas tenham acesso, e não para atender técnica e juridicamente uma defesa [...]”.*



**Nome do entrevistado:** Cândido Alberto da Fonseca

**Data:** 25 de fevereiro de 2008

**Profissão:** jornalista, cineasta e documentarista

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul em que intensidade?**

*“Quase que nominalmente, até porque boa parte do meu tempo livre eu tomo como agitador cultural, eu conheço a biografia do trabalho das pessoas que venceram nos seus trabalhos”.*

**2) A televisão de Mato Grosso do Sul retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Capenga! É a palavra que eu posso dizer. Ela tem [...] Quando você vê resultado do trabalho regional dessas televisões, vai constatar que culturalmente os responsáveis pela produção da notícia ou da visibilidade da informação sofrem da mesma ignorância, porque eles não conhecem a cultura regional, não sabem distinguir uma pauta. [...] no momento em que você tem que sentar e fazer uma pauta para noticiar, dar visibilidade a essa cultura [...] mistura “alhos com bugalhos”. Não existe uma perspectiva de linguagem, embora a uniformidade faça parte da notícia, como repetição, etc, faz as pessoas não achar o toque regional, e hoje em dia que se faz necessário e qualquer processo de informação”.*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado em sua opinião?**

*“Existe um clichê que é só violência. Mato Grosso do Sul não tem essa visibilidade, porque a própria mídia está limitada, por compromisso de diretores com o governo, apesar de isso ser negado constantemente, existem compromissos em que o fator notícia em cima da criminalidade do colarinho branco, que é enorme em MS, não é notícia.*

*Mas culturalmente, o turismo está levando essa mídia para retratar alguma coisa para mostrar que não é só violência na fronteira, mortes, etc”.*

**4) Em sua opinião, estas notícias, esse clichês, que impacto têm na formação do imaginário social?**

*“Ninguém gosta de ser mostrado como um Estado onde o que impera é a violência, mas é isso que falta na formação da TV regional e na própria TV nacional, que é um processo e critérios de comparação de estatísticas. Tem os fatores que são notícias que são as imediatricidades de um crime, de uma coisa hedionda, apreensão de drogas na fronteira, que é o que mais sai, contrabando de soja, antes, porque agora nem está tanto. Essas coisas é que faziam a imagem do Estado, o “Estado do 44” que era já o preconceito antigamente, que aqui só tinha pistoleiro [...] e o fator notícia de Mato Grosso do Sul, continua sendo essas peculiaridades, mas que não é só isso. Mas isso também tem uma responsabilidade, porque isso faz parte de uma política de informação do próprio Estado. As secretarias, os órgãos de comunicação, eles não tem, nem discutem, nem fazem um planejamento em função dessa atividade. Nunca um governador chegou para o secretário de comunicação, que eu saiba, nós temos que mudar a imagem do Estado “aqui, ali e ali”. A única coisa que eu vejo é “faz um folder aí porque que eu to levando pra Inglaterra e o diabo a quatro”. Um folder mostrando as belezas [...] isto não é mudar a imagem do Estado porque é uma informação restrita. A informação massiva como deveria ser, ela tem, desde a orientação na escola, na universidade e nos meios de comunicação, funciona de uma maneira capenga, e logicamente isso influencia no imaginário”.*

**5) Os programas locais colaboram para formação da identidade cultural do Estado?**

*“Eu acho que colabora porque tudo que há visibilidade há reflexão, mas também reflete essa identidade, porque ela não existe de uma maneira ordenada. Ela não contribui para esse ordenamento, embora use muito da retórica sobre identidade regional, e não existe um trabalho profundo analisando isso. E isso faz parte de um processo da academia”.*

**6) Para o efetivo papel da televisão na retratação da cultura local é necessário melhorar em quê?**

*“A primeira coisa fundamental que a gente tem que esclarecer é a organização da categoria, dos artista, dos produtores culturais e inclusive dos produtores de notícias. Até o sindicato funciona de uma maneira capenga [...] Então eu acho que coisa fundamental é organização das categorias. Depois a consciência dos indivíduos que produzem arte, cultura, porque tem trabalhos coletivos, mas às vezes é só retórica, é um que chefia, é um que manda, a coisa sempre tem um lado individual, é a própria consciência, significado das suas pequenas colaborações para fazer parte do sistema e prejudica próprias mudanças na sistema”.*

**7) A TV tem capacidade de mostrar a cultura local sem comprometer o seu conteúdo, em que grau?**

*“Ela compromete sempre no momento em que ela é maniqueísta. Mesmo quando você fala da objetividade da noticia, a noticia nunca é objetiva, ela passa por um processo de escolha do jornalista, do repórter, do editor e da direção. Lógico que em matérias culturais as pessoas nem olham direito, mas exatamente por falta de critérios, elas contribuem para que as coisas não andem bem. Todas tecnicamente têm condições de mostrar bem (a cultura) [...] seus recursos humanos precisam de mais formação e mais compromisso”.*

**8) O que você entende por regionalidade?**

*“É tudo aquilo que é produzido numa determinada região, significa que você ser regional, não, necessariamente, precisa pesquisar folclore, pesquisar a cultura local, você pode refletir sobre o mundo, uma vez que a informação é globalizada. O problema do individuo regional são as peculiaridades, que podem ser mostradas de uma maneira moderna ou de uma maneira conservadora, ou de uma maneira antiquada, todas podem ser mostradas com muita qualidade ou podem ser mostradas com uma péssima qualidade, além de tudo com o discurso do auto-elogio que é péssimo e tem o discurso da intenção que é aquele que é o start para reflexão sobre qualquer trabalho. Sobre o trabalho da televisão, sobre do jornalista, sobre o trabalho da própria pessoa que está atuando como produtor cultural, porque o jornalista, embora talvez não saiba, é um produtor cultural”.*

**9) Como deve ser um programa regional, em sua opinião?**

*“Você precisa ter uma referência técnica sobre o projeto, apresentar projetos e apresentar critérios e nunca deixar de exercer, dar visibilidade ao processo crítico, e os programas aqui não fazem isso”.*

**9.1) Cite um programa**

*“Tinha o meu, Ruralidades, que era regional sem ser regionalista. O programa rural é um programa regional. O programa Atualidades da TV Morena é concebido para ser regional, porque existe uma obrigatoriedade de grade. O programa do Picarelli é um programa regional, se você for analisar dentro de uma grade, esse programa, o povo na TV, porque agora tem o Picarelli com você e o povo na TV, é um programa regional.*

**9.2) Você falou que o programa Ruralidades é um programa regional sem ser regionalista. Poderia definir melhor essa diferença.**

*“O regional é tudo que é produzido na região. O nosso é a notícia produzida nessa região, é da região, mais a maneira de contar a história de uma matéria. Quando você fala do programa rural, você já imagina tereré, problema de ter muito aqui, musiquinhas sertanejas e tal.*

**10) Qual o elemento regional mais representativo de Mato Grosso do Sul?**

*Acho que o grande ícone da cultura sul-matogrossense é o pantanal e a bovinocultura, acho que é um grande achado que Humberto (Espíndola) fez, e, que adquiriu características próprias, que é o significado da bovinocultura, que ao mesmo tempo significa ignorância e significa regionalidade.*

**11) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*Eu acho que não é só uma questão de lei, é uma questão de compromissos [...]. Eu acho que primeiro a universidade deve preparar seus jornalistas, seus artistas, para exercerem certas funções dentro do processo da Televisão, porque é uma outra linguagem, e as televisões treinarem seus técnicos para começarem a analisar a cultura, e como aplicar seu conhecimento na cultura regional, não é só uma questão de lei, também é uma questão de compromisso e de competência técnica. Não adianta você ter um programa regional que o cara vai virar a televisão para procurar uma a cabo acho que aí é absurdo, você tem que se solidificar como consciência regional para você aplicar ao mercado de trabalho [...] o mercado de trabalho tem que ter uma consciência porque se não houver uma consciência não há esse retorno que todo mundo espera, porque uma televisão aberta funciona em cima de audiência e de publicidade.*

**Nome do entrevistado:** *Fernando Cruz*

**Data:** *25 de fevereiro de 2008*

**Profissão:** *Diretor de teatro, ator e preparador de atores*

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul e que intensidade?**

*“Conheço até que legal, tanto por pesquisa, por leitura como por acompanhar mesmo a produção através de documentários, matérias de TV, cinema e de ir nos locais, conhecer os lugares, conhecer as histórias, procurar ir de encontro dos fatos mesmo, as provas materiais”.*

**2) A televisão de Mato Grosso do Sul retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Acho muito pastiche, ela é muito pastelada, muito caricata, a gente tem uma caricatura, o regional é um tuiuiu é uma arara, é um pantanal, não contemplando a diversidade cultural que o Estado tem”.*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado em sua opinião?**

*“Como o ‘Estado do narcotráfico’ ou ‘do pantanal’, as duas coisas. O lado ecológico, só vendo o pantanal, se esquecendo do cerrado, até mesmo da complexidade e da riqueza que o pantanal tem, voltamos na caricatura do pantanal.*

**3.1) Essas informações ajudam a formar um imaginário social. Como você vê a recepção do público em reação das notícias veiculadas em mídia nacional?**

*“Tem um impacto mais negativo, a pessoa se vê retratada dessa forma, ela também não se vê pertencendo a isso porque não é só isso que acontece aqui. Ela vai perdendo um pouco do valor que ela tem, ela não é valorizada, porque não tem um grau de importância devida, acho negativo esse enfoque”.*

**4) A TV de Mato Grosso do Sul está preparada para retratar a cultura regional?**

*“Preparada acho que está tecnicamente, dá pra ver que a gente tem um infra-estrutura legal de mídia, tanto de tecnologia e de espaço [...]. Acho que ela ainda é mal aproveitada no momento em que ela ainda tem essa função de projetar essa imagem pasteurizada da cultura local. Esses canais poderiam ser mais aproveitados, e tem pessoas legais, acho que falta espaço, espaço para produção mesmo”.*

**5) Para que a televisão cumpra com o efetivo papel na retratação da cultura regional é necessário melhorar em quê?**

*“Se olhar melhor, se valorizar mais, porque tem muita coisa para pesquisar, tem muita coisa para mostrar, tem muita coisa para registrar, e que não é feito, então acho que é dá mais valor, assumir mais o que tem como importante. Não é dada a importância devida, à riqueza e à diversidade cultural que a gente tem”.*

**6) A TV tem capacidade de mostrar a cultura local sem comprometer o seu conteúdo?**

*O entrevistado acredita que ela tenha sim, e reconhece que o estado tem uma grande riqueza cultural para ser exibida.*

**7) Sua opinião do que é regional ou regionalidade?**

*“Regional é o que caracteriza o lugar dando seu valor dentro de um universo maior, dentro de um universal [...] o que identifica mesmo o lugar, um registro próprio de um local e por ser*

*tão importante tem um significado universal então ele não pode ser pasteurizado, embaladinho como qualquer produto não”.*

**8) Como deve ser um programa regional na sua opinião?**

*Um programa que contemple a diversidade cultural do Estado, quanto à música, quanto à memória, quanto aos fatos históricos, quanto ao espaço histórico e quanto à diversidade natural mesmo, do cerrado, do pantanal e da mata, etc.*

**9) Cite um programa que você considera regional.**

*“O Olhares (TVE Regional) era um programa com entrevistas onde cada entrevistado, por ser da região poderia falar com mais liberdade sobre o assunto.*

**10) Qual elemento regional mais representativo do Estado?**

*O tereré me impressiona. Em cada cidade do interior [...] todo mundo tem uma garrafa, tem uma cuia, faz uma roda, é muito forte. O tereré, as rodas de pessoas, é muito legal, por causa do calor. A música eu acho muito forte. A presença da polca, do chamamé e de outras teorizações musicais a partir disso, e da alegria que gera na festa, isso é muito peculiar daqui, a gritaria, detalhes muito interessante, dá uma cara bem própria.*

**11) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“Acho positivo, não vai por bem, vai por mal! Põe uma lei em cima, é positivo porque a gente não fica refém de uma cultura pronta, que já vem embalada que não tem nada a ver com a gente muitas vezes, é o que a gente tem essas televisões de massa hoje, a gente recebe um produto pronto que vai pra qualquer lugar sem respeitar, acho que a gente tem que ter um diálogo entre cultura, acho que a gente tem que estar informado de tudo que rola no mundo. A gente não pode receber só isso em detrimento do que é produzido localmente”.*

**Nome do entrevistado:** *Rodrigo Teixeira*

**Data:** *17 de março de 2008*

**Profissão:** *Jornalista, músico e produtor cultural*

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul em que intensidade?**

*“Acho que de uma intensidade grande, desde os dez anos que eu vim pra cá do Rio Grande do Sul e acompanho inclusive como agente cultural desde 1986”.*

**2) A televisão de MS retrata a cultura regional de que maneira?**

*“Acho que a televisão de Mato Grosso do Sul está retratando pouco, e na maioria das vezes caricatural, acho que falta uma reflexão”.*

**3) Quando são exibidas matérias sobre Mato Grosso do Sul em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado?**

*“Existe um clichê muito grande assim do pessoal de fora retratar Mato Grosso do Sul, mais através do pantanal, ou falar de Bonito ou essa coisa mais da agropecuária. Então, culturalmente, acho que ainda televisão brasileira em termos nacionais não descobriu Mato Grosso do Sul”.*

**3.1) Esses clichês, essas informações mais fáceis, talvez sejam as mais veiculadas por outros meios também. Qual a implicância que tem retratar sempre a mesma coisa como você falou, retratar o pantanal, Bonito sempre recorrendo as mesmas informações. Qual a implicância que isso tem na formação do imaginário social em sua opinião?**

*Eu acho péssimo porque você acaba tendo uma visão míope do regional, acaba focalizando só num aspecto a cultura e o restante não, por ex. quando você fala muito do pantanal, a cultura urbana, a produção tanto da música e todas as áreas, acabam ficando prejudicadas e não sendo vistas.*

**4. Em sua opinião a TV de Mato Grosso do Sul está preparada para retratar a cultura regional?**

*“Está preparada sim, é uma questão só de querer, mais vontade política, até porque hoje em dia está muito mais fácil fazer televisão do que antigamente. Hoje em dia você com uma “camerazinha” digital, você faz televisão. A nossa afiliada da Globo aqui tem todas as condições das afiliadas do Brasil inteiro. Acho que a questão passa menos pela tecnologia e mais pelo conhecimento e pela vontade de se mostrar, e o espaço que também é pouco”.*

**5) Os programas locais colaboram para a formação da identidade cultural do Estado?**

*“Depende. Eu acho que não, eu acho primeiro que eles têm muito poucos programas, se a gente parar pra pensar quais são os programas culturais que a gente tem na televisão aberta por exemplo, a gente tem o almanaque (Atualidades) que é semanal, da TV morena”.*

**6) A televisão como meio de comunicação tem condições de mostrar a cultura local sem comprometer seu conteúdo?**

*“Com certeza sim, é só querer e eu acho que na verdade isso aí tem que influenciar, é uma ação e reação”.*

**7) O que você entende por regional?**

*“Acho que regional é aquele produto televisivo ou da mídia e que é voltado para questões que acontecem neste espaço delimitado chamado Mato Grosso do Sul. Regional é isso, não*

*quer dizer que tenha que se focar só o lado rural, o lado agropecuário da nossa cultura até porque Campo Grande tem uma cultura urbana desde a década de 60. Acho que regional é isso, você focalizar as questões ligadas as área que a gente vive”.*

**8) Como deve ser um programa regional de televisão?**

*“Ele tem que cobrir a cena local de diferentes aspectos, desde a questão da informação, da agenda, do que está acontecendo, quais os eventos que vão ter”.*

**9) Qual o programa de TV em Mato Grosso do Sul que você considera regional?**

*“Tem o Povo na TV que é um dos programas mais antigos daqui, que tem uma vertente mais policialesca e os programas da TVE que acabaram, já não valem mais”.*

**10) Qual o elemento regional mais representativo de Mato Grosso do Sul em sua opinião?**

*“Acho que o elemento mais representativo é esse cheiro, esse vento sul-americano que a gente tem, essa mistura fronteira que a gente tem com a Bolívia e com Paraguai. Esse é o nosso diferencial do resto do Brasil. Esse vento que vem dos Andes, essa amálgama que juntou com essa fronteira nossa que foi dilatada dos séculos XVIII e XIX em que a gente conseguiu chegar mais perto do Paraguai e da Bolívia. Enquanto a gente não entender isso e não entender que a gente é uma porta também do pacífico, que a gente tem uma ligação, um corredor cultural que liga a argentina com o Paraguai e Uruguai, a gente não vai pra frente. Então eu acho que essa sul-américa que existe aqui é o nosso grande diferencial”.*

**11) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*Eu acho que é só benefício, existe uma lei que tramita no Congresso Nacional há anos, que é dos trinta por cento de produção regional na TV, e por causa de lobby não consegue passar. E se a gente pegar, por exemplo, o Rio Grande do Sul, onde a RBS faz praticamente 50 por cento de produção local, e todas as produções locais tem mais IBOPE, mais audiência do que as próprias produções da Globo, a gente vê um exemplo que é pra todo Brasil. É uma lei que teria que acontecer, iria gerar emprego para muito gente, iria profissionalizar os profissionais ligados a televisão, iria forçar um olhar mais pra dentro da cultura local.*

**Nome do entrevistado:** Samuel Medeiros

**Data:** 22 de fevereiro de 2008.

**Profissão:** Escritor

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul, em que grau?**

*“Conheço razoavelmente, através dos livros que são editados no Estado e por obras de arte que tem nos museus e outras manifestações musicais pro exemplo, de relevo no estado que eu conheço”.*

**2) A TV de MS retrata a cultura regional de que maneira?**

*Retrata muito pouco. Única coisa são as vinhetas que a globo está mostrando as cidades do Estado e ocasionalmente os programas noticiários. Os programas regionais mesmo são poucos na TV aberta. A TV Pantanal que é uma TV fechada tem alguns programas, mas de acesso a pouca gente. Eu tenho acesso porque tenho a TV a cabo, mas não é toda população que tem. Então acho que isso é uma falha e deve ter mais programas nas TV abertas, por exemplo SBT, TV Record e Globo.*

**2.1) Sobre os programas que você conhece, você acha que eles retratam bem ou mal.**

*“Eu acho que eles retratam bem o pouco que mostra. Eu pouco vejo programas em geral, programas de auditório, programas populares como música sertaneja, essas manifestações eu não tenho costume de ver. Acho um pouco falho nessa questão de mostrar mais profundamente o que vem fazendo no Estado. Parece que a televisão tem medo de colocar uma matéria mais séria e mais profunda ao alcance da massa então eles ficam jogando na superficialidade. (cita o exemplo do Atualidades que nunca colocaram uma edição de livro) [...] Até hoje livro vem sendo lançados durante a semana, está tendo acontecimentos e eles se preocupam mais é com os programas de sertanejo e apresentações de outras coisas, é uma falha, eles tem medo de inferir nas coisas mais sérias, o que está acontecendo nas universidades nas palestras de desenvolvimento cultural mais sérias da cidade”.*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado?**

*“Quando o estado é veiculado em matéria nacional em geral é de maneira depreciativa por causa, principalmente por questão da nossa região ser de fronteira e a questão de tóxicos e essas repercussões que causam uma declaração infeliz do governador que vai pro Brasil inteiro. A cultura mesmo daqui às vezes eu vejo na Globo news alguma coisa que eles prestam atenção, mas é muito pouca coisa, falta difusão ainda”.*

**31) Essas matérias depreciativas elas tem um impacto na formação do imaginário da sociedade de Mato Grosso do Sul. Como que as pessoas se imaginam quando vêem uma matéria em nível nacional?**

*“Eu tenho a impressão de que tem um impacto relativamente bom. As pessoas não aprendem sobre Mato Grosso do Sul e ainda tratam o estado como Mato Grosso, ignoram que Campo Grande é a capital, e a linguagem fica sobre esse ponto aí. A única maneira em que Mato Grosso do Sul se projetou foi com a escola de samba, mas que gerou uma série de controvérsias. O estado quis se projetar nacional, achei muito boa aquela idéia do governo, caiu numa contradição por conta do nosso meio de vida e o dinheiro que saiu, a pobreza do Estado e o dinheiro que saiu para aquela promoção. Eu achei muito boa, mas tem pessoas que não acham, e acham que não valeu, acho que essa medida tem que ser melhorada”.*



**4) A televisão de Mato Grosso do Sul está preparada para retratar a cultura regional, em que grau, dê sua opinião a respeito?**

*“A televisão está preparada, eu acho que ela tem os elementos que estão aí, nós temos ótimas manifestações é só usar, mas isso depende da vontade dos empresários, da vontade de motivar esse pessoal a mostrar o que nós temos coisas muito boas, artistas novos e emergentes e pode ser nas artes plásticas, no cinema, na poesia e na música. Falta é incentivo. Mecanismos temos, temos boas empresas de publicidade temos tudo no Estado”.*

**4.1) Especificamente sobre o meio, a televisão em si, o que precisaria para retratar efetivamente a cultura regional?**

*“Um dos grandes reclames da sociedade civil é a questão da TV Cultura, a nossa TV de CG que está até hoje parada, está inútil, está lá sem funcionar, o canal está mostrando a TV Brasil com as imagens péssimas, que todo mundo detesta e o governo está perdendo de mostrar os programas nacionais. Na FM regional está pecando também pela falta de objetividade nos programas culturais que eram muito bons, e eram programas interessantes ouvidos por muita gente. Isso é que está faltando, colocar para funcionar a televisão e o rádio com programas culturais”.*

**5) Os programas locais de televisão colaboram para formação da identidade cultural do Estado?**

*“Eles colaboram pouco porque os programas que eu assisto, que eu tenho acesso eles são dirigidos para grande massa, e a grande massa as vezes não é a cultura brasileira. Queremos levar a cultura para a grande massa, o que está espelhando é uma outra forma de mostrar a cultura, que é a cultura de massa, é o sertanejo por exemplo [...] parece que acharam só esse filão, então falta eles descobrirem os outros também”.*

**6) A televisão tem capacidade de retratar a cultura local sem comprometer seu conteúdo?**

*“Tem. Tem meios porque nós temos profissionais habilitados para isso. E já mostraram isso no passado e agora pode estar trabalhando”.*

**7) O que você entende por regional/regionalismo?**

*São as manifestações dos artistas locais, os artistas que produzem e fazem a sua arte em MS, refletindo os costumes, a identidade das pessoas que nasceram e viveram aqui, que por meio dos costumes que são dessa parte do Mato Grosso do Sul, que tem logicamente uma influência paraguaia, nós somos ligados a essa identidade com guarani e essas coisas formam a identidade SM e que é diferente da de Cuiabá.*

**8) Como deve ser programa regional em sua opinião?**

*“Deve primeiramente colocar uma agenda de atividades direcionada a todas as artes daqui, e prestigiar o artista local e descobrir novos talentos mas descobrir coisas boas e fazer pro exemplo uma certa checagem, uma análise para colocar esse pessoal no ar”.*

**9) Cite um programas em Mato Grosso do Sul que você considera regional**

*O entrevistado cita programas da TV Pantanal e considera também como regional também “Picarelli com você” que mostra alguma de cultura nos bairros.*

**10) Qual o elemento mais representativo em Mato Grosso do Sul?**

*“Turismo, sobre Bonito. Na cultura temos a literatura que está despertando para muita coisa boa e essa cultura que foi difundida nacionalmente é essa cultura das artes plásticas, do boi. Eu sei que tem inserção em São Paulo e outros estado que é a obra do Humberto Espindola”.*

**11) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“Eu não sou favorável que haja essa obrigatoriedade do governo impor para as emissoras particulares a dedicar um horário para a cultura regional [...] Ia haver muita confusão, muita porcaria, gente que queria preencher o tempo para cumprir a lei e a gente ia acabar sendo prejudicado, acho que não devia, devia ter outro tipo de incentivo para as emissoras, talvez uma isenção fiscal ou coisa assim para que elas realmente valorizassem a parte boa cultural do estado e trabalhassem em conjunto com as secretarias e as fundações, do município ou do Estado, para selecionar as coisas boas para serem projetadas”.*

**Nome do entrevistado:** Lenilde Ramos

**Data:** 25 de fevereiro de 2008

**Profissão:** Cantora e compositora

**1) Você conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul e que intensidade?**

*“Eu consideraria intensidade total, porque eu acompanhei o nascimento, a formação e o desenvolvimento da cultura de Mato Grosso do Sul desde os primórdios, estou completando este ano 56 anos e posso considerar pelo ao menos meio século dedicado a cultura de MS”.*

**2) A televisão de Mato Grosso do Sul retrata a cultura regional de que maneira em sua opinião?**

*“É uma situação quase catastrófica, porque a cultura de um lugar, não depende só daquela coisa antiga que era muito importante de você passar as informações via oral, você ia contando as histórias, por isso as lendas sobreviveram e chegaram até nós, mas os meios de informação são um ponto vital para a disseminação da cultura e para o desenvolvimento da cultura e para a geração, essa coisa, a cultura é dinâmica. Infelizmente os meios de informação que temos aqui em Mato Grosso do Sul não dão espaços...”*

**3) Quando são exibidas matérias em programas nacionais de televisão, como esses programas retratam o Estado em sua opinião?**

*“A mídia é responsável pela imagem do estado de Mato Grosso do Sul, tanto dentro dele quanto fora, então muito do que as pessoas consideram, do que as pessoas acham nos outros Estados brasileiros em relação a Mato Grosso do Sul é gerado pelo que a mídia passa, então a mídia poderia muito bem estar vendendo uma imagem, dizer mais positiva é muito clichê, mas existe muito material que a mídia está relegando e que poderia estar veiculando pro Brasil todo. Então a mídia tem muito a dever para Mato Grosso do Sul., para cultura de Mato Grosso do Sul e e pela imagem de Mato Grosso do Sul também”.*

**3.1) Essas matérias que são exibidas em nível nacional, nem sempre são o que há de melhor....”**

*“O que a gente vê, a mídia segue um padrão, não sei quem é que dita esse padrão, não sei se é o mercado, se são os diretores das emissoras mas é um padrão que sempre vai em cima do crime, da situação econômica [...] quando se fala em Mato Grosso do Sul para o Brasil a pessoa vai primeiro ter aquela idéia de drogas, vai ter a idéia de um Estado agropecuário mas fica muita coisa positiva fora desse clichê porque o padrão não permite”.*

**3.2) As pessoas começam a ver Mato Grosso do Sul a partir do que é visto na mídia. Como você vê que o sul-mato-grossense se enxerga a partir dessa divulgação?**

*“Eu acho que o grande público SM se acomoda porque ele é dependente dos meios de comunicação e uma minoria só que se movimenta que luta para ter mais espaço mas a grande maioria se acomoda e aceita o que o veículo oferece e não questiona, porque os grandes veículos fazem o mesmo; e eles estão só seguindo o exemplo dos grandes. [...]É um circulo vicioso porquê se o MC gera interesse cultural o público vai fomentando isso e responde com produtos novos... mas acontece que esse ciclo vicioso vêm a grande TV com os pacotes prontos, o que chama mais atenção? [...] o tele diário quando não tem notícias que chocam não gera interesse, ele é obrigado a colocar o que choca, eles escancaram muito mais os crimes e as coisas mais hediondas. As novelas também que tem pouca cena de cena ou violência baixa o IBOPE, e esse ciclo vicioso, um ato alimenta o outro, então sofre o grande público e os meios de comunicação também sofrem...”*

**4) A TV de MS está preparada para retratar a cultura regional? Você acha que as emissoras de TV têm condições de propor ações interessantes que resultariam numa divulgação cultural?**

*“Se eles quisessem sim, porque nós formamos uma geração toda de profissionais da área de comunicação e você pode ver pelo número de monografias tanto de graduação, de mestrado e doutorado que são voltados para a cultura de Mato Grosso do Sul, se você fizer esse levantamento é muito grande e significativo o número de pessoas do meio acadêmico que se preocupam com a cultura de MS. Nós temos profissionais capacitados e interessados, nós temos emissoras que estão se preocupando em se atualizar tecnicamente, com bons equipamentos, com boas redes de transmissão, nós estamos vivendo um momento muito importante [...] as emissoras estão investindo na transmissão direta, estão chegando nas cidades. A rede está toda montada. O que precisa é ter um interesse da direção dessas emissoras para que eles voltem a investir mais em programas próprios que retratem a cultura de Mato Grosso do Sul de uma maneira dinâmica. O que eles imaginam pensam que esses programas são chatos, que estes programas não dão audiência e por isso imediatamente eles descartam esses programas”.*

**5) Os programas locais colaboram para formação da identidade cultural do Estado?**

*O que tem de programa local que fale mais da identidade cultural? Eu não tenho lembranças de programa que se dedique a essa identidade cultural de Mato Grosso do Sul. O que está acontecendo são inserções dentro do jornalismo, alguns programa, entre matérias de moda ou de tendência focalizam um pouco do trabalho cultural, mas é muito pouco. O que eu tenho visto mesmo o trabalho cultural, mais nas agendas.*

**6) A TV tem capacidade de mostrar a cultura local sem comprometer o seu conteúdo, em que grau?**

*“A TV é uma ferramenta tão poderosa que ela poderia muito bem investir num trabalho, num conteúdo cultural sem provocar uma inversão de valores. A TV tem que investir em programas culturais para provar que os programas culturais tem retorno de público.*

**7) O que você entende por regional ou regionalismo?**

*“É o que se produz naquele lugar, é o que se produz naquela região, é a identidade daquela região, é isso que eu entendo como regional”.*

**8) Como um programa regional ou como deve ser?**

*“Ao mesmo tempo em que regional pra mim é a identidade de um lugar, essa identidade hoje está muito mesclada, está muito sujeito ao conhecimento dessa identidade. [...] Nós temos uma identidade que tem variações por causa da dinâmica da vida mesmo dos contatos de tudo, mas eu acho que a televisão é uma das ferramentas mais poderosas não só para armazenar essa identidade, para se preservar essa identidade, mas para divulgar essa identidade para novas gerações.*

**9) Cite um programa que você considera como regional em sua opinião.**

*Ela fala de um programete da TV Campo Grande que traz informações sobre as cidades do Estado. “[...] acho que aquilo é um trabalho interessante [...] é uma idéia que eles poderiam ampliar para começar a fazer programas que mostrem um pouco mais de cada município desses, então aqueles drops você vê um pouco do lado turístico, do lado econômico, do lado cultural.*

**10) Qual o elemento regional mais representativo de Mato Grosso do Sul?**

*“[...] a identidade cultural de Mato Grosso do Sul é uma belíssima colcha de retalhos onde nos temos a influência das pessoas que vieram do interior de Minas, do interior de São Paulo, nos temos uma influência grande da fronteira com Paraguai, etc. [...] nós temos uma cultura muito moderna também dos intelectuais daqui que mesclaram essa questão de raiz, a nossa expressão cultural é muito isso. Eu acho que é uma cultura que acabou no início as pessoas achavam que não tinha identidade e hoje eu acho que é uma cultura bem completa, porque ela tem um pé muito forte na raiz e um pé muito forte na modernidade e a junção dessa raiz com essa modernidade aqui em Mato Grosso do Sul gera um contemporâneo que tem um sentido muito novo em termos de Brasil.*

**11. Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*O dia em que os dirigentes entenderem o valor que tem a televisão como ferramenta, eles investiram tudo que eles podem na televisão [...] pra educação, imagine programas que facilitem a compreensão de conteúdos, a compreensão da história, a compreensão da nossa realidade da nossa identidade, o valor que tem isso pra educação, o valor que tem isso para as comunidades, o valor que tem isso para a sociedade [...].*

*[...] Infelizmente, se as pessoas não chegarem a essa compreensão naturalmente, se existisse, uma lei, essa lei seria positiva por que pelo ao menos, se as emissoras tivessem que dedicar 20% da grade delas para uma programação cultural, seria muito positiva.*

**Nome do entrevistado:** *Indiana Marques*

**Data:** *20 de fevereiro de 2008*

**Profissão:** *Artesã*

**1) Você Conhece a cultura regional de Mato Grosso do Sul em que intensidade?**

*“Está no movimento, misturada com o povo da musica, do teatro da literatura, vernissagem, lançamentos de livros etc”.*

**2) A TV de Mato Grosso do Sul retrata a cultura regional de que maneira?**

*”Eu acho que ela não é bem representada, não é envolvente. Não envolve os jovens. Eu acho que a nossa mídia em cima da cultura ainda é muito pouco”.*

**3) Quando são exibidas matérias sobre Mato Grosso do Sul em programas nacionais de TV, como esses programas retratam o Estado?**

*“De primeira mão a gente sempre fica feliz por que está passando. Eles não nos colocam bem, a maioria quando cita o nosso Estado até o nome sai errado. Nós não somos bem conhecidos nacionalmente. Nós não temos uma identidade nacional, ‘Ah! isso é MS, não tem! [...] então eu vejo que ninguém conhece a gente, então quando tem alguma coisa apresentando a televisão você quer assistir, você quer ver. Eu ainda acho que não usam o profissional daqui, eu ainda acho que está faltando [...]*

*[...] Quando vão fazer uma programação eu acho pobre, é só o pantanal que existe [...] pensa-se que só existe o pantanal em MS, nossa riqueza se constitui no pantanal”.*

**4) A televisão de Mato Grosso do Sul está preparada para retratar a cultura regional.**

*“Eu não sei se ela está preparada, eu gostaria que estivesse. Eu gostaria que tivesse programas, nós não temos programas locais, só tem aqueles programas que a gente não pode dizer que é cultural. Ah! Atualidades! O que tem lá, pouca coisa, mas é só o que a gente tem. É triste ‘né’, se resumir tudo em Atualidades, que mostra a parte mesmo, sete ou dez minutos no máximo. Nós não temos programas culturais. Eu não vejo nada de cultural em Globo, Record, SBT, eu não vejo! Vejo timidamente este programa aí, o Atualidades”.*

**5) Você acha que a televisão não está preparada?**

*“Acho que está preparada sim, porque que eles realizam grandes programas e reportagens, ganharam até prêmio de reportagem nacional. Preparo tem, não tem é interesse, acho que não tem interesse de trabalhar com a cultura, de certo que não rende financeiramente, que não dá IBOPE. [...] As pessoas de hoje em dia estão crescendo muito e estão interessadas, acho que tem condições sim, acho que falta os diretores deles verem que isso aí sustenta, faz uma história e dá sustentação cultural, pra um Estado como o nosso. Eu acho que é necessário”.*

**6) A televisão tem capacidade de mostrar a cultura local sem comprometer seu conteúdo?**

*“Eu acho o contrário, que o dia em que ela trabalhar bem em cima da parte cultural e contar bem em cima da parte cultural, contar a nossa história e contar de que forma a gente vive, nós vamos ser reconhecidos melhores e mais valorizados, inclusive em tudo, em outros setores também, saindo até do âmbito cultural [...]. Eu acho que está tudo por fazer dentro das nossas emissoras”.*

**7) O que você entende por regionalismo?**

*“É nossa vida, nosso cotidiano, nosso dia-a-dia, eu to aqui, estou inserida, no meu estado, de como meu povo vive, de como meu povo come, de como meu povo vê as coisas, e regionalismo pra mim é isso. Eu acho que não tem aquela preocupação de achar que tudo que é regional é brega, tudo que é regional é pequeno por ser regional. A gente até deixa de ser regional em determinadas horas, eu sou mais regional quando saio de Mato Grosso do Sul e vou me envolver e me envolvo muito com meu setor fora, eu tenho uma maior preocupação de olhar pro meu regional porque quando você está inserido você é o regional, regional é você que faz parte da história e faz a história [...]”.*

**8) Qual o elemento regional mais representativo de MS na sua opinião?**

*“Querem que seja o pantanal”.*

**8.1) Você concorda?**

*“O pantanal é lindo, então eu concordo, o cerrado é lindo, o povo é lindo também. Todo mundo que está aqui e tem muitos outros ícones que tem em nosso estado e que marca bem a nossa história”.*

**9) Na hipótese de uma lei que obrigasse as emissoras de TV Aberta a abrir um determinado espaço para programação regional, qual seria a implicância dela na cultura local?**

*“Eu adoraria que esse projeto passasse, virasse lei, porque a hora em que for uma obrigação, mesmo, que a gente não tenha muita gente preparada, informada no meio, mas eles podem se formar, eles podem trabalhar, eles podem se preparar. Eu acho que essa falta de compromisso com as nossas raízes e a nossa cultura, limita, até deixa que muita gente trabalhe nessa área, estuda se prepara”.*